



THE LIBRARY







7  
Oct

74

C.



# CASAMENTO E MORTALHA

NO

## O CASAMENTO E MORTALHA :

ROMANCE ORIGINAL

8328 / conro  
DE

JULIO CESAR LEAL



PERNAMBUCO :

Typ. da America rua de Paulino Camara n. 28

1876



Digitized by Google



868,91473  
DC

---

**ROMANCE**

---

**B.J.P. RAMOS.**

20019313

# CASAMENTO E MORTALHA NO CEO SE TAIHA

---

## PRIMEIRA PARTE

*O Mendigo do Lavradio*

### I

Ouçam-nos e comprehendão a verdade do pensamento que serve de título ao presente conto.

A experiência nascida de bem formuladas apreciações, o raciocínio firmado em verdades transcendentes e philosophicas leva-nos a crêr, naturalmente, que o casamento é um facto importantíssimo na vida do homem e na serie sucessiva das famílias de que se compõe a sociedade.

A mulher veio ao mundo, necessariamente, para ser companheira eterna do homem e germinar o gênero que mais elevado e perfeito atesta as grandezas soberanas de um Creador Infinito.

A mulher esposa é o anjo do lar, é o symbolo da Virgem do Evangelho, que exerce na terra a mais sagrada das missões—a missão de mãe.

Deus não confia existencias privilegiadas senão aos casais virtuosos e purificados pelos laços indissoluíveis de uma união sagrada.

O mundo marcha para seu fim, para a realisação da presciencia e omnipotencia do Creador. Tudo está previsto e ab eterno decretado.

O casamento e a mortalha no céo se talham.

Eis o facto :

## II

Na grande cidade, capital deste imperio, morava, em 1859, na freguezia do Engenho Velho e nas proximidades da Tijuca, onde está hoje estabelecido o ponto terminal dos *bonds*, um pobre homem, que vivia exclusivamente das esmolas colhidas à entrada do portão do edifício a rua do Lavradio em que funcionam as lojas maçônicas do Grande Oriente do Brazil.

Chamava-se elle Paulo de Oliveira, era portuguez e tinha então 64 annos de idade e na companhia de sua esposa idolatrava, em carinhos incessantes, uma linda e formosíssima menina, unica filha que lhe confiara Deus, já aos 50 annos de existencia.

Celina era um anjo nas formas e no coração, pura e simples como pode ser a gôta do orvalho ou a nivea florzinha do prado, que não conhece mais do que a bri-

sa, do que os raios do sol da primavera, o pallido clarão da lúa e os pingos frios do sereno...

Celina amava extremosamente seus pais, depois delles sua affeição concentrava-se n'um pequeno jardim plantado por suas mimosas mãos, ao lado da velha e pequena casinha onde vira a luz da vida.

Pobre, muito pobre, era comtudo feliz ; porquê não pensava no futuro, nas modas, na riqueza e em todos esses passatempos que constituem hoje o capricho e a gloria das mulheres elegantes.

Trabalhava muito, trabalhava sempre, desde o romper do dia até a hora em que seu velho pai se recolhia com o obulo da caridade dos maçons do Lavradio.

Celina tinha 14 annos.

Uma noite, era no dia 20 de Novembro de 1859, Celina cozia junto á sua mãe e cantava.

De repente, ao toque das 10 horas, levantou a cabeça de sobre a almofada e disse repassada de amor e ternura :

— Maizinha são 10 horas ! Não achas que o pa-pai demora ?

— Parece, minha filha, respondeu-lhe a mãe ; comtudo, bem sabes que ha hoje sessões magnas em tres lojas e essas sessões acabam tarde.

Celina contentou-se com a explicação que lhe dera sua mãe e continuou a cozer. Seu espirito, porém, estava inquieto, um vago presentimento comprimia-

lhe o coração. Levantou-se, pozi a almofada sobre a mesa e correu á porta da rua.

O luar estava encantador. Serena e doce brisa, embalsamada pelo perfume das magnolias e dos jasmines espalhava por toda a larga estrada da Tijuca— bello e suavissimo aroma. Ouvia-se, apenas, ao longe, o indolente rumorejar das palmeiras e os pios compassados dos reptis da noite.

Momentos depois o rodar de um carro, que se aproximava rapidamente, tirava Celina da grande melancolia em que se achava e a enchia de terror.

O carro parou á sua porta.

Sem que podesse prever ao certo quem nelle vinha a encantadora menina saltou á rua e correu á portinhola.

— E' meu pai ! Gritou ella. Meu Deus ! O que lhe aconteceu ? !

— Tranquilli-se, minha senhora, foi um pequeno desmaio, respondeu-lhe formoso e elegante mancengo que acabava de apear e ajudado pelo bolieiro procurava carregar em seus braços, para conduzir a casa, o velho Paulo de Oliveira, completamente desfalecido.

Celina, como se houvesse momentaneamente perdido a razão, precipitou-se na frente dos dous que conduziam seu pai e foi atirar-se de encontro ao seio de sua mãe, que nesse momento chegara á porta e perguntava o que era.

Copiosas lagrimas lhe saltavam dos olhos, os so-

luços embaraçavam-lhe a voz e um tremor horrivel tirava-lhe as forças do corpo. Soltaram-se-lhe os braços que acabava de lançar em volta ao pescoço de sua mãe e faltando-lhe a luz dos olhos cahio por ter perdido os sentidos.

Paulo de Oliveira fizera a pé toda a viagem da Tijuca ao edificio do Lavradio, chegara muito fatigado e se conservara recostado á porta principal da entrada desde às 6 até às 9 horas da noite. A' esta hora, pouco mais ou menos, sentio repentinamente uma forte dor de cabeça e instantes depois cahio redondamente sobre a lage accommittido por uma syncope, que durou até meia noite.

Na occasião em que o infeliz velho era victima de tão inesperado encommodo descia para retirar-se o maçon Carlos Augusto, moço de 24 a 25 annos e dottado de coraçao bemfazejo.

Ao velho estirado e sem sentidos correu ao portão e chamou um carro que por alli passava nesse momento, collocou o doente com alguma difficuldade sobre as almofadas e conduzi-o á casa.

Carlos Augusto sabia onde morava o velho Paulo de Oliveira, mas ignorava completamente que tivesse elle uma filha tão formosa e tão excessivamente amante do autor da sua existencia. Ao ver Celina, não pôde conter um movimento de espanto. « Oh ! disse elle consigo, como é encantadora ! »

Celina nem se quer reparara no semblante do homem que acabava de sahir do centro da corte, onde

ven e deixou-lhe ver o semblante pallido, mas extremosamente lindo, da encantadora donzella.

Os olhos de Celina encontraram-se com os de Carlos e ambos os jovens estremeceram visivelmente como se houvessem tocado sobre uma pilha magnetica !

Como se explicam estas affeicoes rapidas, quasi sempre duradouras e eternas, de dous coraçoes que sentem pela primeira vez os attractivos do amor ? !

Oh ! é um sagredo da natureza, que embalde tentará o homem penetrar !

Carlos Augusto fora creado na corte, na mais alta roda social, era filho do visconde de B..., frequentava bailes e theatros, via a todos os instantes as mais lindas donzellias com as quaes entretinha relacões de familias e jámais sentira por nenhuma o que acahava de experimentar por Celina,-- uma sympathia irresistivel, um amor tão verdadeiro e sublime como se a conhecesse ha muitos annos !

Os gostos são como os rostos, pensamos nós ; assim como não ha rostos semelhantes não ha tambem sympathias.

As naturezas moraes enclinam-se reciprocamente impellidas pelos mesmos principios, pelas mesmas tendencias e affeicoes. E, demais, aos coraçoes bem formados falla sempre muito alto a natureza, a simplicidade e a innocencia.

Carlos vio e admirou no semblante de Celina os traços indeleveis de uma natureza enriquecida por dotes puros e reaes.

existiam tantas e tão raras bellezas, para admirar extasiado a pura e candida florzinha dos campos, que habita o albergue triste da pobreza !

Seus olhos e seu coração estavam fitos em seu pai e ao vel-o desmaiado sentio que a aguda setta de uma dor horrivel traspassava-lhe o peito !

Carlos Augusto impellido pelo nobre sentimento da caridade procedeu como lhe cumpria para com a desventurada familia. Passou todo o resto da noite á cabeceira do leito do infeliz Paulo, enquanto que Marianna, esposa deste, fazia voltar á si a interessante filhinha e procurava animal-a com as seguintes palavras :

— Teu pai está melhor Celina, graças ao auxilio que nos tem prestado o cavalheiro que o trouxe, já se assenta e conversa com bastante animação.

— O cavalheiro que o trouxe ? ! Perguntou Celina. Ah ! continuou ella, onde está elle, mãizinha ?

Nesse momento fallava Carlos Augusto á porta do quarto da formosa menina.

— Adeus, minhas senhoras. O Sr. Paulo está muito melhor, eu lhe mandarei um medico e a noite voltarei a vel-o.

— Oh ! sim... respondeu Celina, volte e nós lhe ficaremos ainda mais agradecidas.

Marianna veio á porta e apertou com affecto a mão do seu bemfeitor.

Nessa occasião uma pequena fresta favoreceu ao jo-

III

Cumprindo a palavra que dera apresentou-se Carlos em casa do velho Paulo ás 7 horas da noite.

Encontrou-o ja de pé; assentado em antiquaria poltrona e cercado da esposâ e da filhinha, que o animavam com suas palavras repassadas de um verdadeiro e puro affecto.

— Papai, dizia Celina, como se chama aquelle moço, que o conduzio até aqui ?

— Carlos Augusto. E' um excellente coração, caridoso e sincero. Nunca sahe do Lavradio, que não me dê sua esmola. Respondeu o velho.

— Oh ! como é bemfazejo ! Não é muito commum em sua idade encontrar-se caracteres assim. E' rico ou pobre ? Perguntou ainda Celina.

— E' rico, minha filha, filho e herdeiro unico do visconde de B... .

— Do visconde de B... ? ! articulou Celina, arrancando em seguida do intimo do coração um doloroso suspiro.

— O que tem o visconde de B. . ? Perguntou Carlos Augusto, que nesse momento acabava de entrar e ouvira a exclamação de Celina.

— Nada, respondeu a candida menina, abaixando os olhos, é o nome do pai de V. S.

— E tambem de V. Exc. se o Sr. Paulo o permittir.

— Como ? ! Interrogou Marianna, apertando a mão do recem-chegado.

— Da maneira seguinte, minha senhora, disse Carlos, com o maior desembaraço. Desde o instante em que vi sua encantadora filha que amo-a. Pensei durante o dia no meu futuro e na minha felicidade e resolvi-me a pedir ao Sr. Paulo a mão de sua mimosa e idolatrada filha.

O velho come se houvesse sido despertado de um pesadêlo deu um salto na poltrona e fixou os olhos em Carlos, que ao pronunciar as ultimas palavras levava ousadamente aos labios a dextra da donzella, que não se atrevia a levantar os olhos.

— O senhor está gracejando, Sr. Carlos ? ! Oh ! por piedade ! não venha com taes palavras fazer palpitar o coração de minha pobre filha, até hoje indiferente e morto ao sentimento de amor ! ... Disse o velho Paulo erguendo-se a custo, e proseguio : Somos pobres, pobrissimos, como sabe, não podemos sonhar eom a ventura de unir o anjo do nosso lar, a filha do nosso coração á outro que não seja tão pobre como ella. O senhor está gracejando ! ... Mas repare Sr. Carlos, que taes gracejos não são bons...

— Juro-lhe, senhor, pela minha honra, que digo sómente a verdade ; anhelo, ambiciono a mão de sua filha. Articulou o mancebo.

— E seu pai ? ... Teve acaso o consentimento delle ?

A esta pergunta o resoluto joven ergueu a fronte,

ao impulso talvez de um amor proprio exagerado, de uma liberdade que não lhe cabia, e fitando os olhos no ancião disse, com vehemencia e firmeza :

— Os pais não podem legislar sobre o coração de seus filhos !

— Lá isso é verdade. Articulou Marianna.

— Não é verdade tal, Sra. Marianna, exclamou o velho, o que é verdade é que as mães não acham dificuldades nem impossiveis quando se lhe falla alguma vez no casamento das filhas ! Tudo para ellas é facil ! muito facil... o futuro, porém, sempre lhes mostra a verdade. O senhor está muito moço, proseguiu elle voltando-se para Carlos, não tem estudado ainda bem o caracter de seu pai... acostumado a ver satisfeitas as suas vontades crê, talvez, que esta de que se trata é tão simples e natural como todas as outras que tem tido ! Engano, Sr. Carlos, engano ! Os pais que são nobres, titulares e ricos dispõem, sim senhor, dispõem do coração de seus filhos.

— Pois o meu é a exceção desta regra Sr. Paulo halbuciou o joven e assentou-se pensativo.

— Está triste ? Perguntou Celina.

— Não. As palavras de seu pai foram-me ao intimo do coração ! Elle tem a experienca da idade e a sabedoria da experienca !... Mas, que importa ?? Celina, eu amo-te e só vejo um poder capaz de apartar-me de ti, o poder divino !

Celina abaixou os olhos e deixou que duas lagri-

mas crystalinas como as gotas do orvalho do céo lhes corressem quentes pelas faces rubras.

— Sr. Carlos, disse o velho, alterando o silencio, que reinou por alguns instantes, eu lhe agradeço o elevado conceito em que tem esta pobre familia ; agrade-lhe a franqueza com que patenteou-me sua affeição por minha filha ; agradeço-lhe ainda os actos de beneficencia que nos tem espontaneamente dispensado... mas, sou forçado a dizer-lhe que minha filha não foi talhada para o senhor ! E, antes que o seu sentimento se torne mais profundo e o capricho, a condolencia e a paixão se aninhem no coração desta menina : peço-lhe, Sr. Carlos, peço-lhe pelo amor de Deus, que não se lembre mais disso...

— Meu pai !... balbuciou Celina.

— E se eu obtiver o consentimento do visconde ? perguntou-lhe Carlos.

— Oh ! não obterá, digo-lhe eu. O senhor principia a sonhar ! E' um dos prejuizos do amor, Sr. Carlos. A imaginação usurpa os direitos e as prerrogativas da intelligencia. Experimente, leve ao conhecimento de seu pai a primeira inclinação do seu amor, depois volte e venha dizer-me o resultado ! Saiba, porém, que estou disposto a pagar o sacrificio com o sacrificio ! Podre, como sou, não lhe darei minha filha contra a vontade de seu pai !

— Pois bem, vou satisfazer a sua ordem. Meu pai acha-se em casa neste momento, confessar-lhe-hei o que sinto e esperarei pela sentença !...

Carlos Augusto levantou-se, tomou o chapéo e sahio apressadamente.

Marianna julgou opportuna a occasião para fazer ao marido alguma considerações á respeito da felicidade de sua filha. Segundo ella, quer o visconde quizesse, quer não quizesse, desde que fosse esta a vontade do rapaz, casal-o-hia com Celina.

Celina aprovou com toda força a opinião de sua mãe, achou-a muito boa e razoavel.

Paulo, porém, permaneceu inabalavel no seu modo de entender.

— Basta de conversa á tal respeito, Sra. Marianna, articulou elle, ha de ser o que Deus quizer. . .

#### IV

Eram dez horas da noite desse mesmo dia. O visconde de B. residia então na rua do Senado, em uma linda casa de sua propriedade ; estava á mesa do chá e já havia perguntado por seu filho e ordenado ao criado que o avisasse de que pretendia fallar-lhe, quando elle apresentou-se.

— Oh ! Estás muito passeader, Carlos ! desde hontem que desejo fallar-te sem que me deis occasião para isso ! disse o visconde sorrindo-se.

— E' verdade meu pai. Hontem cheguei muito tarde, quasi pela manhã. Estive a cabeceira de um doente...

— Ah ! déste agora para enfermeiro ? ! Quem é o teu doente ?

— Um pobre velho.

— Bem. Sempre te conheci assim, humanitario, bemfazejo... e esmoler... Mas o velho não terá por ahí alguma filha bonita ?... perguntou o visconde.

Carlos não respondeu, assentou-se junto à seu pai e beijou-lhe a mão. O visconde parecia-lhe advinhar, e essa pergunta maliciosa sobre o motivo principal de sua chegada contrariava muito o mancebo.

— Luiz, retira-te por alguns momentos, disse o visconde ao criado.

O sobresalto de Carlos foi extraordinario. O que teria seu pai para dizer-lhe ? suspeitaria alguma cousa sobre o seu amor ?... Não era possivel ! O coração batia-lhe com força e um suor frio inundava-lhe o corpo ! Esperou silencioso.

— Carlos, vou dar-te uma noticia muito boa : Quero casar-te. Disse o visconde.

— Casar-me ! articulou Carlos, deixando comprehender o seu espanto.

— Sim. O casamento tem grande influencia na felicidade ou na infelicidade do homem ; ora, ninguem poderá desejar a tua felicidade mais ardente mente do que eu ; logo cumpre-me escolher a virtuosa mulher á quem deves ligar a tua sorte.

— E se eu já a tivesse escolhido, meu pai ? Perguntou Carlos.

— Eu respeitaria tua escolha, se ella fosse digna de ti.

— Pois bem, confesso-lhe que o procurava agora mesmo para esse fim, para dizer-lhe, que amo de todo o meu coração e de toda a minha alma a uma joven, digna, muito digna de lhe dar o nome de filha.

— Sim ? ! Quem é ella ? . . Queres ver, que tu andaste adiante de mim ? Fallas, seguramente, da formosa Lucilla ? ...

— Da filha do marquez de A...? ! Perguntou Carlos.

— Pois de quem ha de ser ? Foi o marquez em pessoa quem veio propor-me este enlace, e eu desejo-o de todo o meu coração.

— Oh ! meu pai ! . . Bem longe estava eu de pensar, que se tratava de Lucilla ! Não é della que eu lhe fallo, é de outra mais formosa ainda.

— Quem é ?

— Celina, a encantadora filha do infeliz Paulo de Oliveira, respondeu o joven.

— Paulo de Oliveira ? ! Não conheço ! Qual é a posição desse senhor ? Onde mora ?

Carlos estava enbaraçadíssimo, não sabia por onde principiasse ! Acabava de comprehender, que o experiente velho da Tijuca avançara sómente proposições verdadeiras quando se oppozera ao seu pedido. A realidade se lhe apresentava sem cortejos, revestida das tintas indeleveis do desengano e da desgraça !

— Então ?... não fallas ?! perguntou-lhe o pai, olhando-o attentamente.

— Vou ser-lhe franco, meu pai, muito franco ; porque entendo, que outro não deve ser o meu procedimento. Celina, é uma menina pobre, muito pobre ; porém tão cheia de virtudes, tão virgin, como a flor-zinha do deserto, que é vista apenas pelo céo, pelos astros e por Deus !

— E aonde foste descobrir esta deidade ! esta belleza rara ?... Quem são seus pais ?

— Seu pai é um pobre velho, que mora no fim da estrada da Tijuca, em uma casinha isolada, triste como pode ser a habitação da virtude e da miseria.

— Que !! exclamou o visconde de B., fallas por acaso de Paulo de Oliveira, o mendigo do Lavradio ? !

— Oh ! meu pai ! não se expresse nestes termos ! A verdadeira virtude não pode morar no palacio, abriga-se no antro da miseria, na choupana da desgraça ! A pobreza e a moral são os dous anjos terrestres da salvação do homém !

— Pobre rapaz !... Então, queres casar, com a filha daquelle esfarrapado, que se põe toda noite á porta do grande oriente, pedindo esmolas aos maçons ? ! E foi na cabeceira do leito desse homem, que passaste a noite de hontem ? !... Tu estás doido, Carlos ? !

Carlos abaixou a fronte entresticida e envergonhado.

— Seria mais facil, continuou o visconde, permitir que fosses frade, (eu que sempre abominei as

confrarias,) do que sancionar, pelo meu voto, semelhante casamento ! Pois que ! Perdeste acaso os brios do teu sangue, do teu nome e de toda a tua familia ? ! Esqueceste, que és filho de um fidalgo, que tem sabido manter as honras e as jerarchias do nobre tronco a que pertence ? !

— Não comprehendo jerarchia superior a da virtude, principalmente, quando o virtuoso é pobre, disse Carlos. E permitta meu pai que lhe diga : Julgava ter herdado do seu talento esta sentença sublime !

— São arroubos de poeta, loucuras da juventude, quasi sempre funestas aos moços da tua idade. Mas eu aqui estou para conter-te. Amanhã conversaremos largamente sobre isto. Espero, que a noite de hoje será conselheira poderosa para o teu espirito exaltado. Vai deitar-te Carlos. Deus seja em tua companhia.

E o velho visconde levantou-se, tomou uma vela que ardia sobre a mesa e recolheu-se.

Carlos, alheio á si proprio, dominado por mil pensamentos oppostos, ficou submerso na mais profunda melancolia ! A imagem de Celina estava gravada em seu espirito, e as palavras do infeliz Paulo vinham comprimir-lhe o coração.

— Oh ! meu Deus ! tudo está perdido ! Articulou elle. Foi um sonho !...

Ergueu-se authomaticamente, encaminhou-se ao quarto e atirou-se corpo e alma sobre o leito.

Carlos não dormiu, pensou e soffreu durante a noite.

Celina vio tambem amanhecer o dia assentada á janella do seu aposento, que dava para o jardim.

A lua clara e cheia, lançava o seu pranteado reflexo sobre o pallido rosto da donzella e convidava-a a scismar.

— Meu Deus ! exclamou Celina, arrancando um profundo suspiro bem do intimo de sua alma, que noite tão comprida ! Quanto me custa a passal-a ! . . .

E a aurora despontou no horizonte, os cantores da madrugada sahiram de seu ninhos e saudaram o Criador... Celina tinha os olhos fitos no céo... orava fervorosamente. . . . . . . . . . . .

Passou-se o dia e Carlos não apareceu ! Passou-se a noite ; mais outro dia ; mais outro ainda e nem uma noticia do mancebo !

Entretanto, nem os esposos, nem a infeliz menina ousavam pronunciar o nome do perturbador do seu socego ! Todos soffriam ; Celina, porém, soffria muito mais do que seus pais !

Oh ! quanto é doloroso e cruel um sorriso enganador da esperança lançado no seio de uma família desvalida !

A felicidade consiste na resignação, no contentamento da sorte, na harmonia e na paz. Há muito mendigo feliz por este mundo... Mas, se o pobre, o

proscrito da sociedade, chega um dia a sonhar com a ventura perdida... ai delle !...

No quarto dia depois do seu encommodo Paulo de Oliveira foi ao Lavradio e recolheu-se ás 9 horas da noite.

Celina e sua mãe esperavam-no ansiosas, passeando na estrada.

— Viste o Sr. Carlos ? animou-se a perguntar-lhe Marianna.

O pobre velho sentiu que a mão de sua filha estava gelada e tremula.

— O que tens, Celina ? perguntou elle, sem responder a sua mulher.

— Nada, meu paizinho ; não tenho nada... V  
mamãe está perguntando pelo Sr. Carlos...

— Não sei, não o vi, disse o velho.

Entraram em casa. Sobre uma mesa pequena e velha ardia triste e sombria lamparina projectando pallidos clarões pelo pequeno espaço da sala ; razão porque Marianna e sua filha não repararam logo na lidez mortal do infeliz Paulo.

— Paizinho, disse a candida menina, lançando-lhe os braços ao pescoço, sou eu agora quem lhe pergunta : Não vi o Sr. Carlos, não ?

— Não, minha filha. Recebi, porém, uma carta sua, que ainda não abri.

— Uma carta ? ! exclamaram as duas.

— Sim, uma carta e antes de lê-la parece-me ter advinhado o que contem...

E sentaram-se ao redor da mesa. Houve um silencio de alguns minutos. Paulo tirou a carta do bolso e abriu-a, chegou á si a lamparina e leu-a.

Eis os termos em que era concebida :

« *Sr. Paulo de Oliveira.* — Meu pai não consentiu de maneira alguma que eu me case com sua filha.  
« Obediente como sou e humilde á vontade do autor  
« de minha existencia sou forçado a sacrificar o meu  
« ardente e verdadeiro amor ás suas ordens, que são  
« sempre para beneficio meu. Ha dias que não vou ao  
« Lavradio. Inclusa remetto-lhe esta quantia para as  
« suas necessidades.—Seu amigo—*Carlos.* »

— Que miseravel ! exclamou Marianna, cheia de colera.

Celina ouvio a leitura da carta. Logo em principio abaixou a cabeça sobre a mesa e assim se conservava no mais profundo silencio.

— Não é miseravel, senhora Marianna, é um tólo, um criançola, que não tem vontade propria, articulou Paulo de Oliveira. Deus o conserve por lá muitos annos e que nos deixe em paz ! Quanto ao seu dinheiro amanhã lh'o devolverei. Não aceito esmolas por tal preço.

E Paulo tirou de dentro da carta uma nota de cem mil réis, que passou á sua mulher.

— Quanto é isto ? Perguntou Marianna.

— E' nada. O valor do dinheiro estás em relação a forma porque se o obtem. Peço esmola e recebe-a pelo amor de Deus ; mas não aceitaria rios de di-

nheiro em troca de minha honra e da dignidade de minha familia.

Ao pronunciar as ultimas palavras reparou Paulo em sua filha, que com a testa encostada sobre a borda da mesa, não dizia nada.

— Celina ! Celina ! gritou elle.

E a menina não respondeu.

Marianna assustada levantou-se e embalde tentou desperta-la !

Celina tinha perdido os sentidos !

## VI

Conduzida ao leito por seus pais, no dia seguinte a infeliz menina inspirava serios e dolorosos cuidados. Uma febre horrivel subira-lhe ao cerebro e a collocara em tresvarios.

O medico chamado para vel-a, não achara bom o seu estado, affirmando ao desdoso Paulo, que se não melhorasse, até o dia seguinte, correria risco sua vida.

No dia seguinte Celina estava peior, o doutor vio-a e com bastante pesar declarou aos pais, que ella nao escaparia.

Entretanto, contra a expectativa do medico, havia cessado o tresvario, a febre como que abandonava-a e a doente dormia profundo e descansado sono.

Paulo de Oliveira não poude resistir á tantos e tão

dolorosos encommodos, fraco, abatido e impresso~~sado~~ pelo desgosto cahio por sua vez na cama.

Marianna estava só e os seus cuidados dobravam de dia para dia, ao passo que os doentes peioravam !

Um dia, logo pela manhã, o infeliz marido chamou-a e a fez assentar-se no leito.

— Como está nossa filhinha ? perguntou elle.

— Vai melhor. Diz o medico que escapou, recomenda, porém, muito cuidado. Celina está fráquissima, tem um fastio horrivel e não se esquece um só instante daquelle maldito homem... respondeu-lhe Marianna.

— A proposito. Devolveste-lhe os cem mil réis.

— Devolvi-lhe.

— Fizeste bem. Estava me encommodando aquele dinheirc.

— Entretanto, meu amigo, estamos sem real ! Hontem já não pude dar um caldo a nossa filha !

— Coitadinha ! Oh ! Marianna ! o que fizemos á Deus para sermos assim tão desgraçados ?...

E os dous esposos deram expansão ao sentimento profundo que os dominava, choraram abundantemente.

O estado de Paulo não era menos assustador que o de Celina. Na sua idade era impossivel resistir á tantos e tão repetidos golpes.

— Marianna sahio desesperada a procura de quem a soccorresse ; foi ao padeiro que não lhe quiz fiar o pão.

— Seu marido já nos está a dever seiscentos réis, disse-lhe o proprietario da padaria, portuguez de seus cincuenta e cinco annos, e senhor de muitos haveres,

Outro tanto respondeu-lhe o carneceiro, apontando-lhe para um letreiro enorme que tinha prégado na parede :

« Em casa de carneceiro —  
Só entra quem tem dinheiro. »

E Marianna voltou para casa banhada em pranto.

Ao ouvir seus passos, Célina chamou-a com voz fraca e arrastada.

Marianna enchugou as lagrimas e entrou no quarto.

— Minha māizinha, disse a donzella, volvendo-lhe os olhos amortecidos, estou sentindo agora alguma vontade de comer.

— Oh ! minha filha ! minha pobre filha !... bradou a desgraçada māi e dobrou-se sobre o leito escondendo o rosto com as māos.

— Meu Deus !... Não chore minha māizinha ! Eu comprehendo... não ha nada, não é assim ? Não importa... Deus mandará... A mamāi já não crê em Deus ? !

— Oh ! sim, creio, minha filha ; mas ha dous dias que nos falta dinheiro e não ha quem nos socorra ! Teu pai está muito doente e eu não posso afastar-me daqui ! . . .

— Maizinha faz-me um favor?...

— Falla.

— Escreva em meu nome ao Sr. Carlos, peça-lhe para vir até cá.

— E se teu pai souber!! A presença desse homem será capaz de matá-lo.

— Tenha a maizinha a porta fechada e logo que o Sr. Carlos chegar recommende-lhe que o não procure...

## VII

Lancemos uma vista retrospectiva á casa do visconde de B... para termos notícia do que por lá se passou no dia seguinte ao em que os dous, pai e filho, não chegaram á uma solução satisfactoria.

Logo pela manhã preparava-se Carlos para sahir quando seu pai mandou-lhe dizer que lhe viesse fallar ao gabinete.

— Estou ás suas ordens, meu pai.

— Aonde vais?

— Dar um passeio á S. Christovgo.

— Adiarás a viagem. Tenho um conselho a dar-te e um favor a pedir-te.

— Falle, meu pai, que eu o escutarei com muito gosto.

Carlos assentou-se.

— Quero que me falles com franqueza, Carlos, disse o velho visconde, batendo-lhe a mão nte

no hom̄o, estás deveras apaixonado pela filha de Paulo de Oliveira ?

— Oh ! meu pai !... juro-lhe, que amo-a e quasi que estou certo de que Celina é a esposa que me depara o céo.

— Pois bem, vejo e comprehendo que não é pequeno o sacrificio que pretendo exigir de ti, entretanto forçoso é que me obedeças. O conselho que tenho a dar-te é que não voltes a casa desse homem ; e o pedido, que embarques amanhã mesmo no paquete inglez com destino á Europa. Dar-te-hei bastante dinheiro para te divertires e lá ficarás o tempo que quizeres. Aceitas ?

Carlos estava petrificado ante a attitude hostil que tomára seu pai e não se animava a responder-lhe uma palavra. Que fazer ? Sua educacão fora sempre severa e desde muito menino que se acostumara a respeitar todas as ordens de seu pai. O conselho que lhe dava era difficult de tomar e o pedido que lhe fazia oppunha-se completa e decididamente á todos os seus projectos.

— Então ? Não tens que reflectir sobre o que te propouho. Estás muito moço e uma viagem longa te aproveitará em demasia. Estudarás convenientemente a sociedade, verás milhares de milhões de mulheres bonitas e acabarás por convencer-tedé que a tua deidade está muito á quem de uma formosa italiana ou de uma coquete portugueza. Isto de amores são loucuras da mocidade inexperiente como a tua, impressões rápidas

e momentaneas que só tem de real a paixão dominante de algumas horas, o capricho quando muito, ou um idealismo poetico que não passa de loucura. Escreverás ao velho Paulo, dir-lhe-has que eu me oponho ao teu casamento e que tens por costume obedecer-me, ajuntarás á tua carta uma esmola avultada, cem mil réis, dinheiro que elle nunca viu em sua vida e estou certo de que tudo voltará perfeitamente a seus eixos. A menina te esquecerá facilmente ; porque a fallar-te verdade, não creio que lhe houvesse passado pelo espirito um só instante a honra e a felicidade de desposar o filho de um fidalgo !...

E o visconde ao pronunciar as ultimas palavras tirou papel de dentro de uma pasta e convidou o filho a assentar-se na carteira.

Carlos era um authomato, pegou na penna e escreveu o que o visconde lhe ditou e que os nossos leitores já conhecem, e a carta seguiu o seu destino.

O joven recolheu-se ao quarto e deu expansão á dor profunda de sua alma chorando e maldizendo a sua sorte.

No dia seguinte estava tudo prompto para a partida e ás 11 horas do dia Carlos abraçava seu pai, recebia sua abenção e lançava á bordo do *Douro* ultimos olhares de saudade e amor para as bandas da Tijuca...

## VIII

Marianna, attendende ao pedido de sua filha, sez

a cartinha e mandou-a por um vizinho para ser entregue ao Sr. Carlos, na rua do Senado, em casa de sua residencia.

O vizinho de Marianna, era um velho pescador que viera da freguezia de Jacarepaguá passar alguns dias em companhia de sua irmã, viúva e muito pobre, que alli morava em um quartinho humilde de imundido e abjecto cortiço.

— Então, a Sra. Marianna quer a resposta ? perguntou elle.

— Sim, peço-lhe que não volte sem ella.

— E se não m'a quizer dar ?

— Peça-lh'a.

— E se me recusar ?

— Oh ! não é possivel ! Vá, meu amigo, vá e Deus protegerá os seus passos.

O pescador poz-se a caminho.

Estava o visconde de B. vestindo-se para sahir, quando o criado apresentou-lhe uma carta.

— E' para o Sr. Carlos, trouxe-a um velho, que pede urgentemente resposta.

— O visconde abrio a carta e leu-a :

« *Sr. Carlos.* — Peço-lhe pelo amor de Deus, que « venha até qossa casa. Não é por mim, que já nas « portas da morte escapei, louvado Deus ; mas sim « por meu pai, que tambem está no leito e soffre « muito. Eu espero, que o seu bom coraçao atten- « derá ao ultimo pedido de — *Celina.* »

— Oh ! exclamou o visconde, estão de cima ! E

a menina manda o chamar ! ! . . . Diz ao portador que o Sr. Carlos ha de responder.

— Mas o portador quer a resposta, objectou o criado.

— Vai dizer o que te mando ? . . .

E o visconde de B. assentou-se, pegou na pena e escreveu a seguinte carta, que remetteu logo e logo pelo criado.

« *Sra. D. Celina.* — Recebi sua carta em que me convida para ir á sua casa. Devo dizer-lhe que as nossas relações estão completamente desfeitas. O que me pede é impossivel. Em momentos de loucura deixei-me arrastar por uma paixão passageira, que felizmente para mim já não existe, hoje comprehendendo o meu lugar e faço votos para que alguém possa também comprehender o seu. Adeus. Estimo que sejam felizes. — *Carlos.* »

A's mulheres nunca faltam o instincto e a intelligenzia sufficientes para conhecerem da veracidade do amor que lhes tributam.

A mulher innocent, candida, ingenua e pura, como Celina, não tem ainda a grande experienzia do mundo, é verdade : mas possue uma sagacidade natural, que lhe patenteia sempre, com as verdadeiras cores, os affectos e as paixões alheias.

Celina conheceu perfeitamente que era amada por Carlos, e depois de muito reflectir sobre o theor daquelle carta compenetrara-se o seu coração de que o

punho de seu amante não traçara exactamente os sentimentos de sua alma.

Mandando-o chamar por aquella cartinha, que sua māi escrevera, tremula e vacillante, tres eram os fins á que se propunha :

Lêr nas feições do seu adorador e em suas palavras inteiramente o contrario do que lêra em sua carta.

Dar-lhe a conhecer, pelo seu māo estado de saude, toda a vehemencia e pureza do seu amor.

E finalmente implorar amparo e protecção para seus pais, que victimas de uma miseria horrivel sofriam torturas de morte sem allivio e conforto.

Celina tinha fome, muita fome ; mas, calava o apetite que lhe devorava as entradas para não aumentar o desespero de seus pais !

Marianna esperava anciosamente a chegada do portador, parecia-lhe, que do resultado da sua missão dependia necessariamente a vida ou a morte de sua querida filha.

E o portador chegou annunciando ás duas o recado que lhe havia dado o criado.

— Ha de mandar a resposta, minhas senhoras. Fiz o possivel para trazel-a ; mas não m'a quizeram confiar.

— Entregou a carta em māo propria ? Perguntou Celina.

— Sim, senhora. Respondeu o pobre homem, que tendo consciencia de haver desempenhado a in-

cumbencia que lhe deram, quiz provar por esta forma, que a carta chegára ao seu destino.

Neste momento Paulo de Oliveira chamou vivamente por sua mulher.

Marianna correu ao quarto.

— O que queres, meu amigo ?

— Já déste alguma cousa a comer á nossa querida filhinha ?

— Oh ! nada !... Entretanto, Paulo, eu conheço que ella tem fome, muita fome !

— E o que fazes ? ! Queres deixal-a morrer ? oh ! mulher ! por piedade ! sahe, vai por ahi a esmo e uma alma generosa te socorrerá, por certo. Se não vais, sahirei eu... sim, irei assim mesmo, fraco, doente e cadaverico, estender a mão á humanidade... salvar minha filhinha da morte ! do desespero ! da fome !... E o pobre velho desatou a chorar.

Marianna abriu rapidamente um velho bahú, que estava ao lado da cama, tirou delle um chale, lançou-o aos hombros e sahio sem dizer palavra á seu marido e á Celina.

## IX

Paulo de Oliveira não via ha muitos dias sua idolatrada filhinha, sentindo-se melhor, fez um esforço extraordinario, levantou-se do leito e encaminhou-se vagarosamente para o quarto em que ella estava.

Ao vel-o, a infeliz menina não pôde conter um grito de espanto. Estava desfigurado !

— Oh ! meu paizinho !!

— Minha filha ! minha querida filha ! exclamou o desgraçado velho, ao estender-lhe os braços fracos, cadavericos e enrugados pela molestia e pela velhice.

— Porque levantou-se da cama ? Ainda está tão doente !... E minha māi ? onde está ella ? sahio ?...

— Sahio, sim, filha... sahio. Ben vés, que não posso andar...

— Oh ! meu Deus ! meu pobre pai !! exclamou Celina , e as lagrimas vieram-lhe abundantemente aos olhos !

— Não chores, não chores, minha filha... seu pranto aumenta a minha dor e afflção !... E de mais devemos receber com paciencia e resignação a vontade do nosso Deus... De um momento para outro, se assim lhe aprouver, nos virão trazer á porta o alivio e o soccorro.

— O' de casa ! Gritou o criado do visconde de B. ao limiar da porta.

— Quem será ? ! interrogou o velho á sua filha, que se mostrava assustada. Pode entrar.

— E' uma carta do Sr. Carlos, disse o criado, apresentando o papel ao velho Paulo de Oliveira.

— Meu Deus ! exclamou Celina, e cobriu o rosto com as mãos.

— Do Sr. Carlos ! ! Oh !... não posso recebê-la ! Diga ao Sr. Carlos, que nós ainda estamos vivos, graças á Deus !... mas que elle está morto, bem

morto... para mim, para minha mulher e para minha filha !

— Meu pai ! exclamou Celina, tremula, confusa e assustada.

— Vá, senhor, continuou o velho para o criado. Diga-lhe mais, que aqui também existe vergonha ; a parda pobreza ha a energia e a dignidade bastantes para repelir os seus ultrages.

— Mas esta carta é em resposta á outra, que a senhora lhe dirigio. Objectou o criado.

— Que a senhora lhe dirigiu !! Que senhora ?

— Ora, que senhora havia ser ? Seguramente essa, que ahi está. E o criado apontou para Celina.

E' impossivel descrever as afflicções, as angustias, que experimentava o coração da infeliz menina, ac ver as lutas que se originavam no espirito de seu velho pai, entre a surpreza, o odio e o orgulho da sua honra !

Em momento tão grave, tão critico, tão melindroso, ella preferiria a morte á necessidade absoluta de explicar-se do acto que praticara.

— Meu paizinho, disse ella afinal, perdoe-me, perdoe-me pelo amor de Deus... Eu escrevi ao Sr. Carlos.

— Oh !... Celina !... O que fizeste !! E porque ? O que pretendes ainda desse homem, que foi e continuara a ser o autor de toda a nossa desgraça ? !...

Paulo de Oliveira abriu convulsivamente a carta e leu-a para si.

A phisionomia do velho alterava-se de instante a instante e todo o seu corpo tremia de uma forma assustadora ! Celina tinha os olhos fitos no semblante de seu pai e como que pretendia adivinhar o conteúdo da carta.

— Oh ! é demais ! exclamou o ancião, amarrando a carta com as duas mãos e curvando a cabeça sobre o peito

— Beix. Está entregue, lida e bem lida. Disse o criado e retirou-se.

## X

Celina tinha um inferno dentro d' alma ! E quem poderia naquelle momento medir a extenção da sua dor ?

Fez um grande esforço, ergueu-se do leito, chegou-se ao ancião, que estava como que petrificado, lançou-lhe os braços ao pescoço e desatou a chorar.

Paulo de Oliveira não via, nem ouvia, tinha perdido os sentidos ; e ao peso dos braços da donzella pendeu-lhe o corpo, que insensivelmente foi reclinar-se sobre o leito !

Celina estava como douda ! arrebatou a carta das mãos inanimadas de seu pai e leu-a.

Oh ! foi então que todo o seu amor converteu-se em ódio e o orgulho natural da mulher e da mulher inocente e honrada trashordou-lhe no coração !

— Infame ! exclamou ella. E eu, que cheguei

a pensar uma vez, que semelhante miseravel era digno de possuir-me !

Meu pai ! meu pobre pai ! quanto reconheço agora a força de tua razão e a sabedoria da tua experienca ! Oh ! eu juro pela imagem de Deus... E Celina olhou para o Crucificado, que estava sobre a mesa, sim, juro por aquella imagem, que votarei um odio eterno á semelhante malvado !

— Quero mais ainda minha filha, disse Paulo de Oliveira, tornando a si e erguendo-se com a maior dificuldade. Eu serei cadaver daqui a poucos dias...

— Meu pai !...

— Sim, serei cadaver ! Meu espirito estará então prestando contas á Deus de todos os peccados, que hei praticado na vida... e então, saberei se terás cumprido o juramento terrivel que passo a exigir de ti !... Vamos, minha filha, da-me a tua mão... colloca-a sobre esta cruz... Sabes que cruz é esta ? é nma cruz de familia, uma cruz que pertenceu a meu pai e que me puzeram ao pescoço nos primeiros annos da infancia. Dize commigo : Juro por Deus, tres vezes santo, e por esta cruz, symbolo da minha redempçao, nunca desposar, em tempo algum, e por qualquer motivo, o maior dos miseravcis, Carlos, filho do visconde de B.

E Celina repetio o juramento com a força visivel de uma convicçao inabalavel ! !

— Agora, minha filha, articulou o velho, sou eu quem vai fazer-te um juramento.

« Juro, pelas mesmas pessoas sagradas, que ainda em natureza de espirito, perseguir-te-hei sempre na terra, se por acaso violares tão importante juramento. »

Ao pronunciar Paulo a ultima palavra, ouviram, elle e sua filha, uma voz clara, forte e vibrante, que bradou-lhes :

— Insensatos !

— Quem é ? ! Gritou o ancião aterrado.

— São amigos, vossos irmãos, que veem visitar-vos, Sr. Paulo. Disse um dos tres maçons, que acabavam de entrar na morada da miseria e da afflicção.

— E porque nos chamastes de insensatos ? !

— Nós ? ! Estaes enganado. São estas as primeiras palavras, que vos dirigimos ao chegarmos á vossa casa. Respondeu o maçon.

— Que ? ! Pois não nos chamastes insensatos ? !

— Não, tres vezes não.

— E' extraordinario ! ! E o que vos trouxe aqui ? Assentai-vos... assentai-vos, meus irmãos...

— Nossa demora é pequena. Soubemos do vosso estado e a presente comissão foi encarregada por sua officina de trazer-vos esta qnantity. E o maçon entregou uma carta ao velho Paulo.

Ao retirarem-se, Paulo abriu a carta e encontrou dentro della uma nota de cem mil réis e a seguinte inscripção : « A officina deliberou soccorrer-vos mensalmente com esta quantia. »

Paulo de Oliveira chorou. Dobrou os joelhos em

terra com esforço herculeo e orou em presença da imagem de Christo.

Celina ajoelhou-se tambem. E duas palavras grandes pelo pensamento que encerravam pousaram-lhe nos labios.

— Obrigada, meu Deus ! Perdão ! !...

Marianna entrou em casa, vinha extenuada, pálida e visivelmente desesperada.

— Minha filha! Paulo! nem um real de esmola! . . .

— Oh ! não digas isto mulher ! articulou Paulo. Procuravas por um lado opposte áquelle porque Deus resolvera mandar-nos. E o velho apresentou á sua mulher a nota de cem mil réis.

x1

Pela segunda e terceira vez a commissão maçonica havia trazido á familia do infeliz Paulo de Oliveira a promettida mensalidade.

Paulo adoeceu de novo e gravemente e cercado de sua mulher e filha, tendo um habil medico á cabeceira do leito, expirou, recebendo todos os sacramentos da igreja.

Momentos antes de morrer pediu para estar a sós com sua filha, por um minuto, e abraçando-a com ternura, rogou-lhe, pela ultima vez, que não quebrasse o juramento que fizera.

Celina beijou-o na testa, banhada em lagrimas, e prometteu-lhe que cumpriria a risca a sua vontade.

Sabendo a maçonaria, que Paulo de Oliveira tinha uma irmã em Lisboa a qual era madrinha de baptismo da encantadora Celina, e informando-se da vontade de Marianna, deu-lhes passagem para Portugal.

## XII

Convém que digamos algumas palavras ainda sobre Carlos, assim de proseguirmos desembaraçadamente no fio da nossa narração.

O infeliz moço amava devéras e extremosamente a encantadora filha do miserável Paulo de Oliveira, e só pelo costume em que fôra criado, de obedecer em tudo e cegamente á seu respeitável pai, rompera por semelhante forma assignando authenticamente aquela carta que se constituirá o pesadêlo eterno de toda a sua existência.

Na véspera do dia da partida Carlos foi á sua officina maçonica, despedir-se dos irmãos e sem participar-lhes a causa de tão repentina e precipitada viagem autorisou-os á, em nome da mesma officina e mensalmente, darem ao velho maçon Paulo de Oliveira a quantia de cem mil réis, durante seis meses.

Carlos embarcou levando em seu coração indeleivelmente gravado o retrato de Celina, e n'alma o desespero e a dor pela perda inevitável do seu primeiro e vehemente affecto.

Havia já seis mezes que o infeliz joven achava-se na Europa e nem uma noticia apena lhe chegara ao conhecimento sobre a desgraçada familia a quem causara tanto mal !

De Lisboa passou-se Carlos á Hespanha, dahi á França ; demorou-se trinta dias em Pariz e seguiu com destino a Italia. Seu desejo era viajar nos principaes paizes da velha Europa, recolhendo-se á Allemanha, mais tarde, onde pretendia applicar-se á serios e profundos estudos.

---



## SEGUNDA PARTE

*O phantasma. Efeitos de um terrivel juramento*

### I

Era no dia 3 de Junho de 1860.

Estamos na elegante e risonha cidade de Lisboa. Em uma velha casinha na rua dos Paulistas, mora, ha vinte annos, a Sra. D. Rosa de Oliveira, viúva e pobre.

Rosa de Oliveira é a irmã do velho Paulo, tia e madrinha de Celina, senhora dotada de um excellente coração, muito trabalhadeira e amiga de repartir com os que são mais pobres do que ella tudo o que por acaso lhe sobra das precisões do dia.

Seu marido fôra calafate e havia 10 annos que tinha morrido. Deixára-lhe a casinha em que morava e uma pequena quinta em Aveiro, onde a Sra. Rosa tinha por costume passar o verão.

Rosa não morava só, na idadē de 58 annos, vistosa, gorda, de formas elegantes e muito sympathica

aconselhou-lhe a honestidade que lómasse para sua companhia uma das muitas afilhadas que tinha, e neste proposito escolhera a menina Sofia, filha legitima de pais pobrissimos e linda como um sorriso da primavera.

Tinha rompido o dia. As duas, madrinha e afilhada, acabavam de saudar-se quando bateram a porta.

— Quem bate? perguntou Sophia e em seguida foi abrir.

- Somos nós, disse a bella e gentil Celina, entrando desembaraçadamente.

— Quem s̄o as senhoras? perguntou ainda Sofia.

— Somos parentas da dona da casa, disse Marianna, que já apertava a mão de Rosa.

— Minhas parentas?... oh! sejam bem vindas... mas... meu Deus! que menina tão formosa!... Minha filha tú és portugueza? Disse a dona da casa contemplando admirada as feições encantadoras e fascinantes da joven brasileira.

— Não senhora, eu sou brasileira, e mamãe também...

— Brazileiras? Mas eu não tenho parentas no Brazil!... Ah!... Querem vêr?... Meu Deus! não é possível!

Celina abraçou affectuosamente a tia e beijou-lhe a mão e em seguida beijou a face de Sofia.

— Então a senhora não tem parenta alguma no Brazil? Perguntou-lhe Marianna.

— Sim, tenho... devo ter uma sobrinha de meu irmão Paulo, que até é minha afilhada.

Marianna chorou ao pronunciar-se o nome de seu querido esposo.

— Oh ! porque chora minha senhora ? ! ...

Celina levou o lenço aos olhos.

— Pois é possível ?! exclamou Rosa ! A senhora é minha comadre Marianna e esta linda menina a minha afilhada Celina ? !

Celina cabio silenciosamente nos braços da tia.

Rosa chorou por sua vez e não tinha animo de perguntar por seu irmão.

— Já sei, disse ella. Vocês estão de luto. Paulo já não existe ! ... E a matrona ajoelhou-se ante um oratorio que tinha sobre uma das mesas e orou por alma do irmão.

Seguiram-se as narrações de parte a parte, os oferecimentos e os protestos verdadeiros de franqueza e estima.

Rosa estava se preparando para ir a Aveiro, com a chegada de sua sobrinha acelerou mais a viagem.

## II

No dia 21 de Julho partiram todas quatro e foram gozar na herdade das delícias da primavera.

Celina ficou logo muito amiga de Sofia e andavam sempre juntas. Como é natural, a interessante brasileira contou pressurosamente à bella lisbonense

todas as tristes e dolorosas peripecias do seu desventurado amor.

Logo que a Sra. Rosa chegava a Aveiro a primeira visita que recebia era a do velho portuguez José Bazilio, homem muito rico, que passara o Rio de Janeiro toda a sua mocidade e lá ganhara licitamente uma fortuna superior a dous mil contos, fortuna esta que tinha em lindos predios, apolices, acções do banco do Brazil e outros titulos de credito.

José Bazilio era solteiro e não tinha filhos nem herdeiros, vivia só, completamente só, e recolhera-se á Portugal bastante doente, com o fin unico de tratar de sua saude. Parecia estar melhor, já dava seus passeios longos, e o medico que o tratava promettera-lhe pô-lo completamente prompto até Agosto, quando devia regressar ao Brazil para tratar de seus negocios, entregues até então a um procurador que não lhe merecia grande confiança.

Logo que soube que a Sra. Rosa estava em Aveiro, o velho José Bazilio preparou-se e lá foi fazer-lhe a visita do costume.

— Tenho a satisfação de apresentar-lhe minha cunhada Marianna e minha sobrinha Celina, disse-lhe Rosa, ao vel-o entrar. São brasileiras, acabam de chegar dessa terra encantadora, que o senhor não cessa de elogiar.

José Bazilio cumprimentou as recem-chegadas e ficou muito contente por ter a companhia de duas brasileiras, que acabavam de chegar á Portugal e muito

lhe podiam dizer dessa boa terra, que tanto amava e onde passara todos os dias venturosos da sua adorada infancia.

A conversa entre os tres esteve animada, animadissima, e o velho portuguez esqueceu-se de voltar para casa a hora do costume, aceitando um jantar simples e frugal que com muito gosto lhe offerecera a dona da casa.

O Sr. José Bazilio era um desses homens que passam toda a sua vida engolfados no commercio, sem lhes importar nenhum dos passatemplos e distrações que tanto attrahem a idade dos vinte annos.

Não sabia o que era um baile, nunca dançara, aborrecia os theatros, não sabia a passeiar nos dominigos, e morando na rua de S. Clemente, no Rio de Janeiro, jámais entrara no passeio publico ou se dera ao trabalho de ver a festa da Gloria.

Por desensastio assignava o *Jornal do Commercio* e sempre que chegavam vapores da Europa mandava ler por um seu caixero a correspondencia de Portugal.

Entretanto, era elle um homem limado, pratico, experimentado em muitos negocios da vida e tagarelava sobre tudo, querendo por força que a sua opinião prevalecesse. Horrivelmente contradictorio, caprichoso ao ponto de oppor-se de prompto á todas as ideias e factos que lhe expendiam, sem reserva de pessoa, e tanto, que tivera grande luta certa vez com um dos seus amigos da qual se lhe originou talvez a

molestia de que soffria, em vista de uma congestão cerebral que o deixara prostrado por quinze dias.

Havia sempre um assumpto especial que interessava muito ao Sr. José Bazilio, era a mulher. Gostava muito de todas as mulheres, mas tinha medo de casar-so. Se lhe fallavam em casamento mudava logo de conversa ou sabia do lugar em que se achava.

Pela primeira vez em sua vida o capitalista José Bazilio teve occasião de conversar largamente com uma menina de 16 annos.

Celina, era muito amavel e respeitadora da velhice; terna, doce e meiga para com todos, foi excessivamente carinhosa para com o amigo de sua tia, narrando-lhe minuciosamente todos os factos de sua vida, encarecendo os encantos da Tijuca, unico lugar que conhecia na Corte, e louvando muito o merito das fluminenses, dentre as quaes ella ingenuamente confessava-se a mais grosseira, a mais feia e despida de atractivos.

José Bazilio ouvio-a extasiando, contemplou-a cheio de um contentamento, até então estranho ao seu coração, e ao despedir-se beijou-lhe respeitosamente a mão e exprimio-lhe a sua affeção com um sorriso natural e terno acompanhado de olhares que a menina não comprehendou.

Pobre José Bazilio ! Tarde batia-lhe o amor á porta do coração ! mas batia-lhe sempre ! E elle que o trouxera cerrado até alli, acabava de experimentar, com surpresa, sensações extraordinarias, fortes e ver-

jadeiras como a honra e a dignidade do homem, que jamais olhára com intenções impuras para a innocentissima donzella !

José Bazilio não pôde dormir durante a noite, sentia alguma cousa inteiramente nova, consultava seu coração e a imagem de Celina vinha, como que repousar a seu lado, sorrindo e zombando das attribuições que elle soffria !

A noite é grande conselheira, porque á noite o homem recolhe-se e pensa muito e toma sempre as mais prudentes e sensatas resoluções.

O velho portuguez, o celibatario de tantos annos, estava completamente vencido ! Operava-se nelle uma completa revolução sensivel e moral. Sentia como pode sentir o joven de vinte annos e amava, e amava, muito !

No dia seguinte, logo pela manhã, dirigio-se á casa de Rosa.

— Oh ! o Sr. José Bazilio ! por aqui e a esta hora ? ! Exclamou Sofia, ao vel-o a porta.

— E' verdade queridinha. Aqui deixei hontem o meu coração e a minha vida ; venho hoje buscar-los.

— Sim ? ! Pois sinto muito dizer-lhe, que ficará sem tudo isto ; porque eu já varri a casa ! ...

— Ah, ah, ah... tem espirito, minha menina ; mas é preciso que saibas, que não ficaram no chão tão caros objectos.

— E então onde ficaram ? Perguntou Sofia, com interesse, abrindo a porta.

— O que ? interrogou Celina, que vinha chegando, bella, jovial e alegre como um sorriso de anjo.

— O coração delle e a vida, disse Sofia.

— E ficaram aqui ? Ah ! meu Deus !... Querem ver que o Sr. José Bazilio está cacoando comigo ?

— Não é caçada, linda fluminense, é a verdade ; e como na minha idade não se possa pôrder tempo nessas cousas de amor, vou declarando-lhe, desde já, que não pude dormir durante a noite...

Celina fez-se rubra e abaixou os olhos.

Sofia atreveu-se a incitá-la.

— Porque perdeu o sono, Sr. José Bazilio ?

— Porque não se pode dormir sem coração e sem vida.

— Ai ! temos outra ! exclamou Sofia, rindo-se. O senhor não se explica...

— Eu lhe digo, minha senhora, pronunciou o velho tomado a mão da joven Celina e visivelmente tremulo. Confesso que nunca amei e menos ainda tive por um momento a lembrança de casar-me. Não sou moço, é verdade, mas sou verdadeiro e honrado, sou rico e carinhoso para com o bello sexo. Na minha idade bem se vê que não se casa o homem simplesmente pelo desejo de casar-se, casa-se por affeição, por amor. Parecerá extraordinario que eu ame, mas confessando eu que nunca amei é possivel que me permittam licença para pagar este tributo. Eu amo-a, D. Celina, e venho offerecer-lhe a minha mão.

O caso tornou-se muito sério, e as duas meninas não se atreviam a pronunciar uma palavra. Celina tinha os olhos voltados para o chão e Sofia brincava abstractamente com as tranças do cabello de sua amiga.

— O que estão vocês fazendo ahi ?... Oh ! o Sr. José Bazilio ! exclamou Rosa, que vinha de dentro e deparou com os tres parados no corredor.

— Bon dia Sra. Rosa. Estavamos em uma conferencia importantissima.

— Sim ? Então entrem, vamos para dentro, quero saber que conferencia é esta.

Entraram e assentaram-se todos na varanda da sala de jantar onde se achava Marianna, cozendo.

José Bazilio expoz à mãe de Celina a sua resolução.

Houve um silencio de dous a tres minutos.

— Queres casar com o Sr. José Bazilio, minha filha ? perguntou Marianna.

— Se for da vontade de minha mãe e de minha tia...

— Não, não é esta a resposta que eu desejo de ti, quero que te cases por tua propria vontade, por impulso do teu coração, consulta-o, pois, e responde.

— Quero. Disse a donzella resolutamente.

— Oh ! obrigado ! muito obrigado : exclamou o velho portuguez dando um salto na cadeira, esbelto e travesso como se tivesse dezoito annos !

III

Preparava-se o enxoval a toda a pressa, estava marcado já o dia dos esponsorios e o velho José Bazilio tingia os cabellos brancos e fazia a barba a ingleza para ficar mais gamengo.

Era n'um sabbado, pelas cinco horas da tarde.

Em casa da Sra. Rosa e na sala de visita achavam-se o portuguez José Bazilio, Celina, sua mãe e a menina Sofia. Conversavam largamente sobre o proximo enlace de Celina e tomavam muitas e diversas resoluções.

— Ora diga-me a Sra. Marianna, quer voltar para o Brazil com sua filha ou ficar aqui em companhia de sua cunhada ?

Perguntava José Bazilio á futura sogra.

— E' pergunta que não deve fazer, Sr. José Bazilio. Quero morrer junto de minha filha.

— Muito bem. E a menina Sofia ?

— Eu, disse Sofia, por Deus que já sou muito amiga de Celina, e se a madrinha consentisse iria com muito gosto dar um passeio ao Brazil.

— Pois ha de ir, digo-lhe eu, ha de ir, e a madrinha tambem. Logo que chegarmos á Corte tratarei de comprar uma linda chacara na Tijuca e se não achar comprarei o terreno preciso e construirei uma a meu gosto e ao seu, minha querida noiva, não é assim !

— E', disse Celina, deixando vir á seus labios

um sorriso, que bem demonstrava o contentamento que lhe ia n'alma.

Bateram na porta.

— Tem ahi um moço, que diz ser brazileiro e querer fallar ao Sr. José Bazilio. Disse Rosa, entrando na sala.

— Um moço brazileiro ! Que entre, Sra. Rosa, bem vindo seja elle, como todas as pessoas que vierem daquelle divina terra. Mande-o entrar, faça favor.

— O senhor pode entrar para a sala, articulou Rosa, abrindo a porta ao recem-chegado, que obedeceu-a promptamente.

Ao entrar na sala o brazileiro, que procurava o Sr. José Bazilio, Celina e Marianna não poderam conter uma exclamação de espanto.

— O Sr. Carlos !!

Carlos cumprimentou as tres senhoras que estavam presentes sem reparar-lhes as affeições e ouvir-lhes a exclamação de espanto.

— V. S. é o Sr. José Bazilio, disse elle, estendendo a dextra ao velho portuguez.

— Um seu criado. Queira assentar-se. Acaba de ehegar do Brazil ?

— Não senhor, já estou ha mezes na Europa, resido em Pariz. Vim aqui apenas apresentar-lhe este saque a meu favor.

— Um saque ? perguntou o negociante e abrio uma carta que lhe entregou Carlos.

Ah ! sim, um saque de douz eontos de réis à fa-

vor do Sr. Carlos Augusto da Silva. E' do Sr. Nunes Cardoso, do Rio. Sim, senhor, não ha duvida, o dinheiro está prompto, pode V. S. procura-lo amanhã aqui mesmo, ás 9 horas da manhã.

— Obrigado, disse Carlos, levantando-se e apertando a mão de José Bazilio. Minhas senhoras... ! articulou elle e ficou como que petrificado ao encarar com Celina.

Celina estava mortalmente pallida. Marianna chegou-se á ella.

— Meu Deus !... Sera um sonho ? ! articulou o joven, e sem poder dar um passo, proseguio, para Celina. Desculpe, minha senhora... Este meu espanto é natural. Conheci no Rio de Janeiro uma santa e encantadora donzella, que é a imagem de V. Exc... E são taes as recordações que tenho dessa virgem, é tão grande e profundo o amor que lhe consagro, que a presença della se me afigurou neste momento, causandom-me a mais dolorosa sensação !

— Ah ! eu logo vi, disse Sofia, procurando tirar suas amigas do embaraço em que se achavam. Ha semelhanças assim no mundo. Pois olhe, meu senhor, nós, eu, minha irmã e minha mãe, somos filhas de Lisboa, nunca fomos ao Brazil !

— E' extraordinario ! disse o velho José Bazilio, com os seus botões.

— Oh ! eu não me engano ! exclamou Carlos, ao reparar nas feições de Marianna. E' a Sra. Marianna.

— Marianna, eu ? ! O senhor engana-se, chamo-me Luiza.

— Meu Deus ! bem digo eu, isto é um sonho ! Até a voz é a mesma da mãe de Celina !

— E' engano, Sr. Carlos, é engano, articulou a custo José Bazilio. Estas senhoras nunca foram ao Brazil. A Sra. Luiza é viúva do meu amigo Manoel Francisco, a quem Deus haja, é uma capitalista, tem predios em Lisboa e grandes quintas no Alem-Tejo.

— Perdão, Sr. José Bazilio, disse o jovem, perdão, minhas senhoras... Ficarei porém, sabendo, que ha semelhanças muito reaes na natureza.

— Ha, sim, ha, ora se ha, articulou o capitalista, acompanhando á porta o infeliz Carlos, que se retirava ainda na duvida.

— Oh ! que horrivel encontro ! disse Marianna para José Bazilio, que voltava contrariadissimo.

— E' verdade, Sra. Marianna, que horrivel encontro ! E eu não deixei de reparar, que a menina Celina fez-se pallida, muito pallida !

Celina estava silenciosa. Só Deus sabia o que se passava em seu coração.

Carlos era o seu primeiro amor, o seu unico amor e nunca se chega a odiar o homem a quem se ama. E demais, não dissera elle na presença da propria mulher amada, que ella era uma santa, que amava-a e não podia lembrar-se della sem sentir a mais dolorosa sensaçao ?

Se fosse isto verdade ? Se Carlos fosse inocente

na feitura daquellas cartas ? Se o visconde de B. o tivesse feito vítima dos seus caprichos e ambições ?

Eram estas as considerações, que atravessam, como settas, o espirito da infeliz menina.

— Oh ! minha māi ! minha querida māi !... exclamou ella, e occultou o rosto no seio de Marianna, banhando-o de lagrimas.

— Vejo que é preciso apressar o casamento, Sra. Marianna, disse José Bazilio, pode-se fazer isto nestes oito dias e partiremos no primeiro vapor para a corte.

#### IV

No dia seguinte, logo ás oito horas da manhã, Carlos batia à porta da casa da Sra. Rosa, em procura do velho portuguez José Bazilio.

Sofia veio dar-lhe entrada.

— O Sr. José Bazilio ainda não chegou ; mas V. S. pode entrar e esperar por elle, disse a menina.

Carlos não se fez rogar, entrou e assentou-se na sala.

Sofia promoveu a conversa.

— Então V. S. está ha muito tempo ausente do Rio de Janeiro ?

— E' verdade, minha senhora, e muito contra a minha vontade. Amei, eis todo o meu crime. Meu pai, a quem estou acostumado á obedecer cegamente, oppoz-se seria e energicamente ao desejo..., que digo eu ? á ambição que tinha de casar-me, e forçou-me a

partir para Europa, afim de esquecer-me, dizia elle, da donzella que idolatro ! Engano ! Quantos mais longe me acho de Céline, quanto maior tempo vou passando nestes lares tanto mais recrudesce o meu amor e o desespero que sinto !

Creio que não poderei demorar-me por mais tempo, temo que não me julgue ella infiel, que não se esqueça de mim e despose outro !... Oh ! se tal acontecesse...

— O que faria V. S. ?

— Nem eu mesmo sei ! Parece-me, que daria fim á existencia. Declaro á V. Exc., que a presença da senhora sua mana despertou-me tais lembranças e saudades, que de hontem para cá tenho soffrido horivelmente ! Nunca vi dous rostos mais semelhantes ! E a senhora sua mãe ! Oh ! essa então é o mais fiel retrato que conheço da esposa do infeliz Paulo de Oliveira !

— Acontece muito disso, articulou Sofia, ha physionomias muito parecidas...

— Oh ! parecidíssimas !...

A propósito, minha senhora, onde está a senhora sua mana ? Como se chama ella ?

— Minha mana está um pouco encomodada... limitou-se a dizer a joven occultando o nome de sua amiga.

— Não sabe quanto sinto. Desejava conversar com ella. Reparei que hontem estava muito pallida e

nem uma só palavra proferio durante o tempo em que aqui estive.

— E' muito acanhada, e demais estava em presença do noivo...

— Do noivo ! exclamou Carlos, lembrando-se da figura do velho José Bazilio.

— Sim, do noivo. Minha mana vai casar com o Sr. José Bazilio.

— O que diz, minha senhora !...

— Porque ? Não é elle um homem honrado e muito rico ?

— Oh ! sim, é verdade ; mas a senhora sua mana é tao moça ainda, tão linda... podia encontrar um joven que a amasse... e então... eu gosto muito dos casamentos por amor, são os mais felizes.

— E quem disse ao senhor que ella não é amada ? Por ventura o amor é sentimento exclusivo da mocidade ? Quer me parecer antes, que o amor dos moços é menos verdadeiro que o dos velhos...

— Em these, minha senhora, eu quererei sempre provar, que o verdadeiro amor é o que se experimenta na mocidade ; não contesto entretanto, o facto, aliás muito possivel e natural, de tornar-se amoroso o homem, depois mesmo dos sessenta annos. Presumo saber o que é o amor, sinto-o, e extremeço a cada momento na lembrança de não poder satisfazel-o. A vida sem o amor é muito mais supportavel e feliz, do que a vida desgraçada do amante, que não pode realizar os seus desejos ! E' melhor perder a vida do que a posse.

da mulher que amamos. Creio no amor dos velhos, mas no amor puro e santo, que nasce nos corações perfeitos, atestando-nos exhuberantemente a superioridade da mulher sobre as paixões e gosos. Amor doce, bello, suave e encantador, como pode ser o sonho de um anjo, o sorriso de um cherubim, e o beijo casto de uma virgem celeste !...

Ah ! minha senhora, continuou o joven, no ardor do seu entusiasmo, fosse eu milionario, quizera perder o meu thesouro, fosse eu rei, quizera perder o meu throno, fosse eu um sabio, quizera perder a sabedoria ; mas, amante como sou, terei perdido mais do que a vida, terei perdido toda a sensibilidade do meu espirito, toda felicidade de minh'alma, toda a gloria do meu futuro na impossibilidade de alcançar um dia a posse da mulher que adoro !

— Infeliz mancebo ! articulou Sofia, olhando a soslaio para a porta de uma alcova, onde se achava Celina, escutando attentamente as palavras do seu amante.

Celina chorava. Por mais de uma vez, durante a curta disertação do infeliz Carlos, a pobre menina esteve em termos de entrar na sala e pedir-lhe uma explicação cabal de todo aquelle passado tenebroso, que a impossibilitava para sempre de o receber como esposo ! Mas a lembrança do juramento terrivel, que prestara á cabeceira do leito de seu pai já moribundo e ante a imagem do Crucificado... a lembrança do seu novo compromisso de honra para com o velho José

Bazilio, de quem se considerava desposada... eram dous phantasmas horrorosos que lhe embaraçavam os passos !

Sofia comprehendia e advinhava perfeitamente o estado moral de sua amiga, e não querendo augmentar-lhe as afflicções, que se lhe estampavam no semblante á cada palavra do mancebo, mudou repentinamente de conversa.

— Entao V. S. parte hoje mesmo para Pariz ? perguntou ella.

— Partirei nestes oito dias, minha senhora. Hoje pretendo regressar á Lisboa.

— E quando volta para o Brazil ?

— Brevemente. E' um regresso muito contra as ordens terminantes de meu pai, mas á que sou fatalmente constrangido por impulsos vehementes do meu espirito agitado ! Meu pai quer que eu vá residir na Allemanha, onde realmente convinha-me fazer os mais serios estudos. A vontade de obedecel-o cede necessariamente ao imperio do meu amor ! Quero ver ainda uma vez minha encantadora Celina !... Vel-a !... oh ! parecer-me-ha um sonho !... Pedir-lhe-hei perdão da minha rapida partida... e do theor inconveniente da primeira e ultima carta que lhe escrevi, nesse dia fatal, vespera do meu embarque !... E depois...

— E depois ?... perguntou Sofia.

— Oh ! nem eu mesmo sei ! E depois ?... Não haverão forças humanas, que me separem de Celina !

— Que ? ! ! Como é isto ? ! interrogou o velho José Bazilio, que vinha entrando nesse momento.

— E' o Sr. Carlos, que espera voltar brevemente para o Brazil, disse Sofia, e lá casar-se com esta senhora á quem muito adora.

— Ah !... Deus o acompanhe e o faça alcançar os seus desejos !... pronunciou o capitalista, dos *dentes para fóra*.

— Obrigado, Sr. José Bazilio, articulou Carlos. Outro tanto lhe desejo.

— Ambos os senhores são amantes, disse Sofia, rindo-se. Seria, entretanto, uma grande aventura... se ambos fossem felizes...

José Bazilio *entendeu o verso* e tratou quanto antes de mudar de assumpto.

— Então já está aqui há muito tempo á minha espera, disse ele para Carlos.

— Há meia hora pouco mais ou menos.

— Pois aqui está o dinheiro... tenha a bondade de contal-o. E' um conto de réis fortes.

— Obrigado, disse Carlos, e em seguida contou a importancia de um maço de notas, que lhe entregara o portuguez.

Ao acabar de contar o dinheiro despedio-se do capitalista e de Sofia, mandando vivas recommendações ás duas senhoras, que a menina chamára de sua mãe e irmã.

Celina acompanhára, até o ultimo instante, toda a conversa de Carlos, e impellida por um poder estranho e superior ás suas forças moraes, á sua vontade, ao vel-o sahir, correu á janella da alcova que dava para a rua e articulou de maneira a fazer-se ouvir, as seguintes palavras :

— Carlos ! Hoje, aqui, ás 11 horas da noite !

Carlos, ao ouvir pronunciar o seu nome, ao sentir a voz de Celina, que abalou-lhe todos os sentimentos d'alma, parou estatico, treinulo, surprehendido e espantado, como pode ser o espirito condemnado ao ouvir a voz de Deus, que lhe concede o perdão !

Voltou-se, olhou para a janella e não viu mais do que a ponta de um lenço branco, que lhe acenava no ar !

— E' ella ! disse elle, oh ! sim, é ella !... Ou então a minha vida não passa de um horrivel pesadelo !...

E caminhou... Seus passos eram a semelhança dos de um authomato ! caminhou a esmo, sem direcção e sem destino !

E o que se lhe passava no cerebro ? Oh ! quem será capaz de descrevel-o ? !

Carlos, quiz voltar á casa da Sra. Rosa e fazer-lhe tantas interrogações quanhas fossem bastantes para chegar ao conhecimento daquelle tenebroso mysterio !

— Celina, aqui ! exclamava elle, de quando em

quando, e ficava como que absorto no meio das estradas !

Deixei-a no Rio de Janeiro, não ha muito tempo, pobre, pobrissima ! e venho encontra-la agora aqui ! O que significa tudo isto ? ! E eu, porque não a conheci logo ! ? Por ventura podem haver duas physionomias tão iguaes ? Que engano ? que fatalidade ! Mas Celina empallideceu ! Houve grande espanto com a minha presença e calculadamente se me fez convencer que os meus sentidos me enganavam ! Aquella virgem linda, como eu ainda não havia visto outra senão Celina, não era Celina ! Aquella senhora sempre triste, calma e inocente como eu não conhecera outra senão Marianna, não era a esposa de Paulo de Oliveira !... E Paulo de Oliveira ? ! Não o vi !... Oh ! meu Deus ! dar-se-hia o caso de ter morrido ? ! E quem sabe ? Fui eu, talvez, o causador de sua morte ! !... Celina casa-se, com o Sr. José Bazilio !... Não ! é impossivel ! !

Celina pertence-me ! A mulher amada não pode pertencer senão ao homem que a idolatra... salvo se ella não o ama. E Celina ama-me ! Infeliz, desgracado do que ousasse roubar-n'a ! Persegui-o-hia sempre, durante a vida, depois da morte... eternamente talvez, porque o amor é um sentimento eterno e a sua perda deve fazer soffrer eternamente !

Immerso nestas profundas e dolorosas considerações caminhava o inancebo, sem que houvesse dado fé do lugar em que se achava.

VI

— V. S. ha de querer um almoço de primeira classe, não é assim? Temos ahi muito bons *bifes* a Rocambole, *pasteis* à Pio IX e *fricandós* a Garibaldi. Disse um exquisito e malascaras personagem de hotel, que acabava de sahir da hospedaria do *Frango Assado*, na porta do qual parava por acaso o nosso inconsciente transeunte.

— Como é?! interrogou Carlos, reparando no homunculo, feio como um *sacripante*.

— Tambem temos orelheiras de porco, perdizes com arroz, e frango assado.

— Ah! isto quer dizer que estou a porta de uma casa de pasto da qual tu és talvez um dos melhores criados...

— Tal e qual senhoria! A cousa é bem difícil de advinhar! Se disseres quantos pães levo neste sacco dar-te-hei todos cinco!

— Tens graça rapaz, disse Carlos, mas és feio como a Sphinge de Thebas!

— Conheceu-a senhoria? Bem pode ser que tivesse sido ella minha mäi.

Carlos não pôde conter o riso, ante a ingenuidade estupida do seu inesperado interlocutor.

— Está V. S. a rir-se!... Ora quer me parecer que não ha nada mais natural do que um filho não conhecer sua mäi!

— Là isso é verdade.

— E tambem seu pai.  
— Outra verdade.  
— E tambem seus tios, seus irmãos e seus primos...

— E's um portento !... Vamos, porém, ao que importa : Já que o acaso me trouxe até aqui, quero que me deis uma hospedagem de primeira classe, está sabido.

— Oh ! senhoria ! com muito gosto ! Temos ahi uma sala e uma alcova preparadas com muito luxo. Mobilia de mogno, cama e lavatorio do ultimo gosto de Pariz, cortinas de damasco e vasos de porcellana e crystal ! Um aposento de principe... Meu amo tinha-o preparado para receber o Sr. José Basilio...

— O Sr. José Bazilio ! interropeu-o Carlos, com espanto.

— Conhece-o, senhoria ?... tem a honra de conhecê-lo ? O Sr. José Bazilio é mais rico do que um principe ! é um perfeito fidalgo !...

— Conheço-o de nome, disse Carlos, entrando vagarosamente na casa de pasto.

Em uma vasta sala, cujas parêdes outr'ora forradas a papel achavam-se então completamente nuas e cheias de um limo esverdinhado proveniente da grande humidade, estavam parallelas quatro grandes mesas de pinho muito velhas e enegrecidas pelo tempo, cobertas de pannos de algodão esfarrapados e cheios de manchas de vinho e de gordura ; alguns pratos, pela maior parte rachados, garrafas ordinarias com vi-

nho e talheres immundos ; eis o aspecto da sala que o nosso homunculo proclamava a principal da refeição !

— Como te chamas ? perguntou-lhe Carlos.

— Chamo-me Bruto, um seu criado.

— Ora graças á Deus ! encontrei um criado como ha muito desejava !... Entao ès bruto, não é assim ?

— Todo inteiro, meu amo.

— Muito bem. Bruto !... Almoço de primeira classe para um.

Carlos assentou-se. Ao redor de uma das mesas achavam-se *abancados* quatro individuos mal encarados, verdadeiros farrapilhas ou vagabundos, sem officio nem beneficio. Cemiam e bebiam sofrivelmente e entretinham-se em fallar da vida alheia.

— Entao, amigo Durval, dizia o que estava a cabeceira da mesa e que parecia ser o mais velho, para o seu companheiro da direita, encartas-te ou não te encartas na criadagem do José Bazilio ? Vais ou não vais ao Brazil ?

— Ora se vou ! Saibam vosmecês todos, que desd e hontem, que cômo e bêbo a custa do meu ricaço patrão ! Aceitou-me para seu criado, deu-me certas ordens a cumprir e o que mais é, tres bonitos patações, que lá se vão á vella !

— Isto é que é felicidade, articulou um terceiro, que estava ao lado de Durval, dar um passeio ao Bra-

... ainda em cima ter a passagem paga, dinheiro no bolso e um patrão millionário !

— Dizem que é riquíssimo. Possue mil contos de réis fortes !... Olhem que é muito dinheiro. Articulou o mais moço de todos, que não tirava os olhos de sobre Carlos.

— E vai casar-se com uma brasileira pobre, como pode ser um sacco vazio !... repetiu o terceiro, à quem chamaremos Leão.

— Lá isso veremos... pronunciou ainda o moço à quem os companheiros chamavam Leonidas.

— Então, porque ? Perguntou Durval. Posso-lhe dizer, que o enxoval está pronto e que o casamento se ha de efectuar de hoje a oito dias.

— Sabbado ? interrogou Leonidas.

— Sim, sabbado, disse Durval. O Sr. José Basílio parte logo para Lisboa e embarcará no primeiro paquete que passar.

— Oh ! não casará ! ! bradou Leonidas, levantando-se e dando um forte murro sobre a mesa. Não casará ! juro-o pelas cinzas de meus pais !

— E' celebre ! articulou Leão. Então porque ?

— Porque não quero.

— E porque não queres ?

— Porque não posso ver com bons olhos, que um monstro daquelles, um homem velho, feio, doente e besuntão, só por serdes vós quem sois ; porque é millionário, aposse-se da mão da brasileira mais encanta-

dora que tenho visto, do anjo mais lindo e mais santo,  
que jamais baixou á terra ! Oh ! não consinto !

— Ora, esta é boa ! disse Durval, rindo-se. E  
que se importa o Sr. José Bazilio, que tu queiras ou  
não queiras que elle se case ? !... Deixa-te de histo-  
rias Leonidas... deixa-te de historias...

— O' Bruto ! Gritou Leonidas, para o criado,  
que acabava de voltar com o almoço de Carlos.

— Prompto, companheiro !

— Quero aqui uma garrafa do mais fino *Scherry*,  
que possa haver em tua dispensa, para fazer a saude  
da mulher mais formosa e encantadora, que jamais  
têm visto estes meus olhos, que a maldita terra ha de  
comer !... Por Deus ! companheiros ! tenho percorri-  
do *seca e meca*, tenho viajado por todo este Portugal ;  
já estive na Italia, vivi douz annos na Hespanha e aca-  
bo de regressar de Pariz : entretanto, acredai-me,  
não vi em parte alguma um rosto mais mimoso e sym-  
pathico, um semblante mais lindo do que o da virtuo-  
sa afilhada da Sra. D. Rosa !

— Bravo ! exclamou Leão. Já vejo, que o nosso  
amigo Leonidas está de veras apaixonado !

— Sim, loucamente apaixonado ! E porque não ?  
Quero perder a bolça, a vida e a propria alma se hou-  
ver um joven, que sem ter ainda amado, possa resis-  
tar apenas, aos incantos e attractivos de tão formosa  
donzella !

— Prompto o *Scherry*, articulou Bruto, pondo  
uma garrafa sobre a mesa.

Leonidas abrio a garrafa.

Carlos comia vagarosamente e prestava a mais séria atenção á interessante e animada conversa de tão extraordinarios personagens.

— A saude da Exm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Celina ! Bradou Leonidas, erguendo o copo e pondo-se de pé.

— Viva ! viva ! viva !... gritaram todos á um tempo.

— O' lá ! exclamou Durval, sabe-lhe o nome ! !

— Tive a curiosidade de perguntar, disse Leonidas.

Ao ouvir pronunciar o nome de sua amante por labios tão impuros, Carlos, que até alli se conservara silencioso, embora seriamente encommodado, não poude conter-se, e erguendo-se por sua vez, bradou para os quatro commensaes :

— Eu pagaria aos senhores, de bom grado, para que se occupassem antes de assumpto mais apropriado ás suas posições e aos seus costumes !...

— Que ? ! Como é isto ? ! Interrogou Leonidas, voltando-se para o novo interlocutor.

Reinou um pequeno silencio.

— Já disse, proseguiu o joven, pago-lhes generosamente para que mudem de conversa.

— Está dito, bradou Leonidas. Quanto paga o cavalheiro ?

— O que quizerem.

— Dez libras. Bem vê que o preço do favor deve estar em relação à grande altura do assumpto.

— Aqui estão as dez libras, disse Carlos, pondo sobre a mesa o dinheiro.

Os quatro commensaes olharam-se mutuamente admirados.

Bruto não pôde conter o seu espanto.

— *Safa!* que é muito dinheiro! exclamou elle. Confesso, senhoria, que por muito menos não se me daria estar calado um anno inteiro!

— Nem mais palavra, companheiros! articulou Leonidas, mettendo o dinheiro no bolço. Está terminada a *folgança*...

— Partamos!... bradaram todos.

— Uma palavra, Sr. Leonidas, disse Carlos. Preciso ter uma conferencia a sós com a sua pessoa e ha de ser amanhã, pela manhã, neste lugar.

— Estarei ás ordens cavalheiro.

E os quatro *personagens* retiraram-se contentes e satisfeitos, depois de haverem pago a refeição.

— Quem são estes homens? Perguntou Carlos ao criado, logo que se retiraram elles.

— Para fallar a verdade, senhoria, não sei quem são estes diabos. De tempos em tempos aparecem por aqui, comem, bebem, gritam, pagam bem e vão embora!

O Sr. Leonidas é seguramente o chefe da quadrilha... da quadrilha, sim; porque são muitos... e elle manda sobre todos e o que é mais, anda sempre indi-

nheirado. Dinheiro tem elle... oh ! se tem... e muito dinheiro ! Se traça assim, roto e sujo a fazer vergonha, é porque quer. O Durval, este é novo entre os amigos. Ha dous dias que aqui vem. Emfim, para não estar em suspeitas... não se me daria apostar...

— O que ?...

— Que são todos uns refinadíssimos ladrões, que andam por ahi algures a roubar a bolça e a vida dos transeuntes...

— O que é que dizes, homem ?

— Nem mais nem menos do que o que pensamos, eu, meu amo e quasi toda essa boa gente que por aqui habita...

Carlos acabou de almoçar e recolheu-se ao aposento, que lhe foi indicado, á sala e alcova, que de antemão haviam sido preparadas para o portuguez José Bazilio.

## VII

Deixemol-o inteiramente entregue á mais profunda meditação, parecendo-lhe sempre interminavel o dia e suspirando anciosamente pela noite, para voltarmos á casa da Sra. Rosa e vermos o que por lá se passava.

Marianna e Rosa vieram á sala receber o Sr. José Bazilio.

Sofia aproveitou o ensejo para correr á alcova onde se achava sua amiga e com ella compartir das afflicções e torturas porque estaria passando.

Com effeito, a infeliz menina, depois do esforço

extraordinario que fizera para dirigir á seu amante aquellas palavras, cahio prostrada sobre o leito e desatou a chorar.

Sofia encontrou-a banhada em lagrimas e pallida como a estatua de marmore !

— Pobre amiga, disse ella, quanto não terá sofrido o teu coracão em tão limitados instantes !

— E' verdade, minha amiga ! exclamou Celina, bendito seja Deus, por haveres comprehendido tão perfeitamente os meus sentimentos ! Tenho soffrido muito !... Oh ! muito !... minha amiga !...

— Eu avalio profundamente a intensidade da tua dor ! Ha um mysterio importantissimo nos teus amores com este desventurado rapaz ! Carlos não é seguramente o autor daquella carta maldita, que te obrigou a despresal-o !

— Oh ! não, não é ! eu o comprehendo ! E apostaria até a minha vida em cemo está innocent ! Carlos escreveu-me apenas uma vez, na vespera da sua partida... Elle o disse e eu o creio. O visconde de B !... Sim, seu pai !... é elle o autor de tudo !... Meu Deos ! porque não havia eu ter comprehendido a mais tempo a innocencia de Carlos !

— E como te ama elle, minha amiga ! Se aquele amor não é o verdadeiro, não existe amor no mundo !

— Oh ! cala-te pelo amor de Deos ! Cala-te Sofia !... Tuas palavras são setas, que me traspassam o

coração !... E Celina reclinou a cabeça sobre o colo da outra, soluçando de afflicção e desespero.

— Minha filha ! disse Marianna chegando á porta da alcova, Celina !... O que é isto ? ! Não vens fallar ao Sr. José Bazilio ? !...

Celina, não lhe respondeu. Seus soluços multiplicavam-se !

— Mão ! disse Marianna comigo. A fatalidade nos persegue !

— Celina ! continuou a matrona, o que tens, minha filha ?... Não é bonito este teu comportamento ! E' preciso esquecer de uma vez para sempre todo o passado... Lembra-te de teu pai... do teu juramento... e da palavra de honra que empenhaste !...

Celina ergueu-se rapidamente, todo o sangue do seu corpo parecia ter-lhe affluído ao semblante, seus olhos scintillavam como se despedissem chamas... era outra mulher !

— Perdão, minha māi, disse ella, há momentos em que o meu coração pode mais do que o meu dever e a minha vontade ! Faça o favor de dizer ao Sr. José Bazilio, que eu ja vou cumprimental-o.

E momentos depois a familia inteira tomava parte em uma conversação animada, cujo principal assunto era o proximo casamento de Celina e o regresso de todos para o Brazil.

Assim passou-se o dia em casa da Sra. Rosa, e Celina soube contrafazer tanto o seu profundo desgosto

to, que o velho José Bazilio chegou a dizer com os seus botões:

— Bravo ! a menina já não se lembra do rapaz ;  
não lhe apareceu pela manhã e passou as horas do dia, alegre, animada e satisfeita !...

Muito enganam as apparencias, dizemos nós, principalmente quando nascem e'llas da malicia das mulheres !

E o Sr. José Bazilio, embora velho, ainda agora principiava a pronunciar muito malo—a, b, c—do seu amor ! .

VIII

Era noite. Em casa da Sra. Rosa estavam todos agasalhados.

Celina dormia só, naquella alcova em que a vimos, ha peucos instantes, revelar á sua amiga os intimos sentimentos de su'alma.

Ao entrar na alcova, pela porta da sala, e do lado esquerdo, achava-se uma pequena mesa sobre a qual estava a imagem do Crucificado, ante a qual prestara a infeliz menina o terrivel juramento, que lhe ordenara seu pai ! Essa imagem era a da devoção da donzella, que acompanhara-a em sua viagem e ouvia-lhe todas as noites as orações fervorosas, que lhe partiam do peito !

De lado opposto havia uma janella que dava para

a rua e da qual Celina dirigira á seu amante aquellas curtas palavras, que tanto e tão profundamente o tra-ziaram preoccupado.

O leito de Celina estava em frente a porta da alcova que deitava para a sala.

Eram dez horas. A donzella tinha acabado de orar e reclinada sobre o leito deixava que a sua imaginação divagasse a mercê da duvida, da incerteza e talvez do impossivel de todos os castellos grandiosos, que pouco a pouco formava !

Lá fóra chovia a cantaros ! Relampágos enormes, acompanhados de trovões que retumbavam, entrando pelas frestas das portas e das janellas aclaravam completamente a casa e revelavam assim a mais medonha tempestade !

No meio dessa revolução natural da athmosphera sobresahiam, de instante a instante, a gargalhada estridente do mocho e o som compassado e longíquo do sino, que de alto do campanario annunciava aos homens as horas mortas da noite !

E Celina meditava !

De repente despertou ella da sua profunda lethargia ao toque das onze horas.

— Meu Deus ! que noite feia e tenebrosa ! exclamou Celina. Pobre Carlos !... Mas eu seria capaz de apostar em como te achas ahi !... Perdão, meu Deus ! perdão para este passo que vou dar !..

E a infeliz donzella voltou-se para a imagem, alumiada pela tenue luz de uma pequena lampada.

Ia levantar-se do leito. Mas, qual não foi o seu espanto ao ver abrir-se de par em par a porta do quarto em que se achava recolhida !

— Quem é ? ! Bradou ella.

Ninguem lhe respondeu !

Fixou a vista attentamente para a sala e vio perfeitamente a imagem alva e transparente de seu pai, que se dirigia para o quarto !

— Meu Deos ! ! exclamou Celina e ficou imovel de horror.

Com effeito, o espirito do velho Paulo de Oliveira, tornando-se vizivel á sua filha, vinha, pela primeira vez á terra, cumprir um dever importante !

Paulo de Oliveira jurara, que ainda mesmo como espirito, havia de oppor-se seriamente ao enlace de sua filha com o homem que elle suppunha haver ultrajado a honradez e a miseria de uma familia desvalida. Vinha cumprir o seu juramento.

Entrou no quarto silencioso e compassadamente, e sem voltar-se para Celina, encaminhou-se para a mesa em que se achava a imagem, ajoelhou-se ante ella e oreu !... Depois ergueu-se e sahio.

Ao vel-o chegar na porta, Celina, que estava trespassada de terror, cobrou animo, e mediante um extraordinario esforço poude pronunciar estas palavras :

— Meu pai ! !

Paulo de Oliveira parou e pouco a pouco foi deixando que seu rosto se tornasse vizivel á donzella.

— O que quer, meu pai?! Perguntou Celina.  
Porque vem aqui e a esta hora ?!

— Quero o cumprimento da promessa que fizeste,  
disse o phantasma. Venho pedir aquella imagem, que  
te de o animo e a coragem precisas para não faltares ao  
juramento que deste !! E foi-se !...

Celina, que até alli conseguira revestir-se de uma  
coragem a toda prova, encheu-se de pavor e ao olhar  
attentamente para as feições de seu pai soltou um grito  
tao forte e estridente, que despertou assustadas todas  
as pessoas da casa !

Sofia, Rosa e Marianna correram á alcova.

Celina estava estirada sobre o leito, tinha perdido  
os sentidos !

## IX

Entremos no aposento de Carlos.

Effectivamente a sala preparada de antemão para  
hospedar o millionario José Bazilio, fazia um contraste  
notavel com todo o resto do edificio.

Estava ricanente decorada e era, na verdade, digna da recepção de um principe.

Carlos olhou com indifferença para todas aquellas  
peças de fina madeira, moldadas ao gosto moderno e  
collocadas na melhor ordem, que é possivel imagina-  
se. Sua phantasia prenhe de muitas e importantes  
preoccupações, divagava de conjectura em conjectura,  
de duvida em duvida e em balde procurava um ponto

de apoio moral para firmar-se no conhecimento mais ou menos perfeito de todos os factos extraordinarios de que se acha cercado.

A imagem de Celina não se lhe afastava por um instante do pensamento.

Como e porque se achava ella em Portugal ?

Seu pai, o velho Paulo de Oliveira, era pobrissimo, pedia esmolas para sustentar-se e nunca lhe fallara nos seus parentes portuguezes. Teria elle morrido ? Parecia-lhe certo. Quem daria passagens para Lisboa á viuva de Paulo e á sua filha ? E o seu projectado casamento com o portuguez José Bazilio ?!... Neste ponto sentia-se desfalecer e maldizia da sua sorte ! Celina tinha sido pedida pelo milionario, que talvez fosse o seu protector actual e protector de sua mai... Sofia dissera, que ella o desposaria. O casamento, portanto, parecia lhe inevitavel !... A conversa entre Leonidas e Durval não lhe deixara a menor duvida de que era positivamente de sua bella amada que se tratava. O prazo de oito dias marcado para realizar-se o consorcio era-lhe sobremodo fatal !...

Na languidez quasi mortal, no desfalecimento moral quo se apoderava do seu espirito no auge de taes considerações, uma ideia vinha animal-o e acariciar-lhe o espirito ; essa ideia era a da entrevista, que lhe pedira Celina, ás 11 horas em ponto !

E como lhe parecia longo esse dia, o mais amargurado, talvez, de toda a sua existencia !...

As sete horas da tarde Carlos já estava na rua.

o calor era intensissimo, grossas e pesadas nuvens aglomeravam-se no oriente promettendo proxima e medonha tempestade.

As oito horas principiou a trovejar e Carlos caminhava abstractamente pelas ruas, caminhava sempre !... Soou dez horas, o infeliz mancebo achava-se entao perto, muito perto da casa da Sra. Rosa. Estava ao desabrigado. Ao roncar de formidaveis trovões cahio sobre a cidade uma chuva torrencial que em pouco tempo o deixou completamente alagado.

O infeliz mancebo aproximou-se da janella que lhe havia sido indicada e cozeu-se com a parede, ahincantava ansiosamente os instantes e os minutos...

Finalmente, o sino batendo compassadamente a longe, anunciara-lhe a hora tão almejadamente esperada !

E Carlos afastou-se da parede ; seus olhos voltaram-se para a janella onde a cada instante se lhe afigurava ver o rosto lindo de sua idolatrada amante ! Esperava... e nada ! nada absolutamente lhe indicava a approximação desse anjo puro e celeste, que devia reanimar-lhe o espirito n'uma esperança feliz ou sacrificial-o para sempre n'um desengano fatal !

De repente, ouvio um grito, tão agudo e penetrante como a exclamação do terror !... E depois... nada mais !... O silencio sepulchral da meia noite interrompido apenas pelo triste canto dos reptis e pelo surdo correr das aguas que se esgotavam nas ruas ! . . .

X

As cinco horas da madrugada o infeliz amante voltava para casa, como se fora um authomato !

O desespero, a dor, a afflīção horrivel, que seu espirito sentia tinham como que lhe embutado as facultades intellec̄tuas.

Carlos já não pensava... soffria e soffria mortalmente !

Aos que não sabem o que é o amor, aos que nunca sentiram esse affecto, tão puro e sublime, como pode ser um raio de luz celeste, parecerá extraordinario e sobrenatural o soffremento do infeliz mancebo ! Não, dirão elles, o amor, por maior que elle seja, não impõe sacrificio, não martyrisa o espirito e menos ainda faz calar o pensamento reduzindo o homem ao embrutecimento, à loucura, ao desespero e a morte !...

Como se enganam !

O amor é de todos os sentimentos humanos, o unico, que se não define, o proprio espirito que o recebe não lhe conhece a natureza, não lhe descobre o principio e jamais lhe poderá marcar o termo ! Parece que o amor é uma inspiração toda divina, nascedo sentimento de Deus e volta para o proprio Deos, tão perfeito, verdadeiro e fiel como quando partira d. Seu seio para engrandecer e sublimar o coração do que teve a dita de sentir-o !

A mulher verdadeiramente amada constitue-s<sup>e</sup>

desde logo depositaria fiel de toda a vida, de toda a felicidade do seu amante !

Qual é o bem, propriamente seu, que o homem realmente amoroso não vai contente e pressuroso depositar aos pés da mulher amada ? !

Sabedoria, fortuna, titulos, nobreza, honra, alma, vida... tudo, finalmente, é desde logo menos delle do que da deusa querida de todos os seus affectos e de todas as suas adorações !...

O amor não se difine, repetimos, só o conhece quem o sente. E assim como o homem verdadeiramente feliz é o que ama e consegue a posse da mulher amada ; assim também o homem verdadeiramente desgraçado é o que ama e vê nos braços de outrem a depositaria unica, invariavelmente unica de todos os seus bens, de todas as suas prendas e riquezas !...

Immerso em suas meditações estava Carlos, e há muito tempo que reflectia como que debaixo de um pesadão horrivel, quando o criado Bruto se lhe apresentou risonho e jovial.

— Está ahi embaixo o Sr. Leonidas, disse elle, vem a corte e diz querer fallar á senhoria.

— Ah ! manda-o entrar sem demora. Respondeu Carlos.

Leonidas não parecia o mesmo farroupilha da vespera, trajava como um fidalgo ; seu facto era todo novo e do mais fino panno.

Carlos, ao vel-o, extremeceu. Tinha em sua presença, não o vagabundo que lhe aceitara de bom gra-

do, as dez libras para pôr termo á uma conversa que lhe estava infastiando ; mas sim um cavalheiro perfeito, rico e elegantemente vestido, sympathetic e de maneiras affaveis !

— Queira assentar-se, Sr. Leonidas, disse elle.

— Creio, que não podia ser mais pontual, observou o recem-chegado, assentando-se em frente ao jovem. Estou ás suas ordens.

— Obrigado. Uma simples curiosidade demonstrou-me a solicitar-lhe esta conferencia. Sou brazileiro. Conheci no Rio de Janeiro a familia dessa menina da qual se occupavam hontem os senhores, especialmente o Sr. Leonidas, que até mostrou-se apaixonado...

— Effectivamente, disse Leonidas.

— Pois bem. Estimaria muito que o Sr. Leonidas me dissesse até que ponto pretende levar o seu intento de impedir o casamento dessa donzella com o portuguez José Bazilio. Tenho minhas razões para interessar-me por este negocio ; porque, a fallar-lhe a verdade, detesto esse millionario e o acompanharia, Sr. Leonidas, em todos os seus planos, uma vez que não fossem elles attentatories da vida de qualquer pessoa.

— Franqueza com franqueza, cavalheiro, disse Leonidas. Porque detesta o ricasso ? Eu quero-lhe mal, porque adoro a rapariga, e o senhor ?

Carlos guardou silencio.

— O senhor, continuou Leonidas, é brazileiro,

acaba de chegar de Pariz, é filho de um visconde, herdeiro de uma grande fortuna, recebeu hontem o avultado valor de um saque das mãos desse homem que abomina, devia regressar á Pariz hontem mesmo ; entretanto deixou-se ficar aqui, passou a noite ao relento, recolheu-se as cinco horas da manhã... o senhor porque detesta o ricasso ?

Carlos estava estupefacto ante aquella apreciação exacta, que da sua vida e de todos os seus passos acabava de fazer um homem, que lhe era inteiramente desconhecido ! Olhava-o cheio de espanto e sentia que a mais pronunciada antipathia unida á um odio que não podia conter lhe trasbordava n'alma.

Para elle não havia mais duvida que Leonidas era um bandido, um salteador, um espião !

Hontem se lhe apresentara em trajos de um mendigo, roto, sujo e repugnante, hoje, porém, não parecia o mesmo homem ! Um fidalgo da mais fina raça, um millionario, não trajaria melhor !

— O senhor não responde ? ! Articulou Leonidas. Parece, que trocamos os papeis, cavalheiro !... Lembre-se que não fui eu quem lhe pedio uma entrevista !

— Não o julgo com direito á me fazer interrogações, disse Carlos, levantando-se.

— Ah ! exclamou Leonidas, é interessante ! Qual é a distancia que vai entre nós, Sr. Cavalheiro ? O senhor é filho de um visconde e eu... Tirou do bolso um pergaminho, que apresentou á Carlos.

Carlos passou os olhos por sobre o papel e leu es-

tas palavras :— Reconheceremos o cavalheiro Leonidas de Manzanares como herdeiro do condado do mesmo titulo...

— Conde de Manzanares ! exclamou Carlos.

— Um seu criado, Sr. Carlos.

— E' extraordinario, disse Carlos consigo, um tanto arrependido da sua audacia.

— Já vê, continuou o conde, que não está o cavalheiro tratando aqui com qualquer pobretão da Espanha ; mas sim com o legitimo herdeiro de um titulo que muita gente boa ambiciona. Fallemos, portanto, claro, Sr. Brazileiro, o senhor ama a futura esposa do portuguez Jcsé Bazilio ?... não é assim ?...

— Pois bem, articulou Carlos, já que o disse, confirmo a sua suposição.

— E' muito natural. E em que lhe posso ser util ?

Agora vejo que em causa alguma.

— Nesse caso... queira o cavalheiro dar-me as suas ordens...

E Leonidas fazendo-lhe um rasgado cumprimento retirou-se, deixando-o completamente perplexo.

— Senhoria ! disse Bruto, entrando, o Sr. Leonidas mandou que lhe entregasse esta bolinha e esta carta...

— Uma carta ? ! Deixa vê...

Carlos abriu a carta e leu o seguinte :

« Sr. Cavalheiro—V. S. não podia procurar me-

lhor banqueiro para o deposito das suas dez libras. No prazo de 24 horas produziram elles o debro. Abri lhe remetto trinta. Devo, porém, observar-lhe que se eu recebi dez para guardar silencio sobre assumpto que lhe molestava, dou-lhe trinta, para dentro daquelle mesmo prazo retirar-se V. S. de Aveiro.—*Leonidas.* »

— E' interessante ! disse Carlos, rindo-se. Onde está este homem ?

— Retirou-se. Respondeu Bruto.

— Oh ! hei de encontra-lo ! Ainda que me seja preciso passar aqui todo o verão !...

— E' impossivel, senhoria, objectou o criado. Posso afirmar-lhe, que tão cedo não lhe pôrás mais os olhos !

— E porque ?

— Porque ninguém o vê por aqui ha mais de dous dias. Esteve hontem, hoje... e acabou-se.

— Então não voltará mais ?

— Ha de voltar. Daqui a seis mezes pelo menos.

— E' celebre !! Quem é este homem, Bruto ? Tu o conheces ? !...

— Tanto quanto sua senhoria. Já disse o que sabia & seu respeito. E' um homem incomprehensível e mysterioso, elle e seus companheiros !...

Novo e importante motivo para tornar ainda mais séria a situação do infeliz mancebo !

— Está bom. Retira-te, disse Carlos, e ficou passeando abstractamente ao comprido da sala.

## XI

Nossos leitores hão de desejar saber quem é Leonidas e quem são seus companheiros. Vamos fazê-lhes a vontade.

Havia na Hespanha em 1830, na povoação de Manzanares, perto do rio deste nome, um magnifico castello, morada do conde de Manzanares, homem excessivamente genioso e mal visto de todos os seus vizinhos.

O conde de Manzanares era viudo e de seu primeiro e unico consorcio tivera um filho, Leonidas, que herdara, com abastança, todas as pessimas qualidades de seu pai.

Na idade de vinte annos, orphão de pai e mãe, o nosso heróe já havia praticado oito mortes, por motivos frivulos, sem que as autoridades o podessem punir; visto que, dispondo de uma avultada fortuna, logo que se via perseguido pelos agentes da polícia emprehendia e realizava longas viagens pondo-se assim ao abrigo do rigor da lei.

Em pouco tempo, no jogo, no excesso das paixões e dos vicios consumira tudo quanto lhe deixara seu pai e se collocara na mais extrema miseria.

Ao principio, quando lhe faltara tudo á que o ha-

via acostumado a riqueza, vendo-se privado do dinheiro necessario á seus vicios e paixões, tentara suicidarse, sendo milagrosamente salvo, já nas portas da morte á que o levára o veneno, por um medico, que fora amigo de seu pai e que por acaso passara por Manzanares no momento em que o desgraçado lutava com as attribuições do desespero !

Salvo, Leonidas, para esquecer-se do passado e poder supportar suavemente o presente de miserias que o perseguiua atirou-se freneticamente ao vicio das bebidas alcoolicas.

Frequentador constante de todas as tascas, em pouco tempo relacionou-se com a gente mais ordinaria das principaes cidades da Hespanha. O bandido, o ebrio, o homem mais infame da sociedade era por elle preferido em suas orgias, em suas infernaes machinações.

Um desejo constante, uma ambicão insaciavel devorava-lhe o espirito, era a de ser muito rico, millionario ! resarcir toda a fortuna que perdera e augumental-a com o dobro se lhe fosse possivel.

Neste tentamen unio-se á uma celebre quadrilha de ladrões, que havia lá para as bandas do norte da Hespanha e metteu destemidamente mãos á obra.

Havia dous annos, que Leonidas abracára esse genero de profissão e com bastante prazer reconhecia que não havia sido infeliz em seus projectos.

A quadrilha era immensa e por toda a parte estendiam-se as suas maleficas ramificações.

A Hespanha, a Italia, Portugal e França, eram constantemente despertados por um roubo audacioso, por um e muitos assassinatos praticados em pleno dia em suas estradas, e pela maior parte na pessoa de homens abastados, que eram em seguida saqueados e sepultados ou lançados aos rios !

Leonidas era o chefe da quadrilha. Intelligent, audacioso, valente e cheio sempre de boas armas, não havia empreza, por mais perigosa que fosse, que lhe causasse embaraço.

Em Aveiro estavam elles já pela quinta ou sexta vez e a sua vinda de agora explicava-se perfeitamente pela chegada do millionario José Bazilio, cuja fortuna muito agradava à Leonidas.

## XII

Leonidas tinha dous assumptos importantíssimos, que o preocupavam nesse dia, de um acabava elle de livrar-se pela conferencia com Carlos.

— Enganou-se completamente commigo, dizia elle aos seus botões, encaminhando-se ao encontro dos companheiros, que o esperavam com anciadade.

Pensou que eu era um traca tintas, um vagabundo, um pobre diabo, finalmente !... Mas o habito não faz o monge.

Hontem um capadocio de botequim, um peralvilho de profissão, hoje, porém, um fidalgo de puro sangue,

um nobre, que não suporta insultos nem suporta ameaças.  
Veremos em que dá isto...

O outro assumpto quelhe ruminava na imaginação  
e este era o mais importante, consistia em uma proposta  
de grande interesse que tinha de fazer ao novo criado  
do portuguez José Bazilio, o palerma Durval, que já  
o esperava no lugar que lhe havia sido indicado.

Leonidas, entregue desde muito moço á todos os  
vícios e paixões, acostumado a conseguir facilmente a  
posse de todos os objectos que ambicionava, difficil-  
mente deixava-se impressionar ante a ideia do impos-  
sivel.

Chegando em Aveiro, á chama do de um amigo,  
que como elle exercia a mesma profissão, e em virtu-  
de da assistencia do millionario, cuja fortuna deslum-  
brava todas as vistas dos ladrões audaciosos, Leonidas,  
em poucos dias conseguiu relacionar-se com a criada  
da Sra. Rosa, portugueza de seus trinta e tantos an-  
nos, natural da Ilha Terceira, formosa e bem fallante.  
Em suas entrevistas com esse verdadeiro demônio fa-  
miliar, enchendo-lhe sempre as mãos de dinheiro, ob-  
teve o intrepido e audacioso conde uma narração exac-  
ta e minuciosa de todos os factos da familia, pondo-se  
assim a par das relações que existiam entre o velho  
José Bazilio, a Sra. Rosa e a menina Celina.

Desde então eram sempre espiadas e a todas as  
horas do dia e da noite, as casas de morada do velho  
portuguez e da sua futura mulher.

N'um dos passeios diurnos vio Leonidas pela pri-

meira vez a encantadora donzella de quem a criada lhe fallava sempre com a mais exagerada exaltação. Cheio de espanto, ante uma beleza tão real e deslumbrante, Leonidas parou insensivelmente e contemplou-a extasiado.

Celina, que se achava na janella, ao ver aquella figura de mendigo, que a olhava fixa e attentamente encarou-a, mágico grado seu.

— Coitado ! tão moço... e talvez impossibilitado de ganhar o pão !

Correu ao interior da casa e voltou logo trazendo uma moeda de prata que atirou ao mendigo.

Leonidas approximou-se da janella e apanhou o dinheiro.

— Obrigado, disse elle, aproveitando o ensejo e contemplando ainda mais attentamente as feições lindas da inocente brasileira.

Desde então uma ideia infernal passara pela imaginação do bandido ;—possuir a donzella.

Os homens da tempra de Leonidas não sentem amor, são victimas de uma paixão cega, brutal e instinctiva, que os arrasta aos maiores crimes, aos mais audaciosos commettimentos.

— Oh ! bradou Leonidas, ao afastar-se da janela, que linda mulher ! nunca vi outra semelhante ! Hei de possuir-a ! Sim, esta mulher ha de ser minha, custe o que me custar ! E uma alluvião de planos diabólicos forjaram-se logo no seu cérebro escaldado.

A criada da Sra. Rosa, á quem chamaremos Car-

lota, apanhando por alto, no interior da familia, todas aquellas scenas afflictivas, que se deram com a donzel-la, por occasião do apparecimento de Carlos, em Aveiro, levou-os logo ao conhecimento de Leonidas, que desde então acompanhou todos os passos do infeliz man-cebo, não o perdendo mais de vista.

Eis o pé em que estavam as cousas, quando um projecto infâme, um pensamento horroreso veio preoccupar o afamado salteador na sua dupla ambicão.

Servindo-se do estúpido Durval, como instrumen-to, parecia-lhe facil, muito facil, conseguir em pouco tempo os seus abominaveis desejos, os seus horriveis projectos.

Durval esperava-o em companhia dos outros tres amigos e companheiros que os nossos leitores já co-nhecem por tel-os visto na hospedaria do *Frango-assado*.

La, fóra dos limites da cidade, no fim de uma lon-ga e estreita estrada que se perdia em diversos cami-nhos para o interior de um grande matagal havia uma pequena casa de lugubre apparecia, meio derribada pe-la velhice e pelo tempo sobre a qual contava-se diver-sas e interessantes lendas. Nessa casa, completamente abandonada e entregue aos reptis e á vegetação inculta residiam, provisoriamente, Leonidas e seus amigos.

Uma pequena e velha mesa, quatro cadeiras quebradas, algumas esteiras e duas grandes malas, eis a mobilia que a adornava.

### XIII

— Ah! vem Leonidas, disse Leão, vendo o amigo que se approximava.

Correram todos à porta.

Leonidas caminhava acceleradamente, vinha debaixo da pressão da ideia fixa que o dominava nesse momento; o suor gotejava-lhe do rosto annuviado pelo odio, pela paixão e pela usura.

— Já tardavas! Bradou Leão, ao vel-o entrar.

— Eutretanto, disse Leonidas, fui pontual e apressado. Estive com o nosso homem. Daquelle tropeço creio que estamos desembaraçados!...

E Leonidas narrou aos companheiros, em poucas palavras, o resultado da sua conferencia com o joven Carlos.

— Agora commigo, disse Durval. Tinha no negocio serio, muito serio a tratar com este teu criado!... Seu muito curioso... estou doudo por saber o papel que me compete.

— O papel, sim, dizes bem; observou Leonidas, o papel... é isto mesmo. Olha Durval, tenho-te em conta de um bom rapaz, quero concorrer com as minhas forças para a tua completa felicidade.

— Bravo! exclamou Durval, isto é que é sym-pathia! Creia o Sr. Leonidas, que saberei agradecer-lhe tantos e tão avultados e bseqüios. Conheço-o de poucos dias e já tenho muita razão para estimá-lo. Se não fossem os seus conselhos não estaria eu hoje na criada-

gem do Sr. José Bazilio, e o que mais é, merecendo-lhe a mais pronunciada confiança...

— Muito bem, é isto mesmo o que se quer. Tu és digno, muito digno da estima do ricasso. Entretanto, Durval, ser-te-há necessário trabalhar muito e sofrer milhares de contratempos para seres feliz. A felicidade não nos vem pelo meios ordinarios e quando isto acontece, acredita, chega sempre muito tarde.

— Lá isto é verdade.

— Já não estás muito moço. Vais agora para o Brazil e na qualidade de criado, no fim de um ou dous annos despedem-te e ver-te-has obrigado a incetar um novo meio de vida, sujeito á todas as consequencias da tua miseria ; porque afinal de contas um criado é sempre um criado...

— Lá isto é verdade.

— Pois eu tinha me lembrado de um meio rapido de fazer-te enriquecer muito e de te tornares um fidalgo como pode ser o José Bazilio...

— Oh ! lá isto, Sr. Leonidas... lá isto agora é gracejo !...

— Não estou gracejando, homem, fallo-te a verdade.

— O senhor é extraordinario ! tem artimanhas do diabo... Ora vamos lá... como é isto então ?...

— Da maneira seguinte : O velho José Bazilio é riquissimo, traz sempre consigo muito dinheiro em apolices, creditos, joias, ouro e prata...

— Lá isto é verdade...

— Tu acabaste de dizer que lhe mereces confiança...

— Tal e qual.

— Pois bem, en dou-te uma porção de um pó que tenho ahi, o qual possue a propriedade de matar lentamente. Todo dia botarás uma pitada na chicha da café do nosso homem e no fim de oito dias...

— Oh ! isto é horrivel ! bradou Durval, um assassinato ! !

— Muito natural. José Bazilio está velho, pouco tempo mais lhe restará de vida ; tu te encarregarás de abrevial-o.

— Homem, essa ! ...

— E' bem lembrada, queres tu dizer ?... Logo que o vires debaixo da accão do veneno te farás muito seu amigo, não sahirás da cabeceira do seu leito, de physionomia triste e profundamente afflictiva chorarás até, se for possivel fingir. Elle terá as pernas fraquissimas, não poderá andar ; dir-te-ha as chaves das suas gavetas e tu verificarás o lugar em que guarda todos os seus bens. Nas proximidades da morte...

— Zás ! ... exclamou Durval, como se estivesse ao vivo executando o seu papel ; aposso-me de tudo... e depois ?...

— Depois...? Quem é que sabe o que possue o millionario ?... Depois... por-te-has ao fresco e se não fores ingrato lembrar-te-has desto teu amige, que tão bons conselhos te tem dado... Então, o que respondeu ?...

— Homem a cousa é de pensar maduramente...

— Estás enganado, nessas cousas não se pensa ; faz-se ou não se faz, logo que se tem a ideia.

— Está dito... mas... oh ! diabo ! e a menina ?... e o casamento ? !...

— Ora... temos outra !... Pois não vês, que ainda prestas um serviço áquella encantadora rapariga, que odeia o maldito velho e casa apenas para fazer a vontade da mãe ? E demais, Celina ama á outro ; todo o seu desejo, toda a sua ambição é despozar aquelle jovem que viste hontem na hospedaria e que teve a generosidade de dar-me as dez libras...

— Ah !... exclamou Durval ; tu és o diabo Leonidas... bem digo eu... tu és o diabo !

— Então está assentado ?

— Vá lá... O homem está velho... a menina não o quer... faço a minha felicidade e a felicidade della...

— E de Carlos.

— É verdade, logo são tres ; e a bem de tres... creio que não será peccado...

— Decididamente que não.

Leonidas abriu uma das malas, tirou de dentro um pequeno embrulho que entregou a Durval.

— Uma pitada por dia, disse elle, não precisa mais...

— Uma pitada por dia ! arre ! que pitada ! E com quantas espirrará o homem ?

— Seis, pelo menos.

XIV

Durval guardou em uma velha carteira o veneno que lhe dera o bandido e poe se a caminho para casa.

O velho José Bazilio morava em uma linda casa de campo, em lugar muito ameno, saudavel e pittoresco. Sua saude ahí restabelecia-se de dia em dia e na opinião do facultativo estava livre de qualquer perigo.

A companhia unica do velho portuguez era uma pobre mulher viuva, de cincuenta annos de idade, que fôra afilhada de seu pai e lhe merecia por isso a estima e proteccão.

Rita, chamava-se a gorda matrona, que se encarregara de todo o serviço interno da casa do estimavel filho de seu padrião.

José Bazilio achava-se desde a vespera bastante encommoado de uma forte constipação, que lhe accomettera, e agasalhado em seu quarto já havia chamado por duas vezes pelo novo criado que o devia acompanhar ao Brazil.

— Prompto meu amo. Disse Durval entrando no quarto, depois de ter sido avisado pela Sra. Rita de que seu amo lhe queria fallar.

— Onde estiveste?

— Fui despedir-me de uns amigos velhos que partem hoje para a Hespanha e que talvez não os veja mais.

— Estás muito vadio. Não te quero assim. Preciso de ti em minha companhia. Bem vês, que estou doente...

— Perdão, meu amo, não sahirei mais daqui...

— Dize a Sra. Rita, que me trande o caldo.

— O caldo !... conjecturou Durval, e desde logo resolveu dar principio á sua empreza ; tirou da carteira o papelzinho e passou-o para o bolço.

Rita entregou-lhe uma chicara contendo pequena porção de sôpa.

— O que é isto Sra. Rita ? perguntou Durval.

— Uma sôrda.

— Bravo ! Como está gorda !

E lá se foi. Em caminho, parou, tirou o embrulho do bolço, tomou uma pitada e poz na sôpa. Ia seguir, vacillou, parou de novo e reflectio.

— São seis, disse elle, e portanto o que tem de fazer-se faz-se logo. Colheu mais cinco boas pitadas do veneno e lançou-as na chicara. Agora sim, ha de espirrar por força !

— Prompto, meu amo. E' uma sôrda e parece que deve estar saborosissima.

O velho José Bazilio, assentou-se no leito, reclinado aos travesseiros e bebeu toda a sôpa que se achava na chicara.

— Não está má, disse elle, acho-lhe, porém, um gostinho amargoso...

— Ha de ser do vinagre...

— Sim, ha de ser isso, articulou o velho e deitou-se.

Durval sahio levando a chicara, que teve o trabalho de lavar muito bem lavada, não se esquecendo de arear e limpar a colherzinha.

As quatro horas da tarde desse mesmo dia Durval corria á casa do facultativo e chamava-o a toda pressa para ver seu amo, que tinha sido accomettido de um ataque que lhe tirara os sentidos.

O facultativo examinou-o attentamente, empregou logo uma doze de medicamento forte e esperou pelo resultado.

As sete horas da noite o doente tornava á si, mostrava-se porém muito anciado e queixava-se de terríveis dores de estomago.

O doutor attribuiu ao effeito do medicamento que lhe applicára e tanto mais convencido ficou disto quanto mais repetidos foram os vomitos que teve o doente.

As dez horas da noite o Sr. José Bazilio dormitava como que um pouco melhor do grande encommodo que tivera.

O medico retirou-se, depois de ter feito muitas e serias recomendações e prescripto ao doente a mais severa dieta.

Rosa, Marianna e Celina, logo que tiveram noticia da grave molestia do Sr. José Bazilio passaram-se para sua casa e desvelavam-se no tratamento que lhe era necessario.

Celina ainda não estava completamente boa do en-

commodo moral que tivera ante a presença real do espirito de seu sempre querido pai. Parecia-lhe velo á todos os instantes pedindo-lhe constantemente que não desposasse Carlos e que cumprisse rigorosamente o seu juramento.

A infeliz menina soffria e soffria muito, seu semblante cobrira-se de uma pallidez mortal, profunda tristeza enlutava-lhe o coração e tornava-a tão pensativa e melancolica, que fazia compaixão vel-a !

As dores d'alma são sempre as mais pungentes e mortaes ; para ellas só existe um remedio, um lenitivo — a satisfação da nossa vontade, a retribuição do bem que tenhamos perdido, a esperança, finalmente. Mas Celina já não esperava, Carlos, estava para sempre perdido ! Era o seu primeiro e unico amor, que devia, por uma fatalidade, ser sepultado rigorosamente no mais profundo e eterno esquecimento.

Nestas condições Celina não encontrava resignação nem alivio para os seus tormentos, desejava morrer.

A molestia do velho portuguez inspirava serios cuidados. O medico ao retirar-se dissera que elle sofria de uma grave congestão de que ainda não estava salvo. A ideia da morte do millionario encomodava muito as duas matronas—Marianna e Rosa. Celina lastimava-o e dotada de um espirito muito caridoso orava fervorosamente para que elle se restabelecesse.

— Arre ! que estomago forte tem este velho ! dizia comsigo Durval, ao ver que o doente dormitava, quasi salvo da primeira doze que lhe applicara ; e pa-

ra não perder tempo, na grandiosa empreza que tomara á seus hombros, dava busca em todo o quarto a procura das chaves de uma enorme cómoda, onde lhe parecia que devia estar guardado o dinheiro.

No dia seguinte o doente não apresentou melhoras sensíveis. O medico não gestou do seu estado, reeitou e de novo recommendou todo o cuidado e vigilancia.

Por sua parte, o velho portuguez, no gozo dos seus sentidos, conhecia perfeitamente o seu estado melindroso e como que tinha perdido a esperança de salvar-se.

— Minha senhora, disse elle em voz fraca e arrastada á māi de Celina, sei que morro, e como talvez, ainda me restem algumas horas de vida, se fosse da sua vontade e da menina casar-me-hia mesmo aqui no leito... Se morrer como é provavel, ella ficará senhora de toda a minha fortuna, senão, virei a gosar mais tarde de toda aquella felicidade, que ha poucos dias sonhavamos...

Marianna não ouseu contestar a vontade do doente, achou-a muito boa e participou-a logo á sua filha.

Celina estava pelo que quizessem e limitou-se a responder que sim.

Resolveu-se que o casamento seria no dia seguinte, logo pela manhã.

Na tarde desse mesmo dia o Sr. José Bazilio pedio que lhe mandassem um tabelliao perante o qual fez

o seu testamento, legando á Celina toda a sua fortuna, superior a deus mil contos de réis, em predios no Rio de Janeiro, apolices da dívida publica, escravos, prata, ouro e outros bens. O testamento foi lacrado e entregue ao testador que o pôz debaixo dos travesseiros.

Durval foi o unico que assistio á esse acto do moribundo, e o seu espanto era extraordinario ao ver o velho enumerar, um por um, todos os seus avultadissimos bens.

Era meia noite. A Sra. Rosa acabava de saher do quarto do doente, afim de agasalhar-se, visto que o deixara tranquillo e em sonno que parecia profundo.

— Sr. Durval, disse ella para o crindo, é bem que o senhor não durma; deve ir de vez em quando ao quarto e se houver alguma novidade venha logo e logo chamar-me.

— Não tenha susto, minha senhora, não tenha susto... pode ir descansar, que eu velarei toda a noite! Coitado do meu pobre amo! Já estava tão forte! tão bom!... Olhe, Sra. Rosa, sou capaz de jurar em como isto foi olhado que lhe puzeram...

Não duvido, disse a matrona. E quem sabe se não foste tu!

— Eu?! Ave-Maria! nem fallar nisso, Sra. Rosa...

E Durval encaminhou-se espantado para o quarto do doente. Ao vel-o voltado para a parede approximou-se do leito e escutou. O pobre homem anciava lentamente e não se movia.

Durval tirou o palpezinho do veneno do balço e saiu códio parte do resto dentro de um copo em que se achava o medicamento que devia tomar o doente logo que atordasse.

— Veremos se espirra desta vez, disse elle com os seus botões, e lançando mão de uma vela, acendeu-a á lamparina e poz-se a procura das chaves dessa cômoda, que elle tinha tão per to de si e onde se achava encerrado talvez um cabedal invejavel.

Em sua excursão levantou a ponta do travesseiro e deparou com as chaves.

Sua alegria foi extraordinaria.

Ao movimento que fez, José Bazilio despertou.

— Quem está ahi? Pergunto u elle.

— Sou eu, meu amo, que estou afflito e cuidadoso pelo seu estado... Meu amo não quer tomar o seu remedio?... tome, meu amo.., eu tenho esperança e fé em Deus que ha de ficar bom de pressa ..

— Da-m'o disse o velho estendendo a mão para tomar o copo e reclinando-se nas almofadas.

O criado entregou-lhe a doze fatal, que o infeliz velho levou a bocca e sorveu de um trago.

— Agora deite-se, me u amo, descauce, qne amanhã ha de sentir-se melhor.

— Deus queira. Disse o velho e cahio sobre os travesseiros.

Duas horas depois o doente estorcia-se no leito, victimâ de terriveis dores, que lhe tiraram a falla e que o faziam espumar como se tivesse sido atacado de

uma geta fulminante. As agoniaas duraram talvez um quarto de hora. Durante todo este tempo Durval de pé, em frente do leito, exprimia nos labios um sorriso satanico e estupido como o do algoz ao ver espirar a victima que o houvesse enchedo de imprecações ao subir para o cadasfalço !

José Bazilio apontava a custo para o copo, pedia agua. Durval não se moveu.

Pouco a pouco foram-lhe faltando as forças, as ancas sucedeua um ligeiro entorpecimento por todo o corpo, voltou-se para o lado da parede e arranceu do íntimo do peito um gemido surdo e doloroso !... Esta-va morto !

O criado depois de certificar-se de que nada mais do que um cadaver existia sobre o leito lavou perfeitamente o copo e substituiu o medicamento que nesse se achava, despejando parte de ignal que se continha em uma garrafa ; depois levantou os travesseiros e tirou as chaves, abrio as gavetas da commoda e apossou-se de todo o ouro, joias, e papeis que lhe pareceram importantes. Ao pôr as chaves em seu lugar vio o testamento, lançou-lhe a mão, contemplou-o indeciso e afinal metteu-o no bolço.

— Tudo está consumado ! disse elle. Agora o que fazer ?... Agora, fugir...

Encaminhou-se pela ultima vez ao leito, levantou o colchão e examinou attentamente as taboas da cama.

— Nada ! exclamou, entristecido. Não tem nada ! Pois bem, fica-te em paz. Deus te dê o descanso eter-

no de que tanto precisavas... E sahio. Atravesou o corredor da casa, entrou na sala de jantar, abrio a porta e poz-se na rua.

XV

Eram duas horas da madrugada.

Toda a cidade de Aveiro sabia da grave molestia do velho portuguez millionario e estremecia pelo seu estado.

Muitas e diversas conjecturas fazia-se sobre os symptomas que apresentara o mal, correndo de boca em boca a palavra envenenamento e adquirindo a noticia proporções assustadoras.

A opiniao geral era que o velho portuguez não amanhecera vivo.

Leonidas estava a par de todo o occorrido e admirava a rapidez com que o seu fiel agente executava a sua importantissima missão.

Segundo as ordens que lhe déra, o envenenamento devia ser lento e por isso demorado, assim de não intentar suspeitas no animo do publico; entretanto, as nove horas da noite desse mesmo dia, espalhava-se a noticia de que o infeliz José Bazilio não escaparia á uma forte congestão! Era, portanto, o veneno, que estava operando os seus mais desastrados effeitos.

Acurioso esperava Leonidas pela chegada de Durval para receber alegremente a noticia almejada do passamento do ricaço e bem assim os espolios valiosos que por ventura encontrasse.

Estavam os ladrões na mais cordial conversação áquella hora tão adiantada da noite e em tão deserto lugar, quando bateram na porta.

O espanto foi completo, levantaram-se todos espontaneamente e armaram-se.

Leonidas encaminhou-se à porta.

— Quem está? Perguntou elle.

Era Durval, que acabava de chegar.

— O amigo Durval; respondeu o miserável, ansiioso por dar conta da sua nefanda missão.

A porta foi aberta e fechada em seguida, cercando todos o recem-chegado, que se apresentava ufano e vitorioso, como se fora um general, que acabasse de vencer uma batalha!

Então?... Interrogou-o Leonidas. O que há de novo? Sei que tens andado muito bem. Como vai o homem?

— O homem?... Ora essa é bôa! O homem espirrou, havia ser uma hora e meia mais ou menos...

— Morreu? exclamaram todos.

— Da cabeça até os pés. Deixei-o morto como um defunto.

Os bandidos olharam-se reciprocamente cheios de espanta.

— Eis aqui o que encontrei de melhor lá pelas gavetas. Posso-lhes afirmar, que em casa não tinha mais do que isto.

E Durval tirou dos enormes bolões diversos objectos de ouro e prata, muitas moedas dos mesmos me-

taes, apolices da dívida publica brasileira e títulos de crédito.

— Só isto ? Perguntou Leão.

— E' verdade, disse o ladrão, levando a mão ao bolço, furtei-lhe mais o testamento... mas isto não nos serve de nada !

— O testamento !! exclamou Leonidas. Da-me o testamento !... E arrsu o papel da mão de Durval.

— Está lacrado, sellado e com todas as formalidades...

— Tu assististe ao testamento ? Perguntou o conde.

— De principio á fim.

— Quem são os herdeiros ?... Em quanto mostra a fortuna ?...

— Os herdeiros ?! E' uma só, a Sra. D. Celina.

— Celina !! exclamou Leonidas. Deixa toda a sua riqueza á Celina !

— Deus mil e tantos contos, em predios, ouro, prata, apolices, escravos, etc. etc. etc.

— Oh !! men Deus ! que feliz achado !...

Leonidas guardou o testamento. De repente a sua ardente e diabolica imaginação concebeu um novo plano que lhe pareceu importantissimo, grandioso, sublime !

Semelhante testamento valia para elle toda aquella fortuna ; julgava-se desde logo o herdeiro do millionário e parecia-lhe estar já de posse dos dous mil e tantos contos !

Os bens roubados por Durval attingiram á cifra de vinte contos de réis mais ou menos.

Leonidas entregou-lhe todos os metaes, deu-lhe mais algum dinheiro do seu bolço, até completar a quantia de cinco contos de réis fortes, e propôz-lhe a entrada para a companhia ; visto a boa e fiel execução da primeira e tão arriscada empreza, que lhe fôra commettida.

Durval aceitou a proposta, e como, seguramente, ao romper do dia, ante a sorprehendente morte do infeliz José Bazilio e o desapparecimento do seu criado a policia empregaria toda a sua actividade para a captura do assassino, os ladrões arrumaram as malas e a essa mesma hora pozeram-se a caminho em busea de um melhor abrigo onde se occultassem completamente das pesquisas das autoridades.

— Boa viagem, meus amigos, disse o conde de Manzanares, abraçando os companheiros. Sinto profundamente não os poder acompanhar desta vez ; tenho negocios de summa importancia a liquidar em Aveiro : brevemente nos acharemos reunidos.

Para onde se dirigia Leonidas ? Qual o negocio importante que o retinha em Portugal, quando se retiravam seus companheiros e tendo desapparecido completamente a causa que o conduzia até alli ?

E' o que veremos para diante, na parte seguramente á mais importante do nosso romance.

Por enquanto narremos o que se passava na casa onde fôra assassinado o velho portuguez, durante a

viagem dos bandidos e as novas machinações de Leonidas.

## XVI

Eram cinco horas da madrugada. O dia vinha rompendo por entre um horizonte multicôr, bello, risenho e brilhante como o conjunto de muitas flores preciosas lançadas sobre um mar de perolas e brilhantes para onde convergissem os primeiros raios do sol !

Despertavam-se as aves e cantavam innocentemente o clarão da vida — hymnos, gorgéios tão sublimes, que as escutava o Creador encantado da sua propria criação !

As ovelhas davam o primeiro signal de lembrança dos seus frescos e verdejantes prados, acordando assim o senhor que lhes vinha conceder a liberdade.

A cidade inteira despertava.

A vida e o trabalho iam recomeçar sua lide.

Rosa acordou ao primeiro toque de matinas. Levantou-se logo e correu ao quarto do doente.

A lamparina ardia triste e amortecida, como a alampada funeraria. Profundo era o silencio ! Ninguem se achava alli !

Rosa pensou achá o criado, sua ausencia surpreendeu-a sobre modo. Lançou a vista para o copo e viu que o doente não tinha tomado o remedio. Approximou-se do leito. Escutou. O doente não resonava ! O silencio era tumular !

— Meu Deus ! exclamou a matrona, dar-se-ha o caso que tenha morrido !...

Acendeu uma vela e approximou-se de novo ao leito.

José Bazilio não se movia.

Chamou pelo seu nome. Reinou o mais profundo silencio !... Então a matrona reclinou-se sobre o leito e poz a mão sobre o corpo. O gelo do cadaver tinha resfriado os cobertores.

Rosa soltou um grande grito e deixou cahir a vela que apagou-se por entre as dobras do lençol.

Momentos depois toda a importante cidade de Aveiro recebia a triste noticia do falecimento prematuro do infeliz José Bazilio.

O facultativo verificou e declarou immediatamente, que a morte fôra causada por envenenamento, taes eram os horriveis vestigios que deixára a ultima e grande porção do infallivel toxico, que lhe ministrára o malvado !

Todas as suspeitas recahiram logo sobre o criado Durval, que desapparecera, levando comsigo o testamento e diversos valores, que se presumia terem sido roubados.

As autoridades policiaes da cidade expediram agentes activos para diversos pontos a procura do malvado. Tudo, porém, foi baldado. Durval já estava muito longe, ia em caminho do Porto, em companhia dos seus amigos, d'onde pretendiam passar a Villa-Real pelo Douro, e dahi a Hespanha.

Mariana sabia, que o finado constituiria sua filha herdeira de todos os seus bens, sabia-o também a Sr.<sup>a</sup> Rosa, e o tabellião, avocado para testemunha, narrou minuciosamente todas as disposições testamentárias do millionário e declarou, que juraria, se preciso fosse, que a menina Celina era a herdeira universal de toda a fortuna do infeliz José Bazilio.

Estas declarações, porém, não valeram em juizo e o governo portuguez trataria sem duvida de considerar a fortuna do seu fallecido subdito como espolios, que deveriam reverter a bem do reino.

Ao espalhar-se a noticia da morte de José Bazilio, Carlos sentiu, que um raio luminoso da esperança acalavrava-lhe as trévas do desespero em que tinha imerso o pensamento e o coração. Celina estava livre, completamente desligada de sua palavra; podia, portanto, dispor soberanamente da sua mão e Carlos nãocreditava que ella o esquecesse ou o desprezasse por outro.

Por sua parte, a encantadora filha do mendigo do Lavradio, via, na morte do velho portuguez, o desaparecimento de um dos maiores obstaculos que se colocavam em frente do seu amor.

Carlos, pensava sómente em Leonidas.

Celina, não podia afastar por um instante da memória o retrato de seu pai.....

XVII

Eram passados oito dias depois do fallecimento do velho portuguez, quando Celina recebeu o seguinte bilhete de seu amante :

« Celina ! Juro-te por alma de meu pai, que sempre amei-te. Cuidando do meu amor, talvez, aceitasse o pedido do infeliz José Bazilio, que, entretanto, já não existe no mundo ! Hoje estás completamente desligada de qualquer compromettimento.. Por Deus... Pelo amor de meu pai... lembra-te do passado... Volve o teu coração para o unico homem que te ama neste mundo !... — *Carlos.* »

Celina, ao receber a carta de Carlos, de que fôra portador o criado Bruto, verteu muitas e abundantes lagrimas. Aquella carta vinha de novo despertar-lhe no coração o immenso amor que consagrara ao homem que seu pai mais odiara.

Marianna encontrou-a triste e lacrimosa, assentada ao lado de sua amiga Sofia, que procurava animá-la com palavras repassadas de resignação e esperança.

— O que tens, minha filha ? Sempre triste ! Por que choras ?

Celina não lhe respondeu, tirou a carta do seio e entregou-lhe.

— Uma carta de Carlos ! Oh ! meu Deus ! sempre este homem !... E leu a carta.

— Responde-lhe, minha filha, disse ella, narralhe todo o passado de que elle deve estar lembrado e diz-lhe que é impossivel pertencer-lhe !

— Impossivel !... Oh ! minha mae, não falle assim... faz-me tanto mal !...

— E o que devo eu dizer-te filha ? Acaso pretenderas esquecer o juramento que fizeste ? Os insultos que recebeste ?...

— Insultos !... Não creio que aquellas cartas fossem escriptas por elle. Jurarei até em como não teve conhecimento dellas...

— Se assim fosse... disse Marianna, meio compadecida ante a figura melancolica e supplicante de sua filha, talvez se podesse remediar tudo... Entretanto a não terem sido escriptas por elle essas duas cartas .. quem as escreveria ?

— Seu pai, o velho visconde, afim de romper para sempre os laços que nos prendia...

— Escreve-lhe, pois, disse Marianna, responde-lhe á esta carta ; veremos qual será sua resposta.

— Celiua obedeceu sua mae. Em uma carta muito longo patenteou á seu amante toda aquella historia, que elle inteiramente ignorava e terminou pedindo-lhe que lhe respondesse quanto antes.

## XVIII

Aqui, necessario é que façamos uma pequena digressão afim de provarmos a veracidade da manifesta-

ção do espirito do velho Paulo de Oliveira, e bem assim declararmos donde partira a palavra—*Insensato*, que ouviram—Celina e seu pai, no momento em que aquella prestava o seu terrivel juramento, de jámais desposar o filho do visconde de B...

Um espirito é uma substancia immaterial e por isso invisivel aos olhos do corpo humano, orgaos materiaes, que apenas sentem impressões dos objectos externos realmente existentes na natureza. Um espirito, portanto, cujas propriedades são inteiramente oppostas as da materia, não pode ser percebido.

Entretanto, não ha nem houve por ahi, em todos os tempos e lugares, quem não tivesse sua historia de aparições de seres immateriaes para contar à humana-dade.

Este, affirma, com toda a seriedade de que pode dispôr, que ouvio diversos sons, inteiramente estranhos à seus ouvidos, em horas altas da noite e no recolhimento do seu quarto, justamente á hora em que fallecera um seu parente ou amigo. Sons estes á que o vulgo tem dado o nome de *signaes*.

Sobre esta sorte de manifestações contaremos aos leitores, em breves palavras, um facto notavel, que deu-se na Bahia de S. Salvador, em fins do anno de 1855, commentado então pelos jornaes, que lhe não contestaram a veracidade.

Duas senhoras, intimas amigas, tiveram de separar-se; porque uma, que se casara, partiu para o Maranhão. No acto da despedida, entre lagrimas de tris-

teza e amor, combinaram em que a que primeiro morresse daria á outra um *signal* da sua partida da terra. A que seguiu para fóra assentou em dar á amiga uma bonita rosa, em prova da sua lembrança e a que ficou prometeu imprimir-lhe um beijo na face, logo que fallecessem.

Passaram-se alguns annos sem que a senhora que se achava na Bahia tivesse a menor noticia de sua verdadeira amiga.

Um dia, era já ao cahir da noite, estava esta senhora assentada perto de uma janella da sua casa, entretida a cozer em uma almofada de rendas, quando ouvio perfeitamente que do interior da alcova chavam pelo seu nome, repentinamente voltou o rosto e não viu ninguem ! Recordou-se de já ter ouvido aquella voz e logo veio-lhe a memoria a lembrança de sua amiga. Preoccupada por este phenomeno extraordinario e dolorosoolveu os olhos para a almofada e deparou com uma rosa linda e fresca que acabava de ser posta alli.

Então não teve a menor duvida de que a voz era a da sua amiga do Maranhão, cuja promessa era pontualmente realizada ! Com effeito, ao chegar o vapor do norte teve então a desditsa amiga as más exactas noticias do falecimento da sua companheira da infancia. Ella morrera no mesmo dia e na mesma hora em lhe offerecera a rosa !

Aquelle jura ter visto clara e perfeitamente a figura, a sombra ou retrato d'uma pessoa que lhe fora muito

cara. Conta a sua historia invocando o testemunho de Deus e niugueni será capaz de duvidar da veracidade das suas palavras em vista do seu criterio e reconhecida honradez.

Os que tiveram a dita de conhecer o muito sabio e virtuoso D. Romualdo António de Seixas, que foi por muitos annos arcebispo da Bahia, não serão capazes de duvidar, por um instante, da sinceridade das suas palavras. O seguinte facto foi por S. Exc. Rvm. narrado á seus amigos e merece particular attenção dos que ousam negar afoitamente aquillo, que não lhes é dado comprehender.

D. Romualdo tinha por costume agasalhar-se muito tarde ; entregue aos seus profundos estudos e ás serias meditações sobre as pessoas e cousas divinas, passava grande parte da noite nos mais acurados trabalhos do espirito, augmentando a somma dos seus vastíssimos conhecimentos e purificando ainda mais o seu já elevado coração.

Uma noite, acabava elle de ler, e depois da oração que fizera ao deitar-se, subiu para o leito e no acto de benzer-se vio perfeitamente que se lhe representava, a porta do quarto, uma de suas irmãs, que estavam no Pará.

Sorprehendido e ao mesmo tempo assustado por semelhante apparição esteve por alguns instantes sem saber o que julgasse ! Seria sua irmã em pessoa que alli se achava e áquella hora ? Não, não era possível . Sua pallidez era mortal ! trajava de branco, tinha

uma grinalda de donzella na fronte e um véo que lhe cobria parte do rosto... D. Romualdo fixou a vista e reconheceu um cadaver! Sua irmã era morta... foi esta a ideia que lhe passou pelo espirito e então chamou por ella.

— Minha irmã! disse elle, o que pretendes de mim?!

— Nada. Venho dizer-te adeus, Romualdo... adeus... Disse o phantasma e desappareceu!

E D. Romualdo mais tarde teve a noticia da morte de sua irmã.

Poderiamos apontar muitos e importantes factos desta natureza justificados todos, mais ou menos, pelo depoimento fidedigno de caracteres verdadeiros e honrados, incapazes, sem duvida, de entreter a attenção publica com embustes e falsidades em assumpto de tamanha gravidade e ponderação.

Não deixaremos em silencio o que passou-se na mesma cidade de S. Salvador, onde parece terem alguns espiritos em certas épocas escolhido para theatro das suas mais notaveis manifestações, com o virtuoso e honrado magistrado Dr. Salustiano José Pedrosa, insigne philosopho e muito habil advogado dos auditórios dessa província.

O Dr. Salustiano amava estremosamente sua esposa, da qual tivera filhos, que ja se achavam moços, quando esta, vítima de uma gravissima molestia, foi lançada ao leito sem que restasse à medicina a menor

esperança de salval-a depois de muitos e bem applicados curativos.

Nos ultimos instantes da existencia a virtuosa esposa do Dr. Salustiano, abraçando-o affectuosa e fortemente, como se lhe quizesse dar a ultima prova do seu verdadeiro amor pedio-lhe, com as faces humedecidas pelas lagrimas de uma dor que não se explica e olhando terna e piedosamente para suas filhas, que não desse á estas madrasta.

— Sim, respondeu-lhe o inconsolavel e afflictivo esposo, eu farei a tua ultima vontade.

Momentos depois era viuvo.

Passados muitos annos o Dr. Salustiano, senão esquecido da promessa que fizera á sua esposa moribunda, ao menos persuadido de que exigencias dessa ordem feitas pelos espíritos encarnados não podem preocupal-os quando no lugar que lhes tenha sido destinado por Deus, tomou a resolução de casar-se.

Estava marcado o dia em que o eminente filósofo Bahiano desposaria a virtuosa filha de um dos mais notaveis vultos do nosso paiz.

O Dr. Salustiano agasalhara-se certa noite, já tarde, quando vio entrar em seu quarto, com passos leatos, a sombra, perfeitamente descriminada, de sua idolatrada mulher!

Seu pavor foi extraordinario! não teve animo de chamal-a!

O espírito dirigi-se á um grande e rico oratorio

que havia no quarto, curvou-se ante a imagem do Crucificado allumiada apenas por uma triste lamparina e parecia orar. Depois ergueu-se e retirou-se no mais profundo silencio !

Na noite seguinte e a mesma hora deu-se a mesma apparição, sem que o infeliz esposo podesse pronunciar uma só palavra, tal era o seu estado de terror.

Na terceira noite dispoz-se elle a dirigir-lhe a palavra fazendo sobre si um esforço quasi sobrenatural.

Com effeito, logo que o espirito de sua esposa apareceu ao limiar da porta o Dr. Salustiano interrompeu-o com a seguinte pergunta :

— O que vos traz aqui ? Tendes alguma cousa a pedir-me ?

— Nada, respondeu-lhe a sombra, venho apenas pedir á Deus para que saibas cumprir a promessa que me fizeste.

— E qual foi ella ?

— A de não dares madrasta á tuas filhas ! disse o espectro e retirou-se.

O Dr. Salustiano deitou-se e nunca mais ergueu-se do leito. Dias depois era um cadaver !!

Muitos outros e mais ou menos identicos factos teriamos para narrar aos nossos leitores, sendo todos elles confirmados pelo testemunho insuspeito de pessoas importantes, se por ventura nos dispuzessemos a abusar da attenção dos que nos tem até agora honrado com a leitura deste romance.

A manifestação dos espiritos é, portanto, uma

verdade, que ninguem ousa contestar, sob pena de passar por espirito forte, ou, o que vem a ser o mesmo, por atheu.

Todos nós temos, desde a mais tenra infancia, um bom espirito, um espirito familiar ou sympathico à que vulgarmente se tem dado o nome de anjo da guarda, que nos acompanha e guia pelos melhores caminhos da vida, lutando sempre, por rosso interesse, não só contra os mäos espiritos que nos perseguem ou nos induzem ao mal como tambem contra os nossos proprios desregramentos.

O espirito sympathico ou familiar de Celina era um bom espirito, um verdadeiro espirito, puro e elevado, na phrase dos philosophos espiritistas.

Os espiritos assim veem e até prevêem pela serie natural dos factos humanos e pelas leis invariaveis do codigo divino muitos e diversos acontecimentos à que estão sujeitos os homens e é por isso que se lhes tem supposto o poder de nos afastar do mal à que muita vez somos innocentemente arrastados.

Presente esse espirito no acto de prestar a donzella o juramento sagrado que do intimo do peito lhe arrancára o amor proprio ultrajado e a solicitação de seu pai, não poude conter-se ante a facilidade com que a infeliz menina avançava uma proposição inteiramente contraria aos altos decretos do Creador dos mundos, e então armara-se de um poder que lhes é dado em certos e determinados casos e fez-se ouvir pela palavra  
—INSENSATOS !

XIX

Explicados assim os phenomenos pela exhibição de factos verdadeiros e revestidos de toda a authenticidade, voltemos ao fio do nosso romance.

Em quanto Carlos Augusto recebe a carta de Celina em resposta a sua e sorprehende-se a cada instante pela narracão dos factos que lhe eram inteiramente estranhos e dos quaes deprêhende perfeitamente o final procedimento de sua amante, vejámos o que fazia Leonidas, esse homem terrivel e audacioso, cujo coração affeito aos vícios e aos crimes acabava de experimentar com toda a intensidade os effeitos perigosos de um amor profundo e sem limites !

Leonidas estava a par de tudo quanto se pássava em casa da Sra. Rosa em relação aos amores de Carlos e de Celina e bem assim sobre a morte do portuguez José Bazilio.

A criada, com quem fallava todas as noites e à qual dava constantemente dinheiro, não lhe occultava o menor dos factos ocorridos e muito de propósito andava-os escutando para ser o mais exacta possível ás exigencias do ladrão.

Leonidas forjava, em seu infernal pensamento, o mais horrivel e audacioso commettimento !

Elle havia dito. « Hei de possuir esta mulher ! » e para cumpril-o não trepidaria facilmente ante os maiores e os mais abominaveis crimes !

A fatalidade protegeu-o ! O malvado tem sempre o

seu tempo de felicidade, em que tudo lhe correr bem, a medida dos seus desejos, das suas ambições e dos seus mais torpes e abominaveis vicios !...

De posse do testamento do velho millionário, que constituia a pobre filha de um mendigo unica herdeira de uma fortuna colossal, parecia-lhe facil, muito facil, comprar a custo daquella preciosidade, daquella riqueza fabulosa, que de um instante para outro podia reduzir à cinzas—todo o amor, todo o carinho da desgracada donzella !... Então... mãos a obra, dizia elle, e proseguia em seus planos.

## XX

Carlos, em resposta á sua amante, já havia escripto diversas cartas sem que lhe parecesse haver ditto bastante tudo quanto lhe ditava o coração, em qualquer delas.

Em uma fazia horriveis increpações á seu pai e apresentava-o como um pai tyranno e cruel.

Na outra procurava explicar a sua cega obediencia á autoridade paterna, a razão daquella carta que escrevera inteiramente coagido e o motivo poderoso da sua rapida partida ; não o conseguiu satisfactoriamente.

Em uma terceira limitava-se a fallar do seu amor, das horas amargas que passara, da saudade immensa que sentira.... mas tudo isto não bastava para satisfazer as exigencias de Celina.

— Oh ! exclamou elle, afinal, porque não hei de exprimir-lhe vocalmente toda a verdade da minha alma ? Porque não hei de fallar-lhe ? !

E limitou-se a pedir-lhe uma entrevista, na qual promettia dar-lhe as melhores provas e as mais minuciosas explicações sobre a sua innocencia.

Marianna já tinha o espirito attribulado por tantos e tão repetidos desgostos.

A morte do velho José Bazilio, que devia desposar sua filha, o reubo do testamento, que constitua a menina herdeira universal de todos os bens do millionario, o apparecimento do espirito de seu esposo exigindo o cumprimento do solemne juramento que fizera Celina, de jáxas desposar Carlos ; emfim a presença deste mancebo em Aveiro, eram motivos poderosissimos para que a infeliz senhora passasse muitas horas em vigilias e torturas.

Carlos queria responder de viva voz á sua amada sobre a interpellação que lhe fizera. Essa nova exigencia do mancebo parecia á Marianna uma verdadeira evasiva, um meio de que elle servia-se para encobrir a verdade. Reflectindo em todas essas cousas, e sobremaneira preoccupada, a viuva de Paulo de Oliveira passara a ultima noite debaixo da pressão de horriveis pesadêlos ! Pareceu-lhe ver seu esposo supplicar-lhe, que por principio nenhum consentisse no casamento da menina, com o causador principal da sua morte prematura ; depois via Celina de posse da herança do velho portuguez, rica, muito rica, morando em um boni-

to palacio e cercada de criados que lhe desvelavam em servil-a.

Ainda estava no leito e pensativa nas suas atribuições da noite, quando Celina entrando no quarto declarou-lhe que Carlos pedia-lhe uma entrevista.

— Não, não consinto em semelhante entrevista, não quero. Esta resposta deixa-me convencida de que elle não tem provas para justificar-se. Celina, queres que te falle com toda a franqueza ? Por minha vontade não casarás com este homem ! Vi esta noite, em sonhos, o espirito de teu pai, que exigia de mim o cumprimento da tua promessa. Oh ! Celina ! esquece este mancebo para sempre ! é tua mãe quem te pede ! E demais, diz-me o coação que mais tarde ou mais cedo a polícia capturará o autor do roubo do testamento do falecido José Bazilio e então serás muito rica, poderás viver sobre ti, independente e senhora de todas as tuas vontades... não te escravises, minha filha... faze a vontade de teu pai, que tanto e tanto te amava...

Abundantes lagrimas responderam á este pedido da matrona, que reclinando aos seios a fronte de sua filha imprimio-lhe um ardente beijo de amor e ternura.

— Oh ! não chores, disse ella, meu Deus !... que infelicidade é a nossa !...



## TERCEIRA PARTE

*O golpe traiçoeiro. Rapto. Scenas no subterraneo.*

### I

Ha um poder superior á todos os poderes, uma força que sobrepuja todas as forças, uma liberdade sem limites, mais firme que a palavra de um rei, mais sublime do que a vontade de todos os homens ; porque é capaz de eternizar uma ideia inteira ! Esse poder, essa liberdade é o quero de uma mulher intelligente, que ama e entrega-se de toda a sua alma e de todo o seu coração ao homem que se lhe constituiu digno de immortalisar-se com ella !

Celina, conheceu que era amada, muito amada, e a convicção foi imprimir-se em seu espirito, desde que o mancebo, ignorando completamente, que ella se achava em Portugal, e ainda mais, que estava sendo escutado, confessou, com a energia propria do senti-

mento verdadeiro, que seu pai fôra o causador unico da sua partida, que seu coração soffria e soffria horrivelmente pela ausencia duradoura e que, finalmente, amava profunda e estremosamente a filha de Paulo de Oliveira.

O que lhe faltava, pois, para crer, que em todo o seu passado de amor havia um mysterio de que tanto ella como seu pai haviam sido victimas ?

Nada, absolutamente nada !

Mas, sua mai oppunha-se ás leis do seu coração ; seu pai mostrava-se attribulado, nessas apparicoes nocturnas, que tanto a encommodavam e affligiam !

O que fazer, portanto ?

E' nessas occasiões, que toda a mulher se levanta sobranceira e lavra um protesto solemne contra aquelles que ousam, inconscientemente, proclamar-as de fracas !

Fracas ! E porque ? Qual foi a mulher, que já se curvou aos pés de um cavalheiro para confessar-lhe o seu amor ?

Ellas sentem, sentem muito, pensam... e mais sensatas do que o homem, mais fortes e poderosas do que elle, não precisam de mais do que de um sorriso para vencel-os á todos !

O poder está nelas, ellas são a origem da sensibilidade, do sentimento o mais sublime, da paixão e do amor !

Celina elevou-se acima de todos os poderes, quiz

e foi o quanto bastou-lhe para vencer todas as dificuldades !

— Hei de fallar-lhe, disse ella. Quero ouvil-o. Se for inocente, ninguem mais habilitada do que eu para fazer-lhe justiça. Ama-me, amo-o ! Ha entre nós uma unica lei, uma unica força—a natureza ! Deus !

A criada da Sra. Rosa, foi encarregada de entregar à Carlos uma carta em que Celina marcava-lhe uma entrevista, às dez horas da noite do seguinte dia, no portão do jardim ao lado da casa em que morava.

A criada, constituida assim confidente da infeliz menina, exultou de satisfação, por ter uma importante noticia a dar a Leonidas, que proseguia impavido e resoluto nos seus planos infernaes.

Nessa mesma noite, portanto, o malvado teve sciencia de tudo, e segundo os seus bem arrajados projectos, não se lhe podia offerecer mais opportuna e feliz occasião de realizar os seus intentos. . . . .

II

Eram quasi dez horas da noite do seguinte dia, desse dia tão aniosamente esperado pelo infeliz mancebo, dia que devia ser o mais feliz de toda a sua existencia até então !

A cidade de Aveiro principiava a adormecer, uma ou outra pessoa ainda era encontrada pelas ruas à procura dos aposentos.

Em casa da Sra. Rosa já dormiam todos, a exceção de Celina e sua amiga Sofia, que sobresaltadas contavam minuto por minuto.

— Sou finalmente o toque das dez horas !

— E' tempo, disse a interessante e candida donzella erguendo-se e imprimindo um osculo na face de sua amiga.

— Sofia... minha querida Sofia... ora por mim. Nunca pensei dar um passo igual, na minha vida !... mas o que fazer ? Quero ouvir-o... e se for inocente... juro-te, que não pertencerei á outro !

— E o teu juramento ? E a promessa que fizeste á teu pai ?

— Juramento ! promessa !... E que importa tudo isso se eramos victimas de uma illusão ?

Meu pai era um excellente coração e eu estou certa de que se elle hoje vivesse e chegasse a conhecer toda a verdade seria o primeiro a não embaraçar o nosso amor ! Ah ! minha querida Sofia, acredita, que a justiça que deve ser feita a um inocente condenado é mais do que uma raparação, é um dever, é uma virtude sublime !

— Pois bem, vai ! disse Sofia, vái, minha amiga e Deus te acompanhe...

Celina deu os primeiros passos para sahir da alcova, ainda quiz avançar ao aspecto de uma sombra negra que lhe surgiu nos umbraes da porta ; mas não ponde, recuou espavorida, tremula, estatica e livida como se tivesse sido tocada pelo sopro da morte !...

— O que viste, minha amiga ? !

— Oh ! exclamou a menina, fixando a vista para a porta, não vês ? ... alli... meu Deus ! ... é meu pai ! ! E ajoelhou-se.

Sofia ajoelhou-se tambem.

— Meu pai ! meu sempre amado pai, disse a infeliz enaiporada, oh ! em nome de Deus ! em nome da verdade e da justica divina perdoai-me... e perdoai tambem á elle ! ... Deixai que o ouça... e eu vos juro, ainda numa vez, que se tiver sido culpado na feitura daquelle carta, no ultrage da vossa e da minha honra não o desposarei jamais ! ..

E Celina ergueu-se firme e resoluta como a vontade de uma mulher ! e caminhou !

O phantasma collocou-se em sua frente e procurava embaraçar-lhe os passos ; mas a menina estaya illuminada pelo puro e verdadeiro sentimento do amor, e fortalecida pela crença da verdade e do bem, não recuou jámais !

— Oh ! exclamou ella, arrancando do mais intimo de sua alma toda a agonia que a suffocava nesse momento solemne, não haverá poder algum que me faça retroceder ! ... Quero ! e só Deus poderá vencer-me nesta lucta ! ...

E passou ! ...

O phantasma desappareceu em um instante e as duas meninas ouviram um gemido tão triste, penetrante e prolongado como a expressão da agonia mortal ! ..

Celina atrevessou um longo e escuro corredor, trou na sala de jantar, encaminhou-se á varanda, desceu uma pequena escada que dava para o pateo e achou-se presa em pequeno cercado de madeira, cuja porta estava fechada a cadeado ; com esforço conseguiu arrancar uma das taboas fazendo pequena fresta por onde passou, muito a custo, para o jardim.

A noite estava horrivelmente escura, grossas e medonhas nuvens agglomeravam-se no espaço, prenunciando a borrasca ; relampeava e de quando em quando roncava ao longe pesado e assustador trovão.

— Meu Deus ! exclamou a menina, valei-me ! dai-me coragem... e proseguio...

Ia em caminho do portão ao lado da casa, fixou a vista ao longe e pareceu-lhe divisar um vulto branco.

E' elle, murmurou ella baixinho e caminhou.

Um gemido surdo e penetrante chegou-lhe até os ouvidos, escutou, pareceu-lhe ouvir ainda uma vez um grito rouco de agonia...

— Oh ! articulou ella, parando irresoluta, porque me ha de perseguir assim meu pai ? !...

Celina atribuia ao phantasma os ultimos gemidos que ouvira.

Estava indecisa, um tremor nervoso percorria-lhe por todo o corpo e sentia como que uma força estranha que a empurrava para traz... caminhava e parava !

De repente ouvio que lhe chamavam pelo nome, pareceu conhecer a voz e recobrando todo o animo marchou destesida.

III

Carlos tinha chegado ao portão indicado por sua amante ás 9 1/2 horas da noite ; ahí, recostado á um *frade de pedra* esperava impaciente e deixava levantar-se em sua imaginação ardente immensos e gigantescos monumentos de amor e felicidade. Immerso no seu profundo scismar foi despertado por uma voz fraca, arrastada e commovente, que parecia-lhe sahir bem de perto ao lugar em que se achava,—em seguida um gemido profundo, outro, mais outro... e a palavra—misericordia, chegou lhe aos ouvidos ! Carlos encaminhou-se ao lugar donde lhe parecia partirem os gemidos e pouco a pouco foi divisando um vulto que se achava estirado sobre o chão.

— Quem será ? murmurou comsigo o infeliz mancебo, e compadecido perguntou :

— Quem está ahí ?

Quem quer que era guardou silencio.

O joven approximou-se mais, até ficar na distancia de uma braça talvez.

— Quem é ? disse elle, o que tens ? ..

O vulto ergueu-se rapidamente, como de um salto, puxon de um grande ponhal que trazia no bolço e antes que o mancебo podesse fugir on gritar cravou-lh'o no peito !

Carlos ao sentir-se ferido quiz ainda dar alguns passos, mas faltaram-lhe as forças, cambaleou-lhe o corpo sobre as pernas e cabiso !

Leonidas tinha cumprido a sua palavra.

— Muito bem, disse elle, deste estou eu livre !

O bandido reclinou-se sobre a vítima, que apenas podia articular baixos e curtos gemidos, mettendo-lhe a mão nos bolços e tirou-lhe todos os papeis e todo o dinheiro que encontrou, em seguida encaminhou-se para o portão onde aguardava impaciente e resoluto a chegada da infeliz menina.

E Celina encaminhou-se para o portão.

Leonidas avistou-a ao longe e chamou pelo seu nome.

Reanimada assim a donzella, por essa voz que julgou ser a do seu amante, acelerou os passos.

— Carlos ! exclamou ella, ao chegar perto do vulto, cujas feições não podia distinguir. Quanto me custou a chegar até aqui !

E estendeu-lhe a mão, que o malvado tomou entre as suas e levou aos labios.

Leonidas tinha chegado ao termo dos seus arriscados planos !

Lançou os braços de envolto à cintura da menina e sem pronunciar uma palavra carregou-a até a distância de oito á dez braças. Ao chegar perto de um copado arvoredo onde a escuridão da noite envolvia em negro manto o companheiro que o esperava, chamou-o pelo nome :

— Pedro ! articulou elle.

Ao som dessa voz, que lhe era inteiramente desconhecido, e na presença de tanta audacia a grosseria,

que de maneira alguma podia atribuir à seu amante, Celina comprehendeu rapidamente, que tinha sido vítima de uma traição! Quiz gritar, chegou ainda a abrir os labios e a forcejar para sahir das garras do malvado, mas foram em vão todos os seus esforços!

Pedro acudio promptamente, pôz uma mordaca na bocea da donzella e ajudou a carregal-a de novo para ser collocada em um carro fechado, que se achava pestado algumas passos adiante.

Celina, sem saber o que pensasse ao certo de tudo o que acabava de acontecer-lhe e convencida de que seu amante não se achava alli encheu-se de terror e perdeu os sentidos.

— Depressa, Pedro! Disse Leonidas ao belieiro, que fez partir os animaes à toda a brida!

#### IV

O carro seguiu em direcção da celébre e afamada casinha onde estiveram hospedados os ladrões e donde sahira Leonidas para a realização da sua empreza.

Ao chegar na porta o bandido tomou de novo mes braços a infeliz menina, que ainda estava desmaiada e entrou.

Veio recebel-o um novo personagem, que os nossos leitores não conhecem ainda, um verdadeiro mixto de homem e bruto, figura horrivelmente feia, parecendo-se antes aos orangotangos das Antilhas do que a mais imperfeita de todas as raças humanas.

Quem o visse pela primeira vez não podia excusar-se à um grito de terror; pois parecer-lhe-bia ter a presença de um ente sobrenatural, monstruoso e disforme.

O novo personagem tinha uma cabeça desproporcionadamente grande, achatada e de formas irregulares, negras e enormes barbas cahiam-lhe até os peitos nus e cobertos de um pello tão espesso como o do macaco.

O tronco do corpo não tinha de comprimento mais de seis decímetros e as pernas curtas e finas afastavam-se formando um arco concavo e quebrado no meio. Trajava calça de panuo escuro e camisa suja como se tivesse sido lançada na lama.

— Segue Ambrosio, disse Leonidas, para o tal bicho, que sorria-se aparvalhadamente levantando uma candeia fétida até a altura do rosto da donzella.

Ambrosio fechou a porta e seguiu acompanhado de Leonidas que não tinha descansado a sua prêsa. Atravessou um longo corredor, entrou em uma sala deserta, dahi passou-se à uma alcova immunda e fria, que o homunculo empurrou com força herculea, aberta essa porta passaram-se para um novo e estreito corredor, e a direita Ambrosio levantou uma taboa que estava perfeitamente ligada ás outras do assoalho e deu passagem aos trez para um subterraneo. Ao chegarem no centro da terra, em uma vasta sala regularmente mobiliada, achava-se uma cama preparada com luxo. Leonidas deitou a menina sobre o leito e correu a buscar cheiros em um armario, afim de fazel-a tornar á si.

Com efeito, meia hora depois de ter sido posta no leito, Celina despertou do desmaio e ergue-se rapidamente.

Ambrosio estava de pé, em frente da donzella, ainda com a candeia na mão e contemplava-a com certa expressão de triumpho, que forçou a donzella a dar um grito de terror.

— Não se assuste, minha menina, disse o bruto, adocicando a voz. Está em boa companhia. O Sr. Conde foi mudar de traje e volta já.

— O Sr. Conde?! Quem é o Sr. Conde? Aonde estou eu?! perguntou Celina.

Mal acabava de pronunciar as ultimas palavras quando abriu-se a porta do fundo da sala subterrânea para dar entrada á Leonidas, que rigorosa e elegantemente vestido encaminhou-se vagarosamente á donzella deixando transluzir em seu semblante uma expressão affectada de ternura e compaixão.

Celina esperava-o no lugar em que se achava e lançou-lhe um olhar vivo e penetrante.

Aquella phisionomia não lhe era desconhecida, ella recordava-se de já o haver visto, porém não se lembrava aonde e quando.

— Minha senhora! articulou o bandido, ajoelhando-se aos pés da donzella, antes de tudo peço-lhe um perdão pela audacia que pratiquei... Estou certo de que me curvo perante uma verdadeira imagem de mulher sublime! Sei que é dotada de bastante sensibi-

lidade e de um coração esmoler e bemfazejo para me-  
recer e esperar um perdão ...

Eu amo-a ! ... Tive occasião de vel-a em Aveiro  
pela primeira vez, admirei-a, contemplei-a estatico,  
senti então que todo o meu ser se impressionava de um  
sentimento estranho, e no auge de uma loucura que  
só o amor exaltado e a paixão céga pôdem explicar  
ousei raptal-a ! ... Perdão !

— Senhor ! exclamou a donzella, recusando a  
mão, que o bandido pretendia beijar, eu não o conhe-  
ço e seja qual fôr a natureza da sua paixão, não com-  
prehendo nem desculpo o procedimento traçoeiro que  
acaba de ter para comigo ! O verdadeiro amor não  
autorisa á ninguem a praticar um crime, uma infamia e  
uma traição ! ... Rogo-lhe, senhor, que me dê a libe-  
rdaade. Seja qual fôr o sacrificio que me haja destinâ-  
do, declaro-lhe desde já, em nome de Deus, que o  
preferirei de bom grado á satisfação dos seus perversos  
intentos. O homem que quer ser amado não sacri-  
fica a liberdade da mulher, fraca, inocente e acces-  
sivel aos affectos e carinhos. O senhor é um bár-  
baro !

— Pois bem, disse Leonidas, erguendo-se, a me-  
nina força-me a dizer-lhe a minha ultima palavra. Eu  
sou o mendigo á quem deu ha dias uma esmola de  
prata ...

— Ah ! ... exclamou a donzella ...

— Sim, sou esse mendigo, esse homem que  
ama-a loucamente e a tem hoje em seu poder.

Parecia-me que a filha de um mendigo não podia aspirar se não o amor de um miserável... enganei-me! Pois bem, veja a Sr.<sup>a</sup> Celina esta carta... Sou o conde de Manzanares, senhor e possuidor de uma grande fortuna, descendente de uma família nobre, illustre... Digna-se agora aceitar a minha mão? Será a condessa de Manzanares, apresentar-lhe-hei ás cortes de Hespauha e Portugal, fa-la-hei senhora de palacios, de joias e pedrarias fabulosamente ricas; terá liberdade para viajar, frequentará os melhores theatros e bailes, em uma palavra será a raiinha do meu coração e a senhora de todos as suas vontades... aceita?

— Não! nunca! articulou a donzella. Odeio-o, senhor! abomino-o!... e deixe-se de confissões e promessas que me estão infestando. Diga-me ousadamente, como o tem feito até agora, qual é a sua última resolução á meu respeito?

— A minha ultima resolução é igual á primeira, desposal-a!

— Jâmais! autoriso-o a matar-mé de preferencia!...

— Oh! não sou malvado como pensa!... Seria capaz de matar, sim, não ha duvida, mas sómente para possuil-a!...

Uma lembrança rapida veio á mente de Celina!  
— Carlos!

Seu espirito enlutou-se de momento, como se o houvesse encerrado um espesso véo de crépe! E Ce-

Lina reflectio... « Houve uma traição ! Carlos devia estar presente á hora indicada... Quem sabe ?... talvez houvesse cahido ao golpe de tão sanguinario personagem !...

Então, a mulher que parecia arrogante, a mulher disposta até ao sacrificio da vida, a mulher amante, finalmente, já não pensava em si mesma, na sua sorte, na sua eminente desgraça ! pensava, sim, no homem que a amava e ao qual o seu coração estava preso como que por uma cadeia indissoluvel !

Passou-se um instante de silencio.

— Senhor, disse a donzella, aonde estou eu ?

— No castello de Manzanares na Hespanha.

Leonidas mentia.

— Quem lhe disse, que eu devia estar, ás 11 horas da noite, no portão da minha casa ?

— E' segredo, minha senhora ; não lh'o posso revelar.

— Entretanto, houve uma horrivel traição !... A minha presença em semelhante lugar e á essa hora tinha por fim...

— Uma conferencia com o cavalheiro Carlos.

— Ah ! sabe-o ? !

— E' verdade, fui informado de tudo.

— E esse cavalheiro ?... E' provavel que o encontrasse...

— Effectivamente, lá se achava quando cheguei.

— E então ?... O que é feito delle ?...

— Matei-o.

— Ah ! ! ... Exclamou a infeliz menina, e assentou-se desfalecida no leito.

Passou-se um outro instante de profundo silencio.

Leonidas não tirava os olhos de sobre a donzella. A paixão allucinava-o.

Celina recuperou as forças do espirito e reergueu-se.

— Senhor ! articulou ella, diga-me em nome do céo... em nome de Deus, confesse, que não praticou tão grande crime ! ...

— Fallei sómente a verdade. Matei-o, e para provar-lhe que não minto, aqui está o punhal ainda ensanguentado e esta carta que a senhora lhe escreveu, a qual se achava cm seu bolço e foi atravessada pela arma. Carlos está morto.

E o bandido apresentou à desgraçada menina as provas evidentes do seu monstruoso crime !

Celina deu um grito de horror e desespero, tão forte, tão profundo e magoado, que não é possivel descrever ! E em seguida, recuperando todas as forças do corpo, depois de um instante de torpor, avançou para o malvado e quiz tirar-lhe o punhal.

Leonidas resistio risonho e desembaraçando-se das mãos da donzella recuou e indicou a vítima ao selvagem que de pé e immóvel assistia indiferente á estas scenas horroosas !

Ao signal do bandido Ambrosio tomou a fiente da donzella e prende-a em seus braços musculosos e pos-

santes ; em quanto que Leonidas recolhia-se calmo e triunphaute ao seu aposento particular.

Celina atirou-se sobre o leito, occultou as faces lividas por entre as dobras de macios e alvos travesseiros e banhou-se de lagrimas.

Ambrosio acocorou-se em uma tripeça de pão, em frente ao leito, accendeu um grande e nogento cachimbo e poz-se a fumar.

No dia seguinte, que alli era ainda noite e noite horrivel para a infeliz menina, Leonidas, logo pela manhã, veio ter com ella.

Celina não dormira durante um só momento, chorara incessantemente e ainda chorava, debaixo da afflção agonisante de uma dor mortal, quando avistou o malvado.

Leonidas, sempre cynico, sempre audaz e perverso, approximou-se do leito.

Celina ergueu-se.

— Oh ! não se encommode, minha senhora..., deixe-se estar descansada. Sou incapaz de offendel-a. Articulou o conde.

— Senhor ! em nome de Deus ! em nome de tudo o que lhe possa ser mais caro no céo e na terra, dé-me a liberdade !... Exclamou a donzella, suppliente. Restitua-me ao seio de minha familia, aos braços de minha desgraçada māi !... que terá soffrido tanto quanto eu, desde o fatal momento até agora ! . . .

E os soluções eram tantos, que suffocavam-lhe a voz.

— E' esta a minha mais ardente vontade, minha senhora. Prometto e juro que lhe darei a liberdade já, se assim o quizer. Está em suas mãos obtê-a. Digá que me ama, que será minha esposa. Sahiremos daqui quanto antes e iremos a procura de um altar...

— Oh ! não ! jamais !... Se é esta, senhor, a sua ultima e decisiva resolução, pode desde já fazer uso desse punhal, que terá sido muito vez embebido no seio de uma inocente !... Eu lh'o supplico...

— Olhe, continuou o malvado, com brandura, sei que é a herdeira universal do fallecido José Bazilio : mas o testamento que a devia fazer senhora de pma fortuna superior a dous mil contos de réis está em meu poder... Se aceitar a minha mão será elle exhibido em juizo e entrará a menina no goso de uma herança fabulosa ; se a regeitar, porém, terei o prazer de queimá-lo à luz daquelle candéia e vel-o reduzido á cinzas !

Ante semelhante confissão, Celina não sabia o que pensasse ao certo da audacia e malvadez daquelle homem, para elle inteiramente desconhecido ! Via e comprehendia perfeitamente que elle jogava com todas as armas de uma horrivel traição de que acabavam de ser victimas o velho portuguez José Bazilio, Carlos e ella propria !

Cada uma palavra que o bandido articulava vinha

ainda mais augmentar o odio entranhavel que por tantas vezes lhe transbordava no espirito.

— Vejo que tem trabalhado muito, disse ella, e muitos auxiliares tem tido na sua empreza nefanda e abominavel ! Sou victima inocente de planos perversos e infames...

— Senhora !! articulou Leonidas, carregando os sobrolhos, veja que me está insultando !

— Sim, de planos perversos e infames ! Eu não o temo, seuhor. O maior favor que me pode fazer é matar-me ! O seu contacto infecciona-me, causa-me asco e terror ! O senhor é um miseravel, um covarde, vil e desprezivel, que julga possuir a honra de uma donzella a custo de uma fortuna deslumbrante ! Não o conseguirá, juro-o por todas as pessoas sagradas. A virgindade da mulher honrada não se compra com o dinheiro, nem se vence pela traição !...

Leonidas estava boquiaberto ante a coragem e a firmeza do espirito daquella mulher ! Contemplava-a, estatice e possuido de uma admiracão, que attingia ao espanto.

— Está bem, minha senhora, disse elle, afinal, deixo-a nas suas resoluções inabalaveis ; pode ser que o tempo consiga abrandar-lhe o coração..

E retira-se.

C linea voltar de novo ao estado de prostração.

Digamos alguma cousa sobre Carlos e vejamos qual a situação da infeliz familia de Celina, ao espalhar-se a aterradora noticia de seu desapparecimento.

Carlos foi gravemente ferido no peito. O punhal certeiro do assassino entranhou-se-lhe duas pollegadas, pouco abaixo das espaduas, produzindo um grande derramamento de sangue e tirando-lhe logo todas as forças do corpo.

Quiz erguer-se, mas não pôde; faltava-lhe a luz, faltava-lhe o vigor da existencia! gemia e gemia profundamente. Tendo a mão esquerda sobre a ferida mal conseguia por-se de joelhos, no intento de ser visto e socorrido por alguém.

O céo deparou-lhe mão caridosa e bemfazeja na pessoa de um pobre transeunte, que por alli passava casualmente.

Ao ouvir os gemidos encaminhou-se do lugar em que o infeliz mancebo estorcia-se em dores penetrantes e compadecido do seu estado, conduzi-o, muito á custo, á casa da sua residencia, que d'alli distava poucos passos.

A essa mesma hora o caridoso homem foi procurar um medico, que promptamente veio prestar ao moribundo os necessarios socorros da sciencia.

VI

Vinha rompendo a madrugada e Sofia esperava ainda por sua amiga, posta de joelhos ante a imagem da Virgem, orando fervorosamente por ella.

A demora parecia-lhe extraordinaria! Seu espirito estava inquieto e sobresaltado! Aconteceria alguma cousa à sua amiga? Carlos ousaria raptal-a.

Tudo eram conjecturas, quando o relógio marcou 5 horas da madrugada.

Sofia revestiu-se de animo, tomou um chale, e lançando mão de uma candeia, desceu ao jardim e encaminhou-se aceleradamente ao portão.

— Oh! ninguem! Exclamou ella, espantada por não encontrar a amiga, e voltou ainda mais apressadamente. Ao chegar em casa, despertou as duas matronas que ainda dormiam e em breves palavras narrou-lhes o que se havia passado.

O sobresalto, o espanto e a afflicção assaltou ao espirito das trez senhoras, que não podiam ao certo a aquella hora, adivinhar o que se passara com Celina.

— Carlos raptou-a, dizia Marianna.

— Antes assim seja, balbuciava Sofia...

Quem sabe?... uma traição, talvez...

— Não, não é possível que se desse uma traição, articulou Rosa. Celina foi ter com Carlos, contou-lhe tudo o que se passou, naturalmente disse-lhe que tu te oppões ao casamento.

O manequinho despeitado propôz-lhe a fuga e ella aceitou. Sou capaz de apostar em como foi isto o que se deu ! Ah ! minha cunhada ! concluiu ella, o que os homens não conseguirem só Deus consegne ! ...

— Desgraçada ! Exclamou a infeliz mãe. Não lhe seria necessário dar este passo ; porque eu no ultimo caso, não me opporia à sua vontade !

E abundantes lagrimas vieram interromper-lhe a voz...

Nestas trocas de palavras, nessas duvidas e considerações passaram-se os minutos... Rompeu o dia.

A criada da Sra. Rosa mostrou-se muito admirada quando lhe contaram o facto ; deu gritos de desespero e chorou em altos soluços !

Às seis horas da manhã Marianna correu à casa da primeira autoridade policial do lugar assim de comunicar-lhe o acontecido e pedir-lhe promptas providencias.

— O Sr. Dr., não está em casa. Respondeu-lhe um dos criados.

## VII

— Não está em casa a esta hora ? ! não creio ! ... Articulou a infeliz mãe. Traz-me aqui negocio muito serio e urgente. Preciso fallar-lhe sem demora.

— Já disse, que sahio. Foi proceder a corpo de delicto. Pois a senhora não sabe da facada que deram esta noite em um brasileiro, que estava hospedado no hotel do *Frango-Assado* ? !

— Facada ! em um brasileiro !... E como se chama elle ?

— Chama-se Carlos.

— Oh ! meu Deus !!... meu Deus !!... exclamou a desgraçada mulher. Quem foi que deu essa facada, senhor ? Em que lugar ?

— Não se sabe quem a deu. Quanto ao lugar sei que esse moço foi encontrado quasi morto em frente ao portão da casa da Sra. Rosa.

Mariaanna ficou como doura ao receber tal noticia.

Carlos ferido mortalmente ! E Celina ? !... O que seria feito della ?

Em poucas palavras e com dificuldade narrou ao criado a razão do interesse extraordinario que tomava sobre o facto e pedio-lhe que lhe acompanhasse á casa em que se achava o moribundo.

O criado obedeceu-a.

Apresentada ao mancebo, que nesse instante acabava de ser curado pelo medico e recostado sobre grandes almofadas gemia surda e profundamente, Mariaanna não teve animo para resistir a tanta dor ! cabio, e de joelhos, amparando o corpo sobre o colchão da cama, ficou estatelada sem saber o que dissesse.

Carlos viu-a e conheceu-a.

Um e outro tinham o mesmo pensamento — saber de Celina.

Carlos fallou em primeiro lugar e muito a custo.

— Celina ? ! Onde está Celina ? ...

— Oh ! não o sabe ? ! Disse Marianna. Eu vinha lhe perguntar por ella !

— Não sei. Esperava-a. No momento em que devia chegar fui traçoeiramente ferido ! Conheço o malvado e posso afirmar-lhe, que está ella hoje em seu poder !

— Conhece-o ! oh ! senhor, por piedade... diga-me quem elle é ?...

— E' o hespanhol Leonidas, que se diz conde de Manzanares. Na hospedaria do *Frango-Assado* lhe poderão dar informações exactas á seu respeito. Depois de ferido, quasi exangue, mal tive forças para erguer o corpo ; vi o vulto dessa infeliz menina, ouvi sua voz pronunciar o meu nome e depois... nada mais, a não ser o rodar de um carro ! O monstro raptou-a !

E Carlos calou-se. O medico lhe recommendara a maior tráquiliidade e que absolutamente não fallasse.

## VIII

Ao saberem do facto, as autoridades de Aveiro empregaram todos os meios para a captura do criminoso e fizeram as maiores diligencias para descobrirem o lugar em que se achava a donzella.

Tudo foi em vão !

A casinha dízerta onde se haviam hospedado os bandidos foi devassada, toda ella corrida, sem exceção de um só cantinho. Nada absolutamente encontraram ! nem vestigios ! ..

Agentes policiais partiram logo e logo para todos os pontos e tomaram direcções diversas; algumas casas suspeitas foram cercadas e procedeu-se a busca. Nada!...

E assim passou-se um mez, outro e mais outro!..

Carlos escapou. Dous mezes depois do seu ferimento diziam-lhe os medicos, que podia partir para a França, visto a sua pertinacia em não querer por mais tempo demorar-se em Aveiro.

O intento do mancebo era empregar todas as pesquisas, todos os meios á seu alcance para descobrir sua desgraçada amante e vingar-se do malvado,

Marianna pedia-lhe de joelhos, rogava-lhe, supplicava-lhe, a todos os instantes, banhada em lagrimas; que partisse quanto antes, e ao dizer-lhe o ultimo adeus, tendo-o preso em seus braços, pedio-lhe perdão do mal que involuntariamente lhe occasionara.

— Oh! exclamou ella, perdoe-me, Sr. Carlos!... As mães não sabem o que fazem quando se oppõe obstinadamente as inclinações amorosas de seus filhos!... Tarde e desgraçadamente cheguei a conhecer esta verdade!...

## IX

Voltemos ao subterraneo.

Durante todo esse longo tempo o barbáro salteador não conseguira modificar, em causa alguma, as firmes e inabalaveis resoluções de sua desgraçada prisioneira!

Celina revestira-se de uma resignação evangélica e de uma coragem de heroína !

Armada de um pequeno mas bem aguçado punhal, que por acaso encontrara enferrujado em um dos cantos da humida e tenebrosa sala subterrânea, confrontava, destemida, todas as tentativas do malvado !

Perdida a esperança de conseguir a liberdade, de pouco lhe valia a existência, que facilmente arriscava, repellindo sempre, com a energia da virtude, as propostas do seu algoz.

Leonidas não encontrava mais recursos, em sua imaginação diabolica, para seduzir a donzella ! Uma hora era brando, humilde e suave como pode ser o amante apaixonado aos pés da mulher idolatrada ; outra, porém, esbravejava como o tyraano em presença da sua vítima, ameaçava-a e concluia sempre protestando o seu inevitável triunfo.

Fazia-o estremecer, porém, a ideia de que Celina estava armada e temia que de um momento para outro não tomasse elle a resolução de ferir-se na ponta da sua propria arma !

Nesse sentido muitas e muitas recomendações fizera elle ao homúnculo, que por sua parte não temia menos um acto de desespero de tão corajosa mulher.

Conservando sempre em seu seio o punhal e estremecendo por elle, da mesma sorte porque o naufrágio agarra-se á taboa da salvação e se inquieta na lembrança de perde-la, a desgraçada menina passava os

dias e as noites em profundas vigílias e pensava seriamente no melhor meio de salvar-se.

Leonidas deixava-a só por muito tempo. Procurando advinhar-lhe os pensamentos e abrandar-lhe o coração sabia toda a noite as occultas e inteiramente desfarcado e voltava trazendo-lhe um sem numero de objectos mimosos, que a donzella recebia, no auge da maior indifferença.

Seu alimento consistia apenas em pão, carne e alguns bolos, acompanhados de um saboroissimo café, que o fiel criado Ambrozio, tinha o cuidado de preparar-lhe todo o dia.

Celina, comia muito pouco. Nos extremos de uma fome devoradora satisfazia-se illudindo a natureza e recebendo apenas o alimento indispensavel ás exigencias da vida !

Assim passaram-se seis mezes ! Seis mezes tão crueis, que lhe pareciam seis séculos !!

Inteiramente dissiludido nos seus intentos perver-sos e constantemente insultado pela donzella, que desembaraçando-se dos seus assaltos não perdia occasião de deprimi-lo, o barbáro conde sentia, que o seu amor desesperado de dia para dia convertia-se no mais intran-havel rancor !

Uma noite havia elle passado sem dormir, crean-do em sua imaginação ardentissima—novos e bem combinados planos de combate.

— Vou jogar a ultima carta, disse elle, erguendo-

se do leito, se perder mato-a ! E chaniou pelo criado Ambrozio.

— Prompto, Sr. Conde.

— Dize áquella senhora, que preciso fallar-lhe já e já.

Eram sete horas da manhã, ou antes, era ainda a continuação daq' uella noite fatal, para a desgraçada menina !

— Já lhe dei o recado, meu amo ; disse o criado voltando.

Leonidas lançou mão de um punhal e metteu-o no bolço.

— Acompanha-me, articulou elle. Ha de ser minha, por força !... E dirigio-se para a sala.

Celina, ao vel-o, ergueu-se, e tirando o punhal do seio esperou-o resoluta.

— Senhora ! disse o malvado, é preciso acabarmos com isto ! Ha seis mezes que lhe tenho dado as mais vivas e exhuberantes provas do meu profundo e verdadeiro amor ! Ha scis mezes, que a senhora não cessa de insultar-me e armada desse punhal suppõe, talvez, que me fará recuar por um instante ! Engano ! jurei que havia de ser minha, ha de sel-o, por força !...

Celina não lhe respondeu nada.

— Oh ! sempre a mesma ! bradou o conde, infurrido.

— Sim, sempre a mesma ! Disse a donzella, na maior calma possível.

— Pois hei de possuir-a !... E em seguida puxou do punhal.

— Nem mais um passo, senhor ! Articulou a donzella, se o der, juro-lhe, cairá debaixo da ponta desta arma !

Um rumor surdo fez-se ouvir nesse momento a um dos lados do subterrâneo.

Leonidas extremeceu. Parecia-lhe como que muitos passos de pessoas que caminhavam aceleradamente sobre o assoalho da casa !

Amedrontado e temendo ao mesmo tempo ser quivido, calou-se contrariadíssimo ao e recolheu-se ao seu aposento particular.

— Não me faltará occasião... Murmrou elle baixinho.

Aíla noite, o bandido, depois de ter tomado todas as precauções, que lhe pareceram necessarias, sahio, recommendando ao criado Ambrozio, a maior vigilância possível sobre a sua prisioneira.

Perdida completamente toda a esperança de possuir-a resolvera Leonidas retirar-se para a Hespanha, em companhia do miseravel amigo, que tão bons serviços lhe prestára.

O plano era o mais horrivel possível ! Preparada a viagem, partiram os dous, deixando a infeliz menina presa e inteiramente entregue ao desespero e a fome !

X.

Ambrozio tinha a chave do cadeado que fechava a entrada para o subterrâneo presa em uma corrente de latão, que trazia pendurada ao pescoço.

Accomettido por pesado sono, recolheu-se ao quarto de Leonidas, guardou a chave em um pequeno e occulto baraco na parede, tão bem coberto, que ninguem o descobriria e recostou apenas a cabeça. Momentos depois dormia profundamente.

Celina, ao ouvir-o roncar, encaminhou-se à porta e empurrou-a. Estava fechada.

Com o auxilio do punhal, e o mais silenciosamente possível, comprimiu a lingüeta da fechadura e conseguiu abrir-a.

— Meu Deus ! Exclamou ella, em voz quasi imperceptivel e ajoelhando-se, perdoai-me !... perdoai-me, se é um crime que pratico ! E em seguida, ergueu-se resoluta. De seus olhos partiam chispas de fogo. Seu corpo como que recuperara todo o vigor já perdido. Encaminhou-se para o seu guarda, que dormia a somno solto, levantou o punhal com força e da maior altura cravou-lh'o no peito !

Ambrozio não teve tempo para fallar, mal pôde erguer-se, faltou-lhe a luz e caiu redondamente no chão ! Estava morto !

Celina procurou, mas em vão, a chave, que vira sempre pendurada ao pescoço do malvado ; buscou-a por toda a parte e não lhe foi possível encontrá-la !

— Oh ! meu Deus ! estou perdida !... disse ella, tentando, mas debalde, quebrar o enorme cadeado, que a trazia reclusa !

Dentro de uma pequena mala cuja fechadura foiçou encontrou a donzella o testamento do infeliz José Bazilio e não pequena somma de dinheiro em moedas de ouro e prata.

— Morrerei ! Sim ! exclamou a desgraçada menina, morrerei a fome ! longe de minha mã ! encerrada neste antro, sem ver a luz do sol e sem ouvir se quer a palavra de conforto !... Mas que importa ? morrerei contente por não ter dado o gosto áquelle malvado de ver concluida a sua obra !

E Celina passeava tranquilla e socegada por todo o espaço da sala.

Desde que alli se achava era a primeira vez, que tinha occasião de examinar minuciosamente a natureza do aposento, que tanto horror lhe causara.

No fundo, em frente ao seu leito e além do quarto de Leonidas, estava collocado um grande e pesado armario de madeira. Com esforço extraordinario conseguiu a donzella atiral-o sobre o chão, examinando em seguida a parte da parede sobre que estava encostado. Havia alli um pequeno prego, que a donzella arrancou vendendo com a maior surpresa cahirem um apôs outros diversos tijolos, ficando um espaço aberto por onde podia passar qualquer pessoa, com a maior facilidade.

Extrema foi a alegria de Celina ! Voltou ao quarto de Leonidas, apossou-se do testamento, lançou a

mão a candeia e atravessou a parede. Estreito e longo corredor ia perder-se nas trevas até aonde não chegavam os paillidos reflexos da lampada ! Celina caminhon ! Seus pés firmavam-se difficilmente sobre objectos duros e de tamanhos irregulares. A baixou a vista e deparou com uma quantidade enorme de ossos humanos ! O pavor assaltou-lhe ao espirito, sentio um frio tão intenso, que lhe tolhia os movimentos !

— Meu Deus ! exclamou ella, dai-me coragem ! e proseguio com esforço.

No fundo do corredor havia uma porta, que estava fechada apenas por uma escora de madeira ; Celina abrio-a. Immediatamente a luz do dia veio recebel-a ao primeiro degrão de uma pequena escada, que a donzella subio as carreiras ! Mas qual não foi a sua surpresa ao achar-se em uma pequena sala terrea, que tinha apenas uma grossa grade de ferro, por onde lhe não era possivel sahir ! . . .

— Estou perdida ! disse ella, e assentou-se, desfalecida no chão.

## XI

Eram cinco horas da tarde. Passara o dia vagarosamente para a infeliz menina, que de quando em quando chegava á grade e lançava os olhos pela extensão de um ~~lindo~~ prado, que se perdia, ao longe, na raiz das serras !

De repente, e já ao declinar do sol, pareceu-lhe ouvir algumas vozes, que se approximavam d'alli.

E, com effeito, dous caçadores passavam na distancia de vinte passos mais ou menos e conversavam animadamente sobre as peripecias do seu terminado divertimento.

Ao vel-o Celina recuperou o animo, que já lhe ia pouco a pouco faltando e fez-se ouvir por estas palavras :

— Oh !... senhores !...

Os dous amigos voltaram-se ao mesmo tempo e ao depararem com a donzella, que os chamava instantemente correram a ter com ella.

Celina informou-os em um momento da sua desgracada sorte e extraordinario foi o seu espanto por lhe dizerem os dous amigos que ella se achava em Aveiro !

Não menos contentes e satisfeitos ficaram os cavalheiros por terem a dita de salvar a donzella de tão eminentemente desgraca, e sem perda de tempo dirigiram-se ás autoridades, que dariam á uma hora, mais ou menos, vieram, acompanhadas do povo, arrombar a grade e dar-lhe a quasi perdida liberdade !

Devassada por esta forma a sala particular daquella casa mysteriosa as autoridades penetraram no subterraneo e procederam a mais rigorosa busca, em todos os objectos que lá se achavam.

Na pequena mală do afamado salteador foram encontradas diversas cartas e papeis, que o denunciavam perfeitamente e aos seus companheiros e descobriam á polícia o mais seguro caminho para a captura dos maldados.

As nove horas da noite desse mesmo dia foi preso Leonidas, que estando distante da cidade na occasião da fuga da donzella e ignorando completamente o que se passára voltava no firme propósito de não pernoitar mais alli e de retirar-se definitivamente para a Espanha.

Leonidas confessou todos os seus crimes, denunciou um por um os companheiros, indicando ás autoridades os lugares em que pôdiam ser encontrados e afinal declarou que o portuguez José Bazilio fôra envenenado pelo criado Curval á instâncias suas e que á criada da Sra. Rosa devia todos os meios de que lançara mão para o rapto da donzella !

## XII

Rosa havia regressado para Lisboa, ha um mez, pouco mais ou menos, com sua cunhada Marianna e a menina Sofia.

Marianna em balde tentava nutrir a lisongeira esperança de torrar a ver ainda uma vez sua idolatrada e unica filha !

Desde o dia em que ella desaparecera, que a desditosa senhora não cessava de chorar e maldizer a sua sorte. Não era a mesma de outr'ora, estava reduzida á um cadaver ambulante !

Tinha os olhos pisados e fundos, as faces lívidas e encovadas e os beiços roxos como o lyrio que desabrocha nos combros da sepultura !

Estavam as tres senhoras a mesa do jantar, as quatro horas em ponto.

Marianna chorava e chorava sempre !

Sofia, ao recordar-se de sua amiga, abaixava os olhos entristecida e por sua vez deixava que algumas lagrimas de saudade profunda lhe corressem ardentes pelas faces rubras !

E Rosa, não menos impressionada, pelo desgosto procurava atenuar a dor, que á todas tão cruelmente delacerava !

— Marianna, dizia a matrona, é necessario que te alimentes ! Desta forma, se o céo nos deparar tua filha, não terás a necessaria força para recebel-a em teus braços !

— Oh ! eu já não creio, minha amiga, em uma tal felicidade ! Agora, só me resta morrer !... Respondeu-lhe Marianna.

— Pois eu, disse Sofia, creio e creio muito na misericordia de Deus. Está me parecendo a toda a hora, que vejo minha amiga Celina entrar por aquella porta !

— E' porque nós creamos facilmente naqüillo que desejamos, articulou a pobre mãe. Eu tambem nutri essa esperança !... Mas já lá vão seis mezes !... Ah ! eu não me engano !... Celina já não pertence á este mundo !...

Acabava Marianna de pronunciar as ultimas palavras, quando bateram palmas na sala da frente.

— Quem será ? Perguntou Rosa, levantando-se

— Quem quer que é já está na sala, disse Sofia. E as tres senhoras voltaram a vista para a porta do corredor.

— Oh !! minha amiga !! bradou Sofia, erguendo-se e correndo com os braços abertos para Celina, que tambem corria para ella !

Mariana quiz levantar-se, faltaram-lhe, porém, as forças, porque um treor nervoso, proveniente do seu indisivel contentamento e do estado de fraqueza em que se achava percorreu-lhe todo o corpo.

— Oh ! !... minha querida filha ! !... gritou ella, muito a custo.

Celina cahio nos braços de sua mãe, e ambas, mãe e filha, choravam abundantemente !

A infeliz menina não estava menos cadaverica do que a desventurada autora da sua existencia. Perdera a rosea côr do seu rosto, sempre bello e jovial, e consumidas as carnes, pelos tormentos que passara, parecia antes um cadaver de mulher, que se levantava do sepulchro !

— Está bom, basta de abraço, disse Rosa, para a donzella, que ainda não se havia separado do seio da sua mãe ! Eu tambem tenho direito a ser abraçada assim.

Celina fez-lhe promptamente a vontade. E parecia, que aquella virtuosa familia começava de novo a viver !

Carlota, a celebre criada da Sra. Rosa, ao ouvir pronunciar o nome de Celina, ficou atterrada. Seu

primeiro pensamento convidou-a a fugir e o teria feito sem duvida, se o dedo de Deus não se houvesse erguido sobre ella.

— Mas, como é isto, minha menina, perguntou a dona da casa, tú vieste só?

— Não, minha tia. Ahi estão na sala os dous distintos e honrados cavalheiros á quem devo a vida, e bem assim um emissario da policia:

— Um emissario da policia?! E a que vem elle?

— Prender e conduzir a Aveiro a criada de V. Exc., articulou o agente da autoridade, que se encaminhava para dentro.

Carlota não pronunciou nua palavra, abaixou a cabeça, pela consciencia do crime, e entregou-se promptamente á punição da justica.

### XIII

Durante o resto do dia e toda a noite reinou o maior contentamento no seio da honrada familia.

Celina contou minuciosamente todos os factos da sua vida de prisioneira e arrancou ainda uma vez abundantes lagrimas de todos aquelles que a ouviram.

— Carlos, disse Marianna, partiu ha quatro meses para a França, dahi passou-se a Espanha, empregou todos os esforços para descobrir-te... Coitado!... Ainda ultimamente me dizia elle em suas cartas:—

Nem um só indicio tenho obtido da nossa idolatrada Celina !... Diz-me o coração que ella é morta...

— E onde está elle hoje, minha nái ?

— Regressou para o Brazil, Recebeu uma carta de seu pai, que se achava muito doente e lhe regava que voltasse. A esta hora estará talvez dando ao pobre velho a mesma alegria que me deste !

O testamento do velho portuguez José Bazilio, foi desde logo exhibido ás autoridades respectivas, constituindo-se assim sua herdeira universal a encantadora Celina, filha unica do fallecido Paulo de Oliveira, o mendigo do Lavradio !





## QUARTA E ULTIMA PARTE

### O REGRESSO PARA O BRAZIL

*Realisa-se o adagio*

#### I

Carlos Augusto trabalhou incessantemente, durante mezes, a procura de sua amante.

Na Hespanha colheu elle informações exactas sobre Leonidas. Esteve em Manzanares, frequentou todas as tascas, relacionou-se com diversos maltrapilhos, gastando não pequena somma nas suas continuadas pesquisas.

Leonidas havia um anno que não era visto na Hespanha. Contava-se delle um sem numero de factos extraordinarios e todos aquelles que tinham conhecimento do rapto afirmavam ao infeliz amante, que o malvado não abandonaria a sua presa senão depois de satisfazer os seus abominaveis caprichos.

Carlos perdeu afinal a esperança de ter noticias de

Celina ! Escrevia sempre á Marianna e as respostas desta desgraçada senhora vinham ainda mais certificá-lo da inefficacia dos seus esforços e trabalhos.

Já desenganado e quando se lhe havia esgotado os ultimos recursos pecuniarios que recebera de seu pai, ao voltar para Pariz, recebeu uma carta deste, em que lhe rogava instantemente que regressasse ao Brazil.

O visconde de B... achava-se gravemente enfermo, mesmo em perigo de vida, segundo a opinião dos facultativos, que por sua vez tambem haviam escripto ao mancebo, pedindo-lhe que voltasse com a maior brevidade possivel, se por ventura quizesse ver pela ultima vez o desventurado autor da sua existencia.

Ao receber taes cartas o joven não se fez esperar por muito tempo, embarcou no primeiro paquete e regressou à sua patria.

## II

Ao ver seu filho a alegria do visconde foi extraordinaria, recostou-se nos travesseiros do leito em que extorcia-se martyrizado por molestia grave e caprichosa e abraçou-o banhado em lagrimas.

— Carlos ! meu querido filho ! exclamou elle, se te demorasses por mais alguns dias não encontrarias teu pai !

Carlos expoz ao visconde de B. todos os factos importantes da sua vida na Europa. Seu encontro com Celina, o effeito que lhe produziram aquellas cartas,

que seu pai escrevera em sua ausencia, e ferimento grave que recebera e finalmente o desapparecimento da desgraçada menina e os esforços que empregara para descobril-a, sem com tudo o conseguir.

O visconde mostrou-se de veras penalizado ao ouvir as peripecias de um romance para o qual tão efficazmente concorrera, pedio ao filho que o perdoasse, affirmando-lhe que tudo fizera por seu bem, e provedor de Lucilla, sua afilhada, filha unica do marquez de A. seu maior e mais dedicado amigo.

— Estou ás portas da morte, como vês, meu filho, disse elle, apertando a mão do mancebo, e estou certo de que não me recusarás neste momento extremo e solenne o ultimo favor que te peço...

- Oh ! meu pai !... Exclamou Carlos, fitandole os olhos enternecidos. Bem sabe que sempre fiz a sua vontade...

— E' isto verdade, foste sempre um bom filho, humilde e obediente. Pois bem. Quero que te cases com Lucilla. Sei que ella ama-te extremosamente. Em tua ausencia diversos cavalheiros importantes e de nobres familias ambicionaram sua mão, e ella recusou-a á todos ! Lucilla é uma menina virtuosissima, dotada de muitas prendas naturaes e de uma educação de princeza. Bem sabes que o marquez não teve outra filha, esmerou-se extremosamente por esta. Acresce á tudo isto um dote invejavel, seiscentos contos talvez...

— Não se me daria fazer-lhe a vontade, meu pai..., mas, me dá licença, confessô-lhe ainda uma vez

que adoro hoje mais do que nunca a infeliz filha do mendigo do Lavradio !

— Que ! Pois não acabaste de dizer, que foi ella raptada por um bandido e que até a data da tua partida para cá nem um indicio sequer apparecerá do destino que levou ? !

— E' verdade ; mas, quem sabe ? talvez que a esta hora...

— Concedamos que assim seja, que a esta hora tenha ella regressado à casa de sua mãe. Será por ventura a mesma donzella, que se deixou seduzir por um salteador e que viveu por seis meses na sua intima e isolada companhia ? !

— Oh ! meu pai ! articulou Carlos, em nome de Deus, peço-lhe, que não fale assim ! Celina foi vítima de uma traição e sou capaz de jurar em como preferiria a morte à perda da sua honra.

— Não duvido. Acho, porém, que seis meses é tempo muito longo para se esperar, em tal caso, uma volta desejável ! Olha, Carlos, tu és ainda muito moço, falta-te a experiência da velhice ... Os homens são tão sedutores ! e as mulheres tão sensíveis, tão faceis...

— Os homens são sedutores, sim, meu pai ; mas os homens sedutores são sempre os que illudem a boa fé e o amor das infelizes donzelas, já com palavras repassadas de muito afecto e ternuras, já com juramentos mentirosos de uma paixão, que nunca tiveram. As mulheres enganam-se, então, creem nas vozes desses vampiros da honra e cedem, não porque sejam fa-

ceis ; mas porque não podem ler no íntimo dos corações alheios e muita vez porque amam.

Com Celina, porém, deu-se o contrário. Leonidas vio-a, ficou encantado pela sua beleza e sem que alguma vez tivesse occasião de fallar-lhe ou ser visto pela desgraçada ou sonraptal-a !

Conheço o coração dessa pobre menina, avalio perfeitamente o quanto não terá sofrido, reclusa, em companhia de um malvado, que a não saberá respeitar, lembrando-se à cada instante da mim, de sua pobre mãe e de todas as pessoas que lhe são caras ; mas seria capaz de apostar a vida em como não haverão rogos que a convençam, nem ameaças que a intimidem. Celina preferirá a morte ao sacrifício da honra !

— Mas repara, que ha seis mezes !

— Seis mezes ! exclamou Carlos, sim, seis mezes !... Oh ! meu Deus ! como não terá sofrido a desgraçada !...

— Meu filho, contiou o visconde de B., bem vês que não te pedirei mais nada ! O que me pode restar de vida ? dias, talvez... Da-me ao menos a suprema ventura de deixar-te casado, com essa menina á quem tanto estimo. Oh ! não te opponhas mais á esta minha derradeira vontade ! Lucilla é um anjo, ella adora-te, que eu sei, e os seus carinhos de esposa suavisarão em pouco tempo todas as tribulações e saudades do teu espírito... Eutão, o que me dizes ?...

— Digo-lhe que farei a sua vontade, meu pai...

III

No seguinte dia o marquez de A. e sua filha Lucilla vieram passar o dia com o visconde de B.

Carlos depois de ter trocado algumas palavras afectuosas com a donzella atreveu-se a pedil-a em casamento ao marquez.

— Parece-me, que só faltava a sua vontade, meu rapaz, disse o velho rindo.

O meu amigo visconde ha muito tempo que o deseja, Lucilla ama-o... sei disso porque já m'o confessou, e eu não posso nutrir sobre esta filha, outra esperança mais lisongeira do que a de vel-a unida por laços matrimoniaes ao filho estremecido do meu mais velho e verdadeiro amigo.

— Obrigado. Respondeu Carlos, beijando respeitosamente a mão do marquez.

— Ora, graças á Deus ! exclamou o moribundo visconde recostando-se a custo. Carlos ! vem cá.

Eu te agradeço, meu filho. Oh ! eu te agradeço muito ! Não vês ?... Olha o marquez... chora, não é assim ? Tambem eu choro, e estas lagrimas revelam apenas o contentamento, que vai em nossos corações !... Somos amigos intimos, desde meninos, casamos no mesmo dia : enviuvámos cêdo e cada um de nós teve um filho, um filho sómente !

Teu casamento com a filha do meu amigo é o sello eterno, que nos continuará a trazer unidos sobre a terra

na lembrança fiel, imorredoura dos entes que nos são mais caros !... Oh ! obrigado, meu filho !...

Carlos chorou por sua vez e Lucilla, banhada em lagrimas, aproximou-se do visconde, tomou-lhe a mão cadaverica e levou-a aos labios.

— Minha filha ! Articulou o enfermo, com palavras tremulas e arrancadas bem do intimo d' alma. Fiz-te o casamento, agora, quero tambem que me faças um favor. E' o ultimo, bem sei ; mas tu não me faltarás, não é assim ?

— Não, meu pai, não faltarei. O que é que me pedirá, que eu não lhe faça ? !

— Pois bem. Sei que tenho poucos dias de vida. Quero que me faças a mortalha !

— Oh ! a mortalha !... Exclamou a menina enternecidia.

— Sim, a mortalha, minha filha. Não te admires do pedido que te faço. Tenho sido um tanto original nos meus costumes, nos meus habitos, nas minhas vontades finalmente. A mortalha é o ultimo involucro do corpo humano, extingue-se com elle e com elle se desfaz e se reduz á pó !

Diziam os autigos, e ainda hoje afirmam os espiritistas, que os espíritos, se apresentam nas esferas que lhes são predestinadas envoltos em um perispírito ou alma, conservando o ultimo trage com que fôra coberto o corpo no acto de ser dado á sepultura. Pois bem, verdade ou não verdade essa opinião dos philo-

sophos, quero que o meu habito seja talhado por ti.  
Fazes-me este favor ?...

— Oh !... Mas o meu padrinho não morrerá...

— Creança ! Quem melhor do que eu poderá julgar do meu estado ? Morrerei, sim, e tal é a convicção que tenho, dos poucos dias que me restam, que peço ao meu amigo marquez, haja de dar as suas providências afim de que dentro do menor tempo possível se faça o teu casamento.

#### IV

O visconde de B., peiorava consideravelmente de dia em dia e as mais promptas providências eram dadas para que se effectuasse, antes da sua morte, o casamento de Carlos Augusto com a filha do marquez de A.

Carlos vivia opprimido por uma tristeza profunda. A lembrança de Celina revivia ao lado do seu amor sempre constante, profundo e verdadeiro.

— Oh ! dizia elle com sigo, em vespertas do seu casamento, se Celina ainda for viva ! Se a esta hora estiver livre das garras daquelle malvado e recolhida ao seio de sua mãe ! Se sua honra não tiver sido maculada !...

E seu espirito experimentava as mais dolorosas sensações, as mais tristes e afflictivas lembranças...

A ultima carta que recebera de Marianna, em vespertas de sua partida para o Brazil, não lhe deixava a

menor esperança de tornar a ver a unica mulher a quem tanto e tão excessivamente amara !

« Está tudo perdido ! dizia-lhe a desgraçada mãe. Não me resta mais uma esperança de tornar a ver minha filha ! São todos a dizerem, em uma voz, que o monstro roubou-lhe a honra e a existencia !... »

Carlos esforçava-se para mostrar-se prasenteiro e feliz, em presença de sua desposada, a qual ignorando completamente os amores que o traziam preso á outra, pelo coração, mostrava-se desvelada e excessiva em dar-lhe muitas e repetidas provas de um amor puro e inocente.

V

Estamos aos 20 de Novembro de 1861, data fatal para Carlos, pois haviam passado já douz annos, que naquelle mesmo dia conduzira elle á Tyjuca o velho Paulo de Oliveira e vira pela primeira vez a linda e encantadora Celina, imagem eternamente amada em seu coração e da qual não podia esquecer-se um só instante !

O casamento estava marcado para o dia seguinte.

A casa do visconde B. ostentava-se completamente illuminada. Eram 8 horas da noite.

Diversas families, todas de pessoas da mais alta roda social, achavam-se presentes e acabavam de dar parabens ao velho visconde pelo proximo consorcio de seu filho.

O visconde, estirado sobre o leito e mais do que nunca atribulado pelos encommodos graves da molestia fatal que o devorava, de quando em quando e na presença dos amigos que o saudavam, exprimia nos lábios um sorriso triste mas bastante significativo do prazer que experimentava.

Lucilla conversava animadamente com suas amigas e fazia-as coparticipantes dos lindos e gigantescos castellos que se lhe formavam no cerebro.

Carlos, assentado junto á uma das mezas da sala, lia o *Jornal do Commercio* e distrahia-se em devorar aquella multiplicidade de noticias, desde a primeira até a ultima pagina.

Por acaso seus olhos fixaram-se no *movimento do porto*.

Alli se achava impressa a ultima lista dos passageiros vindos da Europa. Carlos leu-a nome por nome.

Qual não foi porém, o seu espanto, quem sabe, talvez, o seu terror... ao ver o nome de Celina e de todos os da sua familia ? !

Ergueu-se de um salto, deu alguns passos na sala em direcção diversas e elle mesmo não poderia dizer á si o que sentia e o que pensava o seu espirito !

Neste mesmo instante dizia o visconde de B. ao seu amigo marquez.

— Foi uma excepção, meu velho amigo, bem vés, que tanto o casamento como a mortalha são feitos

ao meu sabor. Nem sempre o céo nos conquista muitas das nossas vontades...

VI

Marianna sofrera horrivelmente durante a au-  
zencia de Celina, na sua idade tantas e tão duradouras  
angustias são sempre de tristes e dolorosos resul-  
tados.

Sua saude achava-se affectadissima e necessario  
era que sem perda de tempo cuidasse seriamente de  
tratal-a.

Os medicos aconselhavam-lhe uma viagem ao  
Brazil, receita esta que se quadrava perfeitamente com  
o mais ardente desejo de Celina.

Senhora de uma grande fortuna, millionaria mes-  
mo, a filha do infeliz mendigo do Lavradio ardia em  
desejos de regressar á sua patria, quasi certa de que o  
visconde de B. não encontraria mais o poderoso moti-  
vo, que então tivera, para embaraçar-lhe o casamento.

Uma ideia afflictiva preocupava entretanto o espi-  
rito de Celina - Carlos, dizia ella, perdida a esperança  
de encontrar-me terá riscado o meu nome da sua viva  
lembraça ? terá desposado outra ?

Sofia procurava dissudir sua amiga dessas doloro-  
sas apprehensões, encarecendo o mais possivel o amor  
do joven, na leitura constante das muitas e interessan-  
tes cartas que escrevera elle á Marianna, durante a sua  
estada na Hespanha e na França.

Obedecendo a ordem dos médicos embarcou Celina para o Brazil, em companhia de sua mãe, tia e amiga, e chegaram no Rio de Janeiro no dia 12 de Novembro no referido anno de 1861.

## VII

Ao chegarem na corte hospedaram-se no hotel *Ravot*, donde mandou Celina, sem perda de tempo, que lhe arrendasse e mobiliasse ricamente a mais linda chacára, que por ventura se achasse vazia na estrada da Tyjuca.

Effectivamente, estava para alugar um bello, novo e vasto palacete, situado nas imediações da triste casinha em que a filha do mendigo tivera o primeiro berço da existencia.

Oito dias depois da sua chegada á corte Celina gosava, na doce e amada companhia de sua carinhosa mãe e amigas dos attractivos e encantos, que prodigamente offerece a natureza, no mais saudavel arrabalde do grande município neutro.

Marianna, desde os primeiros dias da viagem, que tinha melhorado muito em sua saude; pouco a pouco recuperara ella todas as forças perdidas, o animo e a vida, que já lhe pareciam a extinguir-se!

Celina dava graças a Deus, pelas sensiveis melhoras que apresentava sua mãe, e muito embora cercada de todos os commodos, que lhe facilitavam a riqueza,

seu coração achava-se como que envolto em crêpe, uma tristeza mortal esmagava-lhe o espirito !... Carlos !

Seria possivel, que o mancebo ignorasse a sua chegada ?! Os jornaes haviam publicado o seu nome e entretanto, oito dias eram passados e elle nem ao menos dava noticia de si !

— Terá, talvez, nos procurado, dizia a afflictiva menina à sua amiga. Não sabe aonde nos achamos !..

— Se for ao hotel *Ravot*, articulou Sôfia, saberá logo aonde estamos.

E as duas amigas entretinham-se animadamente nessa conversa, assentadas à sós junto de uma pequena mesa de pedra collocada no jardim, quando parou um carro no portão.

Levanteram-se ambas, e de mãos dadas, sem que podessem pronunciar uma só palavra, correram a ver quem era.

— Oh ! Carlos ! ! exclamou Celina, abrindo os braç•s ao mancebo, que receben-a n'um amplexo, silencioso e triste, como se fora uma estatua de mármore !

Entraram para a sala.

Carlos estava pallido, tremulo e desfalecido, como pode ser o moribundo, que se levanta pela ultima vez para soltar o derradeiro arranco da vida !

■ — Meu Deus ! disse Marianna ao abraçal-o, como está pallido ! ! O que tem, Sr. Carlos ? !

— Oh ! soffre ? ! ... Carlos..., o que tem ? ...

balbuciou Celina, pegando-lhe na mão direita e fazendo-o assentar-se no sofá.

— Não tenho nada, articulou o mancebo, é o prazer que me mata ! Oh !... e poderá haver contentamento na vida, que se possa comparar ao meu ? !...

Celina nunca havia parecido tão formosa aos olhos de seu amante !

E, na verdade, estava linda, brilhava de beleza e formosura, como se fora um anjo ao receber nas faces roseas e divinas os puros e brilhantes reflexos do luminoso trono de Deus !

Trajava um vestido de seda azul celeste ; simples laço de fita branca cingia-lhe a cintura ; um colar de perolas pendia-lhe no pescoço e sobressahia por entre os longos e bastos cabellos negros que lhe beijavam o rosto.

O mancebo contemplou-a extaviado, seu coração pulsava com tanta força, que lhe interrompia a fala, parecia-lhe um sonho, uma visão, puras criações da phantazia !

Finalmente despertou !

— Celina, disse elle, minha muito amada Celina ! dize, que não é um sonho tudo isto que me cerca..., que eu estou aqui, que tu és a mesma, que me amas, como sempre m' o disseste !

— Oh ! e poderá acaso duvidal-o ?... articulou a menina, tomndo a mão do joven entre as suas e apertando-a com affecto ?

Ao sentir o contacto daquellas mãos avelludadas,

frias e mimosas entre as suas, Carlos recordou-se de Lu-  
cilla, lembrou-se de que seria seu esposo dentro em bre-  
ve e um desespero mortal apoderou-se do seu espirito.  
Reclinou languidamente a cabeça no encosto do sofá e  
as lagrimas de uma afflção suprema arrebentaram-lhe  
nos olhos.

Celina, triste e inquieta enchugou-as meigamen-  
te com o seu fino lenço de canbraia bordado, passou-lhe  
a mão pela fronte lívida e chorou tambem.

Então, o que é isto ? ! Pergunhou a sra. Rosa. Es-  
tão a chorar ? ! Lagrimas agora, neste momento supre-  
mo de prazer e felicidade ? ! . . . Ora, não consinto, Sr.  
Carlos ! Conversemos. Temos muita cousa para con-  
tar-lhe.

E assentaram-se todas ao redor do mancebo.

Celina descreveu, ainda uma vez e com as sim-  
ples cores da verdade, todos os tormentos que sofrera.

Carlos, em seguida á sua amante contou resumida-  
mente a sua historia e concluiu dizendo :

— Meu pai está nos ultimos dias da existencia! Uma  
enfermidade atroz tira-lhe a vida lentamente. A medici-  
na desenganou-o, por fim ! . . . E eu ? . . . oh ! eu sou  
um desgraçado ! . . .

As duas horas da madrugada o mancebo regressa-  
va para casa.

### VIII

O casamento do jóven Carlos Agusto com a inte-

ressante e formosa filha do marquez de A. devia celebrar-se nesse dia, ás 7 horas da noite.

As quatro horas da tarde um criado do visconde de B. hia a toda pressa avisar á infeliz menina de que seu noivo, desde a manhã, ardia em uma febre devoradora, sem dar accôrdo de si.

Uma hora depois a casa do visconde de B. regorgitava de familias, que vinham visitar os doentes.

Lucilla tinha o coração sobresaltado desde a véspera, pois que, conversando com suas amigas não tirara, entretanto, os olhos de sobre seu noivo, e vira que elle soffria ao deixar o *Jornal*, que tão attentamente lera, retirando-se em seguida, sem despedir-se de ninguem e não voltando até meia noite, quando se recolhera ella a casa, em companhia de seu pai !

Lucilla amava extremosamente á Carlos, estremecia por elle. Ao chegar em casa do Visconde correu ao quarto em que se achava, tomou-lhe o pulso e viu que ardia em uma febre excessivamente elevada.

— Oh ! Celina ! Celina !... exclamava o mancebo, delirante, bem vês que sou teu... amo-te e juro que não pertencerei á outra !..

— Celina !! oh ! meu Deus !... Proferio a donzella, admirada. Elle delira !... Mas... faz protestos !... jura e diz que não pertencerá á outra !... Quem será esta mulher ? ! Oh ! é sua amante, sem duvida ! Elle chama pelo seu nome, esquece o meu !... esquece-me o ingrato no dia do seu casamento !

E Lucilla desatou a chorar.

Carlos continuou no tresvario. Entre muitas palavras soltas e inconnexas deixava comprehender perfeitamente á desgraçada menina—o seu amor pela outra !

Lucilla correu ao quarto do visconde, estava banhada em lagrimas.

— O que tens, minha filha ? ! Meu Deus ! que lagrimas são estas ? !...

— Oh ! meu padrinho ! exclamou a donzella, em solucos, elle não me ama !...

— Não te ama ? ! Quem t' disse ? ! . .

— Ele proprio. Está em delirios, falla, jura e chama repetidas vezes pelo nome de Celina !...

— Celina ! que ? !... Scrá possivel ? !...

— Oh ! o padrinho sabe e não me disse nada !... Porque não me contou tudo ? Porque não me disse que Carlos amava á outra ? !... Eu lhe peco..., supplico-lhe, que me ponha a par do seu passado... A partida repentina para Europa... a sua tristeza constante .. a abstracção em que vivia... Eu bem o comprehendo !... oh ! meu Deus !...

E Lucilla assentou-se junto ao leito do visconde, encostou a fronte nos travesseiros e deu expansão ao doloroso sentimento de sua alma.

O visconde, que informava-se a cada instante do estado melindroso de seu filho, não teve grande dificuldade em comprehendêr o poderoso e unico motivo do seu repentino encommodo. Fez um grande esforço sobre si proprio, recostou-se, fixou os olhos na menina e fallou...

Lucilla ouvia-o com attenção religiosa, não lhe perdia uma palavra ! Em poucos instantes sabia a infeliz menina toda a historia de seu noivo !

— Obrigada, disse ella,obrigada, meu padrinho ! Juro-lhe, que não farei a desgraça de dous entes que ha tanto tempo se amam !...

— Que ? ! O que dizes, minha filha ? !...

— Digo-lhe, que o Sr. Carlos Augusto, seu filho, ha de casar com Celina, a filha, do mendigo do Lavradio !...

Ao pronunciar estas palavras Lucilla ergueu-se rapidamente, limpou algumas lagrimas, que ainda lhe

rolavam pelas faces, tomou a mão do visconde, beijou-a e sahio.

— Seja tudo pelo amor de Deus ! articulou o moribundo, unindo as mãos cadávericas e levantando-as á altura da cabeça. Este rapaz está doido !...

## IX

No dia seguinte Carlos amanhecia melhor. O criado veio dizer-lhe, logo pela manhã, que o visconde precisava muito falar-lhe.

O mancebo, sempre obediente ás ordens de seu pai, não se fez esperar por muito tempo.

— Meu pai, disse elle entrando no quarto do visconde, sinto profundamente lhe haver causado por alguns momentos—maiores e mais crueis afficções ! Foi um encommodo passageiro, já estou muito melhor...

— Graças á Deus ! pronunciou o doente. E não conheces a causa dessa molestia inesperada ?...

Carlou abaixou a cabeça pensativo.

— Conheço, sim, meu pai, articulou elle. Realizou-se o que eu previa ! Celina, acaba de chegar ao Brazil !

— Eu já o sabia, disse o visconde, suspirando.

— Já o sabia ? ! Como ?

— No tresvario da febre contaste tua historia á Lucilla, chamaste repetidas vezes pelo nome dessa mulher e deste-lhe a conhecer o teu amor !...

— Oh ! meu Deus ! exclamou Carlos, estupefacto. E Lucilla ouvio-me, contou-lhe tudo... E o que lhe disse, meu pai ?...

— Interpellou-me, exigio que lhe contasse o teu passado, e...

— E meu pai contou-lhe ? !...

— Conte-lhe, sim... oh ! Carlos ! tu sabes o que

tenho soffrido nestas ultimas horas ? ! Lucilla ama-te, adora-te ! coitadinha !... chorava como uma criança !

Carlos assentou-se á cabeceira do leito de seu pai e levou o lenço aos olhos.

Qual sera a linguagem simples e natural, que possa ao certo exprimir toda a intensidade do martyrio que atravessava de lado a lado o coração do desgraçado mancebo ? !

O que fazer em tão seria, grave e importante conjunctura ? !

Carlos não dissera nada á Celina do seu proximo acsamento. E teria elle coragem para dizer-o ? Poderia retirar sua palavra de honra, o pedido solemne que fizera ao marquez, da mão de sua idolatrada filha ? Se o fizesse poderia dar no coração de seu pai moribundo um golpe mais profundo, mais doloroso e mortal ?

— Mas, afinal, proseguio o viscodde, o que pretendes fazer ? Qual é a nova attitude que tens tomado em negocio de tanta gravidade e ponderação ?... Fizeste mal em procurar essa mulher, Carlos ! Tua palavra importava nem mais nem menos do que o acto sagrado a que te havias compromettido. Hontem devias ter casado com Lucilla. Bem quizera eu advinhar o que se passa em teu espirito neste momento, e juro-te, que se divisasse nelle a menor intenção de não cumprires a tua palavra poria termo a existencia, acabaria com as minhas proprias mãos todos esses tormentos horriveis porque tenho passado e porque terei de passar, com tanto que não sobrevivesse à deshonra, ao opprobio da tua conducta ! !... Vamos, coragem, meu filho ! coragem ! Vai á casa do marquez, pede perdão áquelle anjo do involuntario mal que lhe causaste... O casamento pode ser hoje..., não é assim ? .

— Será, meu pai. Articulou Carlos, será... o que Deus quizer !... E sahio.

Em breve momento o joven tinha tomado uma re-

solução de desespero, de loucura talvez. Dirigio-se ao seu quarto e escreveu as seguintes linhas :

« Ha situações tão serias, tão críticas na vida do homem, que só a morte lhes pode dar uma solução satisfactoria ! Eu estou n'uma destas situações ! Perdoem-me, portanto... A' Deus meu pai !... »

Em seguida lançou mão de uma pistola e carregou-a.

A porta do quarto estava aberta. Mal acabava de apromptar a arma quando se lhe apresentou Lucilla, dizendo que lhe queria fallar.

Ao aspecto funebre do joven a infeliz menina deu um grito e precepitou-se para elle.

— O que é isto, senhor ?! O que pretendia fazer ?!... Exclamou ella.

Carlos não lhe respondeu.

A pistola tinha lhe cahido das mãos !

Lucilla viu o bilhete e leu-o rapidamente.

— Matar-se ?!... Oh ! que loucura, meu Deus ! disse a donzella, com a maior meiguice possivel. Vejo e comprehendo, Sr. Carlos, que a sua situação é na realidade melindrosa ; mas se á alguem compete matar-se é á mim...

— Que ? ! ! Exclamou o mancebo, levantando-se.

— Sim, á mim, que amo e não sou amada, que hia concorrendo simples e involuntariamente para a desgraça de duas pessoas que se idolatram, ha tanto tempo. Que digo eu ? para a minha própria desgraça ; porque o senhor não poderia amar-me, não poderia jamais retribuir-me os excessos de affeção, que eu tinha para offertar-lhe... Não é assim, Sr. Carlos ?...

— Oh ! Lucilla ! pelo amor de Deus, perdoame !... balbuciou o mancebo ajoelhando-se aos pés da menina, que o olhava compassiva.

— Eu não tenho nada que perdoar, disse ella. Mi-

nha resolução está tomada e juro-lhe, Sr. Carlos, que a minha resolução é a que ha de prevalecer...

— E qual é a sua resolução?...

— Eu lhe digo. Assente-se e ouça-me. E Lucilla fallou com a maior serenidade possível:

— Ignorava sua historia, Sr. Carlos, só hontem tive d'ella conhecimento, ainda em tempo, graças à Deus, e muito em tempo!...

Amava-o e julgava-me amada pelo Sr. Longe estava de pensar, que a sua viagem á Europa fôra motivada por uma paixão, que ainda vigóra e vigoraré sempre, em seu amoroso coração! seu tresvario de hontem revelou-me tudo! O que me restava saber contou-me o Sr. visconde, culpado unico da desgraça que nos estava eminente!

Bem vê, que não posso ser sua esposa, não posso e nem quero, já o disse à meu pae e já preveni ao seu. Não hei de concorrer conscientemente para o infortunio de tres pessoas, que amam profundamente!... Oh! isso não farei nunca! Se o Sr. caçasse comigo faria um sacrificio, sujeitar-se-hia á um martyrio á que eu seria também arrastada por todo o tempo da minha vida!... E Celina!... essa mulher feliz, porque é amada, muito amada, passaria tambeir por um inferno de supplicios..., depois de tanto tempo de lutas, de afflícões, de amarguras horriveis!

O Sr. ha de cazar com a filha do mendigo do Lavradio, sou eu quem o diz, e isto quanto antes, Sr. Carlos... sim, quanto antes; porque vou partir, irei tambem viajar á Europa, em companhia de meu pae, e quero ter a satisfação de vê-los unidos, felizes e venturozos!...

— Oh! Lucilla!! exclamou Carlos, quanto é sublime a tua resolução! Eu te agradeço!... Tens o espirito de um aujo!

— Adeus, Sr. Carlos, disse a menina, levantan-

do-se. Vou dar agora a minha derradeira palavra ao meu infeliz padrinho!

X

Oito dias depois, Carlos, despozava, com o consentimento de seu pae, a bella e encantadora filha do mendigo do Lavradio.

Celina, hia desfrutar, no gozo de um amor sem limites, e na companhia de sua adorada familia, uma fortuna invejavel!

— Então, visconde?.. Perguntava ao enfermo o seu amigo marquez de A, em vespera da sua partida para a Europa. O que tens agora a dizer-me?...

— Digo-te, respondeu o visconde, bem do intimo de sua alma, digo-te, marquez, que eu fui um nescio, como sao nescios todos os paes, que sem um motivo muito serio e ponderoso, se oppõem obstinadamente ás inclinações amorosas de seus filhos!...

— Logo, o casamento e a mortalha?..

— Oh! não acabes!... articulou o moribundo. Sou eu quem o deve pronunciar....

O casamento e a mortalha no céo se talham!...

FIM









868.9L473  
OC

MAY 30 1980

UNIVERSITY OF MINNESOTA

wils  
868.9L473 OC

Leal, J ulio C esar, 1837-1897.

Casamento e mortalha no ceo se talha : r



3 1951 001 024 293 W